

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOQUÍMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA
VIDA E SAÚDE

JULIANA CARDOSO PEREIRA

A INSERÇÃO DAS MULHERES NA CIÊNCIA:
Efeito de um Dispositivo de Visibilidade

PORTO ALEGRE

2019

JULIANA CARDOSO PEREIRA

A INSERÇÃO DAS MULHERES NA CIÊNCIA:

Efeito de um *Dispositivo de Visibilidade*

Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências.

Orientadora: Dra. Rochele Loguercio

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

PEREIRA, JULIANA CARDOSO
A INSERÇÃO DAS MULHERES NA CIÊNCIA: Efeito de um
Dispositivo de Visibilidade / JULIANA CARDOSO PEREIRA.
-- 2019.
116 f.
Orientador: ROCHELE LOGUERCIO.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde,
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências:
Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. MULHERES NA CIÊNCIA. 2. DISPOSITIVO DE
VISIBILIDADE. 3. MICHEL FOUCAULT. 4. GÊNERO. 5.
CIÊNCIA. I. LOGUERCIO, ROCHELE, orient. II. Título.

Composição da Banca Examinadora

Profa. Dra. Rochele Loguercio (Orientadora - UFRGS)

Profa. Dra. Ana Maria Colling (PPGH-UFGD)

Profa. Dra. Claudia Glavam Duarte (PPGEC-UFRGS)

Prof. Dr. Jarbas Santos Vieira (PPGEdu-UFPel)

*À minha Vó Aurora!
Não alfabetizada
durante sua existência,
nunca escreveu uma só palavra.
Vó, eu escrevi por nós duas!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, por me propiciarem condições de possibilidade para ir em busca do que eu quis.

Agradeço às minhas primas irmãs, Patrícia e Lucinara, que sempre compreenderam minhas ausências e me incentivaram durante a jornada.

Agradeço à UFRGS e ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências pela oportunidade de cursar um Doutorado em uma Universidade pública e de qualidade!

Agradeço à Prof^a Rochele, por todos os momentos vividos; pela amizade, por ter me propiciado experiências maravilhosas durante este período de 15 anos de convivência, expandindo meu horizonte teórico e me mostrando que a vida é feita de maravilhosas lateralidades. Prof^a Rochele, desde o dia que te conheci na UFPel, ainda durante a graduação, meu coração se alegrou, pois tive a certeza de que estava no lugar certo, que eu poderia unir a beleza da filosofia à ciência; todos os dias você nos dá belos exemplos dessa união! Serei eternamente grata!

Agradeço ao Prof. Verno Kruger, que há 15 anos me ensinou como fazer pesquisa em Educação. Espero ter correspondido teus ensinamentos com mesmo primor, dedicação e carinho com que me ensinaste.

Agradeço ao Prof. Jarbas Vieira, que lá em 2009 acreditou que eu me tornaria uma pesquisadora, me dando a oportunidade de cursar o Mestrado em Educação na UFPel. Prof. Jarbas, jamais esqueço daquele dia que me disseste: tens muito a falar e a escrever, vai em frente, e eu vou contigo, não te preocupes! Obrigada Jarbas!

Agradeço aos colegas de grupo de pesquisa, pela compaixão, pela amizade e companheirismo, por me lerem e me ajudarem sempre. Agradeço, em especial, às gurias: Susana, Paloma, Paula, Juzinha e Josiele. Agradeço também às amigas que sempre estiveram me ajudando a compor saberes! Obrigada Aline Ferraz, Cecília Boanova e Keli Holosback.

Agradeço às minhas colegas de trabalho do IFSul pela amizade e apoio, em especial ao quinteto: Anelise Volkweiss, Rita Costa, Mirian Griep, Érica Oswald e Josiane Stein.

Agradeço aos estudantes que passaram pela minha vida de docente, vocês foram meus motivadores nesse processo.

Agradeço aquelas estudantes que caminharam comigo, ajudando a compor a tese, inicialmente no IFMS Campus Campo Grande (Isabela e Vitória) e, posteriormente, no IFSul Campus Sapiranga (Vitória).

Agradeço ao IFSul, por ter me concedido afastamento durante os dois últimos anos do Doutorado, possibilitando minha dedicação a pensar o pensamento. Espero ter cumprido essa tarefa!

*Escrever é dobrar o Fora, como faz o navio com o mar.
Fazer do pensamento uma experiência do Fora,
escapar do senso comum,
desfrutar o bom senso,
entrar em contato com uma violência que nos tira a reconhecimento
e nos lança diante do acaso,
abalando certezas e o bem estar da verdade.
Perder as referências cognitivas,
promover uma ruptura com a doxa,
colocar em dúvida o próprio pensamento,
o Divino, o Verdadeiro, o Belo, o Bem.
Escrever é criar,
aligeirar e descarregar a vida,
inventar novas possibilidades de vida,
fazer nascer o que ainda existe,
ao invés de representar o que já está dado e admitido.
(CORAZZA, 2006, p.29)*

RESUMO

Esta tese analisa um movimento que tem ocorrido na contemporaneidade que visibiliza as mulheres que adentram o campo das ciências exatas (Matemática, Química, Biologia, Engenharias, etc). Como forma de entender este movimento, escolhemos olhá-lo como uma estratégia específica que nomeamos de *dispositivos de visibilidade*. Entendemos que esse dispositivo opera uma forma de visibilidade, pensada por nós como biopolítica, estratégica, visando uma condução de condutas, ou seja, assumindo a importância das mulheres e entendendo que elas podem contribuir efetivamente para as demandas de uma sociedade neoliberal. Para isso, é importante que se faça o *governo* dessas mulheres na ciência enquanto população. O conceito do *dispositivo de visibilidade* utilizado na análise que realizamos nos diferentes momentos desta pesquisa nasce a partir dos dispositivos de segurança descritos por Foucault (2008) na aula publicada no livro *Segurança, Território e População*. O *dispositivo de visibilidade* não promove ou oculta a presença das mulheres na ciência, mas se torna um instrumento de descrição da necessidade de se inserir essas mulheres nesse contexto, uma vez que há um discurso na contemporaneidade que evidencia, em sua maioria, ausências, presenças pontuais e brilhantismos específicos, constituindo um volumoso campo de produção que trata de visibilizar o histórico daquelas que se dedicaram ao empreendimento científico, como apontam as dimensões documentais que analisamos – artigos publicados nos dois principais periódicos da área de gênero e feminismo (Cadernos PAGU e Revista de Estudos Feministas), teses defendidas em Programas de Pós-Graduação vinculados a CAPES e notícias publicadas no boletim informativo da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SPBC) intitulado *Jornal da Ciência*. Esse conjunto de documentos analisados dão conta de diferentes *práticas*, discursivas e não discursivas, que se dispersam no cotidiano e possibilitam afirmações, negações, teorias, e toda uma política de verdade sobre a mulher e o feminino no universo científico. Enunciados, visibilidades, instituições, o falar e o ver passam a constituir essas *práticas*, que se atualizam constantemente, e são justamente esses conjuntos de *práticas* que tomamos como *dispositivos* em ação. Para compreender essas práticas, foi preciso ver a emergência de saberes que construíram os conceitos de sexo, gênero e feminismo, pois tomamos o saber produzido sobre esses conceitos engendrados como um agenciamento de ordem *prática*, que tem por efeito a materialização de um sujeito, no singular - a mulher. Nesta tese, consideramos o Prêmio L'Óreal ABC/UNESCO – Para Mulheres na Ciência enquanto *dispositivo de visibilidade*, para compreendermos seus efeitos, materializados em uma *performatividade* para a mulher da ciência. O Prêmio, enquanto *dispositivo de visibilidade*, ao propor inserir as mulheres na ciência, se torna uma prática de governo, ou seja, de condução das condutas, e seu efeito performativo tenderia a visibilizar um padrão de feminilidade essencializado para as cientistas vencedoras, totalmente desvinculado de uma problematização sobre as bases da ciência moderna que invisibiliza o corpo, o gênero e o sexo na prática científica cotidiana dos laboratórios de pesquisa.

Palavras-chave: Gênero. Mulheres na ciência. Dispositivo de visibilidade. Prêmio L'Óreal ABC/UNESCO – Para mulheres na Ciência

ABSTRACT

This thesis analyzes a movement that has occurred in contemporary times that gives visibility to women who enter the field of exact sciences (Mathematics, Chemistry, Biology, Engineering, etc). As a way of understanding this movement, we chose to look at it as a specific strategy that we call *visibility apparatus*. We understand that this dispositif operates a form of visibility, thought by us as biopolitics, strategy, aiming at conducting behaviors, that is, assuming the importance of women and understanding that they can effectively contribute to the demands of a neoliberal society. Therefore, it is important to make the *governing* of these women in Sciences as a population. The concept of the *visibility dispositifs/apparatus* used in the analysis that we performed at different times of this research is born from the security dispositifs described by Foucault in class and later published and translated in the book *Segurança, Território e População* (2008). The *visibility apparatus* does not promote or hide the presence of women in science, but it becomes an instrument for describing the need to insert these women in this context, since there is a contemporary discourse that mostly shows absences, punctual presences and specific brilliance, constituting a large field of production that tries to make the history of those dedicated to the scientific endeavor visible, as shown by the documentary dimensions that were analyzed - articles published in the two main journals in the area of gender and feminism (Cadernos PAGU e Revista de Estudos Feministas), theses defended in Graduate Programs linked to CAPES and news published in the newsletter of the Brazilian Society for the Advancement of Science (SBPC) entitled *Jornal da Ciência*. This set of documents analyzed accounts for different discursive and non-discursive *practices*, which disperse in everyday life and enable affirmations, negations, theories, and a whole politics of truth about women and the feminine in the scientific universe. Statements, visibilities, institutions, the speaking and the seeing come to constitute these *practices* that are constantly updated, and it is precisely these sets of *practices* that we understand as *dispositifs* in action. To understand these practices, it was necessary to see the emergence of knowledge that built the concepts of sex, gender, and feminism, because we take the knowledge produced about these concepts engendered as a *practical* operation, which has the effect of materializing of a singular subject - the woman. In this thesis, we consider the L'Oreal ABC/UNESCO Award - For Women in Science as a *visibility apparatus*, to understand its effects, materialized in *performativity* for the woman of science. The Award, as a *visibility apparatus*, by proposing the insertion of women into science, becomes a practice of governance, that is, conducting behavior, and its performative effect would tend to make visible a pattern of femininity essential to the winning scientists, totally detached from the problematization of the foundations of modern science that makes the body, gender and sex invisible in the daily scientific practice of research laboratories.

Keywords: Gender. Women in Science. Visibility apparatus. L'Oreal ABC/UNESCO Award - For Women in Science.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fotos das vencedoras do Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO Para Mulheres na Ciência	91
Figura 2 - Fotografia da Quinta Conferência de Solvay, Bruxelas 1927	96
Figura 3 - A lição de anatomia do Dr Tulp – Remmbrandt, 1632.....	97
Figura 4 - Ganhadores do Prêmio Nobel de Química de 2018.....	99
Figura 5 - Cerimônia de Premiação da Olimpíada de Ciência de 2018 em Nova York.....	100
Figura 6 - Vencedoras do Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO – Para Mulheres na Ciência 2015	101
Figura 7 - Vencedoras do Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO – Para Mulheres na Ciência 2017	101

LISTA DE QUADROS

Artigo – Mulheres e Ciência: o campo e as pesquisas na área

Quadro 1 - Principais referências internacionais apontadas por Minella (2013)33

Quadro 2 - Principais publicações em formato de Livro na área 35

Quadro 3 - Distribuição dos Artigos.....36

Quadro 4 - Teses encontradas de 2000 até o primeiro trimestre de 2017 no Portal da Capes .38

Artigo - O Jornal da Ciência e a visibilidade de gênero: igualdade e diferença

Quadro 1 - Notícias sobre mulheres na ciência do JC Notícias de 2002-201750

LISTA DE SIGLAS

ABC – Academia Brasileira de Ciências

AAAS – Associação Americana para o Avanço da Ciência

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBPF – *Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas*

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IUPAP – União Internacional de Física Pura e Aplicada

JC – Jornal da Ciência

MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

MCTIC - Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicação

ONU – Organização das Nações Unidas

PNPM – Plano Nacional de Políticas para as Mulheres

PLMC – Prêmio L' Óreal ABC/UNESCO – Para Mulheres na Ciência

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SNPM – Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. AS FERRAMENTAS ANALÍTICAS – A POTÊNCIA DOS CONCEITOS	20
3. MULHERES E CIÊNCIA: O CAMPO E AS PESQUISAS NA ÁREA	27
3.1 INTRODUÇÃO.....	27
3.2 LITERATURA ACADÊMICA E NOVOS ESPAÇOS DE FALA	33
3.3 O SABER CONSIDERADO LEGÍTIMO	37
3.4 CONSIDERAÇÕES	43
4. O JORNAL DA CIÊNCIA E A VISIBILIDADE DE GÊNERO: IGUALDADE E DIFERENÇA	48
4.1 INTRODUÇÃO.....	48
4.2 MOVIMENTOS E ANÁLISES NO CAMPO	50
4.3 CONSIDERAÇÕES	54
5. A INVENÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO: UM EXERCÍCIO DO OLHAR	56
5.1 INTRODUÇÃO.....	57
5.2 INVENÇÃO DO SEXO	58
5.4 CONSIDERAÇÕES	66
6. PROFANANDO O FEMINISMO: DISCUSSÕES SOBRE AS METAMORFOSES DE UM CAMPO DE SABER	68
6.1 INTRODUÇÃO.....	68
6.2 HISTORICIZANDO O FEMINISMO	70
6.3 FEMINISMOS E OS CAMPOS DE SABER	74
6.4 OS FEMINISMOS PRECISAM DE UM SUJEITO?	79
6.5 CONSIDERAÇÕES	83
7. TODAS EM UM VESTIDO: PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E O PRÊMIO L'OREAL ABC/UNESCO PARA MULHERES NA CIÊNCIA	86
7.1 INTRODUÇÃO.....	86
7.2 A VISIBILIDADE.....	90
7.3 A PERFORMATIVIDADE.....	94
7.4 O CORPO	96
7.5 CONSIDERAÇÕES	104
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	110
ANEXOS	114

APRESENTAÇÃO

O texto da tese está organizado em uma estrutura composta por uma introdução ao contexto de produção da mesma, seguida por uma breve apresentação das principais ferramentas teóricas e pelos cinco artigos produzidos, um deles aceito para publicação no XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências de 2019, e os demais submetidos à revistas das diferentes áreas que a pesquisa contempla. Retoma-se, em um breve fechamento, as discussões suscitadas pelos cinco artigos desenvolvidos, e encerra-se com a compilação de todas as referências bibliográficas que compõem a tese.

1. INTRODUÇÃO

Tenho, nos últimos anos, desde que comecei minha dissertação, observado que há uma dispersão cada vez maior das discussões envolvendo a mulher como sujeito relevante socialmente. Essa proliferação de falas atingiu profundamente a área da ciência e impactou em minhas pesquisas a ponto de me levar a realizar uma pesquisa em nível de doutorado, pois se por um lado essa dispersão é extremamente rica e necessária, politicamente falando, como movimento organizado para lutas pelos direitos das mulheres, por outro, paira uma suspeita quando essas discussões migram e passam a integrar ações institucionais da sociedade com uma agenda pública. Judith Butler (2015) afirma que a investigação das categorias de identidade – no caso, aqui, a da mulher – como apostas políticas, são efeitos das instituições e das *práticas*. São esses efeitos que nos interessam para sustentar nossa tese, efeitos que emergem nas discussões sobre a inserção das mulheres na ciência na contemporaneidade, e que são materializados na forma de políticas públicas.

Essas *práticas* que demandam as apostas políticas são visibilizadas pelos arranjos de poder. As diferentes *práticas*, discursivas e não discursivas, se dispersam no cotidiano e possibilitam afirmações, negações, teorias e toda uma *política de verdade*¹ sobre a mulher e o feminino. Em suma, toda essa dispersão é produzida nas relações de poder/saber, que se implicam mutuamente. Com isso, enunciados, visibilidades, instituições, o falar e o ver, passam a constituir as *práticas*, que se atualizam constantemente. São esses conjuntos de *práticas* que tomamos como *dispositivos* em ação (FISCHER, 2012).

Pensamos que na exposição das multiplicidades dessas *práticas* se torna possível descrever, pelo menos em parte, os seus jogos de verdade. Rosa Fischer (2012) questiona o que estaria em jogo em torno dessa visibilidade conquistada pela mulher nas últimas três ou quatro décadas. Para ela, estamos diante de uma trama complexa de práticas. Por isso, cada problematização nossa deve carregar questões nada óbvias, dando conta das lutas singulares, muitas vezes não visíveis de tão visíveis; ou das microlutas, que apesar de agirem individualmente tratam também de uma multidão. Para nós, reside aí o mérito de ajustarmos o foco da compreensão sobre as complexas tramas do poder envolvendo as mulheres e a ciência.

¹ Sobre a Política da Verdade, Foucault (2001, p. 112) afirma: “[...] a verdade não está fora do poder nem carece de poder. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a coerções múltiplas. E ela possui nele efeitos regrados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ da verdade, isto é, os tipos de discurso que ela aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm a função de dizer o que funciona como verdadeiro.”

A historiadora brasileira Margareth Rago (2014, p. 2) apontou certa vez que lutar contra a hostilidade e coerção que sofrem as mulheres não significa nos restringirmos ao enfrentamento de “[...] situações palpáveis como o estupro, a violência doméstica, a inferiorização, a humilhação e a exclusão física das mulheres”, uma vez que hoje esses processos de luta ganharam outras roupagens. Eles não mais se mostram com brutalidade, ao contrário, pelo lento, suave e preciso controle das clivagens em várias esferas da vida das mulheres. Propor pensar a mulher no contexto científico não deixa de ser então uma escrita sobre outra forma de luta, sobre resistir, sob outra concepção, sob outro olhar, nem menos ou mais potente que tantos outros. É neste rumo que tensionamos esta tese.

A proposta desta tese é justamente mostrar que na contemporaneidade estão sendo inventados *dispositivos de visibilidade* para dar conta da proposta de inserir as mulheres na ciência. Entendemos que esse dispositivo opera uma forma de visibilidade, pensada por nós como biopolítica, estratégica, visando uma condução de condutas, ou seja, o *governo* das mulheres na ciência.

Para compreendermos esse processo, construímos os seguintes artigos/capítulos: no primeiro artigo - *Mulheres e ciência: o campo e as pesquisas na área* -, reunimos pesquisas em dois documentos², com abrangências diferentes, para compreender a emergência de uma visibilidade do campo do saber de gênero e feminismo na ciência. No entanto, ao evidenciarmos a produção sistemática desse campo de saber voltada ao empreendimento científico, não significa somente entender o seu funcionamento, ou seja, a capacidade produtiva de visibilidade deste campo ou de seus sujeitos, mas compreender o cálculo, a organização e o manuseio de suas forças que é, antes, a capacidade de manejo, tanto como campo de saber/poder quanto como sujeito desse campo.

O segundo artigo – *O Jornal da Ciência e a visibilidade de gênero: igualdade e diferença* – analisamos as falas de cada dia, as mais frequentes sobre as mulheres nas ciências publicadas nos boletins do Jornal da Ciência³. Este artigo propõe uma discussão de como vem

² Artigos publicados em revistas de grande impacto no campo das pesquisas feministas e Teses publicadas no Portal da Capes (2002-2017).

³ O Jornal da Ciência é uma publicação de divulgação científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, e foi lançado em julho de 1985 durante a 37ª. Reunião Anual da SBPC. Durante a década de 1990, produzido em papel bíblia, na cor amarelo claro, o Jornal da Ciência era enviado para todos os sócios da SBPC, assinantes e para todos os estudantes de pós-graduação brasileiros que estudavam no Exterior. Desde agosto de 2011, devido aos altos custos de impressão e remessas por correio, o Jornal da Ciência passou a ser publicado somente no formato digital, e disponibilizado em PDF para os leitores na internet. A partir de agosto de 2014 passa a ser uma publicação digital na internet (portal), com a qualidade do conteúdo preservada e ampliada. Em 1993 começou a ser produzido o boletim diário JC-Email, enviado gratuitamente para assinantes, e que também a partir de agosto de 2014 passou a ser produzido com o novo nome JC Notícias. Permaneceu com o mesmo conteúdo constituído basicamente de um apanhado de notícias de CT&I de todo o País e algumas matérias exclusivas. Uma

se dando a constituição de verdades sobre a cientista como um sujeito relevante. Não é possível, atualmente, negarmos a presença de um sujeito na ciência, e essa negação vem servindo como álibi para a discussão sobre a presença/ausência das mulheres na ciência. Analisar a produção desse campo mostra quais são os efeitos da visibilidade produzida com essa dispersão das *práticas* que envolvem o gênero, o sexo e o corpo, ou ainda, que efeitos tem produzido as táticas de poder que constituem a luta, no caso, a luta pela inserção das mulheres na ciência (FOUCAULT, 2008).

No terceiro artigo – *A invenção do conceito de gênero: um exercício do olhar* -, tratamos da emergência do gênero como conceito. Pensamos que percorrer a determinação do visível e do dizível sobre o binômio sexo/gênero ultrapassa a descrição dos comportamentos e das mentalidades, pois trata das condições de sua existência. Sendo assim, indagamos: quais foram as condições de existência que possibilitaram a emergência do gênero como conceito? Indo mais adiante, como as discussões envolvendo o gênero entrecruzam o sexo? Para pensarmos essas questões, discutimos como o gênero tem sua visibilidade associada inicialmente ao campo do saber médico e, posteriormente, adentra o campo social e se engendra a uma *política da verdade*. A proposta é pensar a existência de *práticas* que constroem um saber, com isso, tomamos o saber produzido sobre o gênero como um agenciamento de ordem *prática*, que tem por efeito a materialização de um sujeito - mulher. Pondo em discussão a questão da identidade, tratamos, neste capítulo, das vertentes que propõem a desconstrução do gênero, ao utilizarmos a filósofa italiana Teresa de Lauretis (1994). Ela produz um deslocamento importante ao nos conduzir da tecnologia do sexo, trabalhada por Foucault, para o que ela denominou de uma “tecnologia do gênero”. Pensar o gênero como tecnologia é tratá-lo como criador de realidades, instituidor dos lugares, dos *status* e das suas atuações enquanto sujeitos. Esse entendimento será relacionado, mais adiante, com o conceito de *governo* em Foucault, uma vez que fixar identidades, definir papéis ou lugares é, também, “conduzir condutas”. (FOUCAULT, 2014a, p. 207).

No quarto artigo – *Profanando o Feminismo: discussões sobre as metamorfoses de um campo de saber* -, discutimos a atualização constante das *práticas* e dos campos de saber que permeiam o movimento feminista. Essas *práticas* são uma incessante reatualização das supostas verdades sobre as mulheres, no sentido de um esquadramento dos porquês da nossa

existência enquanto categoria política e quais os rumos futuros dela, bem como dos controles e tecnologias que criam, ou se criam, enquanto gênero feminino. Esse movimento teve, e continua a ter, que lidar com uma certa *política de verdade* que não cessa de se reforçar.

Nesse sentido, para dar conta da compreensão do funcionamento e da criação do feminismo, passamos a entendê-lo, nesta tese, como um elemento constitutivo de uma espécie de jogo, por vezes dual e contraditório, que opera como uma *performance* de gênero. Esse propósito, que tem sua utilidade nos movimentos políticos e na reivindicação por direitos, pode trazer potência de discussão para os estudos contemporâneos ao questionar a existência de um sujeito do feminismo. Cabe, então, pensarmos os lugares, os tempos e os rituais onde ele foi e é produzido. O desdobramento das objetivações sobre gênero e da construção histórica de um determinado gênero feminino produziu e se dispersou por diferentes campos do saber. Tal proliferação acabou por produzir um campo específico do que hoje entendemos como feminismo e, ao se criar, criou também vários questionamentos dentro do próprio campo de saber. Nesse capítulo, percorremos um caminho desde a identificação de movimentos de mulheres que afloraram e foram sufocados, que hoje são concebidos como individuais e localizados, como por exemplo, as Preciosas e Poulain de la Barre. Passamos, ainda, pelo feminismo já constituído como campo de saber das teóricas da igualdade, da diferença, da relação entre ambas e, por fim, do feminismo contemporâneo, em que se questiona se em algum momento fomos efetivamente feministas.

No quinto e último artigo – *Todas em um vestido: performatividade de gênero e o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO: Para mulheres na ciência* –, problematizamos os efeitos do Prêmio L’Oreal como *dispositivo de visibilidade* que ao propor inserir as mulheres na ciência, torna-se uma prática de *governo*. Esse dispositivo carrega formas de visibilidades performativas para as cientistas. Tratar das *práticas* e da *performatividade* é a base desta tese, pois são essas *práticas* que operam na visibilidade da inserção das mulheres na ciência, ou seja, o que chamamos de *dispositivo de visibilidade*. Em suma, é a partir da análise da produção dessas *práticas* que constituímos elementos para defendermos a tese de que o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO – Para Mulheres na Ciência enquanto *dispositivo de visibilidade*, opera por meio de uma tecnologia de gênero, que se desdobra em uma *performatividade* das mulheres cientistas. As formas de visibilidade performativas são discutidas a partir das fotografias das vencedoras do Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO Para Mulheres da Ciência disponíveis no site do Programa desde seu surgimento, em 2006. Ao olharmos para as fotografias das cientistas, não procuramos por elementos visuais, detalhes, qualidades, coisas ou objetos. As visibilidades que procuramos não são formas de objetos, não teriam a capacidade de ser reveladas em contato

com a luz, muito mais que isso, o que buscamos foram as formas de “[...] luminosidade, criadas pela própria luz e que deixam as coisas e os objetos subsistirem apenas como relâmpagos, reverberações, cintilações” (DELEUZE, 2005, p. 62). Os jogos de verdade sobre as mulheres estarem ou não na ciência perpassam inúmeras *práticas* e transcorrem justamente por esses relâmpagos, reverberações e cintilações.

O conceito do *dispositivo de visibilidade* utilizado na análise que realizamos nos diferentes momentos desta pesquisa nasce a partir dos “dispositivos de segurança” descritos por Foucault (2008) em sua aula compilados na publicação *Segurança, Território e População*. Este conceito surge a partir do século XVIII e traz consigo o surgimento de um núcleo de tecnologias políticas novas - nasce a Biopolítica. Para compreendermos melhor essa transição podemos pensar que “[...] as disciplinas foram as técnicas políticas do corpo individual; a biopolítica, a técnica do governo das populações.” (CASTRO, 2016, p. 336). Essa transição é importante para esta tese, na medida em que entendemos que as mulheres passam também a ser compreendidas enquanto população, a partir do século XVIII. Agora, o poder visa, ao mesmo tempo, todas e cada uma, em sua paradoxal equivalência. Pensamos o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO - Para Mulheres nas Ciências como uma prática biopolítica de acesso a governamentalidade que perpassa a política de inserção das mulheres na ciência.

Esse *dispositivo de visibilidade* não promove ou oculta a presença das mulheres na ciência, mas se torna um instrumento de descrição da necessidade de se inserir essas mulheres no contexto da ciência. Ele “[...] tem essencialmente por função responder a uma realidade de maneira que essa resposta anule essa realidade a que ela responde - anule, ou limite, ou freie, ou regule.” (FOUCAULT, 2008, p. 61). O *dispositivo de visibilidade* operaria nessa regulação. Em suma, há um discurso, na contemporaneidade, que evidencia ausências, presenças pontuais e brilhantismos específicos de mulheres na ciência, constituindo um volumoso campo de produção que trata de visibilizar o histórico daquelas que se dedicaram ao empreendimento científico, como apontam as dimensões documentais que analisamos. Nosso objetivo é compreender como o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO - Para Mulheres na Ciência tem operado uma forma de visibilidade pensada, ao nosso ver, como biopolítica, como efeito de uma estratégia de governo das mulheres na ciência.

Pretendemos, também, perceber como o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO, tomado como um dispositivo de visibilidade, cria um efeito, uma materialidade, uma performatividade para a mulher cientista. Nossa tese é mostrar como o Prêmio enquanto *dispositivo de visibilidade*, ao propor inserir as mulheres na ciência, é uma prática de governo, ou seja, de condução das condutas, e seu efeito performativo tenderia a visibilizar um padrão de feminilidade

essencializado para as cientistas, totalmente desvinculado de uma problematização sobre as bases da ciência moderna que invisibiliza o corpo, o gênero e o sexo na prática científica cotidiana dos laboratórios de pesquisa.

Diante disso, é possível pensar uma possibilidade interessante para esse efeito performativo das cientistas no Prêmio L' Oreal, ou seja, pensar esse Prêmio como lugar heterotópico⁴, uma vez que ele permite às mulheres uma performatividade de gênero que não é autorizada no interior dos laboratórios da ciência, uma vez que é permitido ter um corpo e ele pode estar visível, ao mesmo tempo que esse corpo visível aponta um único modo de ser mulher, mesmo na contemporaneidade.

Enfim, nessa tese de doutorado, eu e minha orientadora realizamos uma pesquisa que no seu processo de construção demandou entender o feminismo de forma não historiográfica, mas de forma genealógica, percebendo na constituição do campo os atravessamentos de inúmeras formas de exclusão e de controle do corpo feminino e de suas diferenças, marcadas em arquivos audiovisuais que explicitam o que foi possível pensar e ser em determinadas formações históricas, sempre focando nas práticas de seu tempo e nos tensionamentos visíveis nos lugares de saber/poder.

Foi preciso, da mesma forma, inverter o olhar sobre o binômio sexo/gênero, ou até mesmo nos questionar se precisamos de um binônimo ou se a materialidade dos corpos daria conta desse binômio em qualquer ordem que ele se colocasse. Ademais, ao estruturar fortemente a tese no que entendemos por monumentos/documentos da área, ou seja, livros publicados, artigos, teses e publicações de notícias encarados de maneira não interpretativa, há uma mudança sutil na forma de olharmos para os materiais a serem analisados. Não procuramos neles o fato, a representação, os registros e se são efetivamente verdadeiros. Trata-se do exercício foucaultiano de olhar para os materiais como monumentos, olhar para o conjunto de fragmentos e admirá-los em seus traços e suas formas, tornando possível a emergência das suas *práticas*.

⁴ Heterotopia, para Michel Foucault (2001, p. 415), significa: “lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias; e acredito que entre as utopias e estes posicionamentos absolutamente outros; as heterotopias, haveria, sem dúvida, uma espécie de experiência mista, mediana, que seria o espelho.”

2. AS FERRAMENTAS ANALÍTICAS – A POTÊNCIA DOS CONCEITOS

Michel Foucault não foi um analista cujas pesquisas vislumbraram discussões sobre gênero, menos ainda sobre feminismo. Pode-se questionar, então, o motivo desse autor ter se tornado tão relevante nesse e em outros trabalhos sobre as lutas das mulheres por seus direitos e narrativas. Isto ocorreu justamente porque Foucault conseguiu perspectivar as redações de poder e as práticas sociais pela sua imensa capacidade de produzir políticas de verdade, saberes, corpos e populações. Foucault, ao pensar as relações estabelecidas na contemporaneidade, nos fornece conceitos e ferramentas possíveis em um campo emergente de práticas sociais e culturais nas quais as mulheres ocupam novos papéis.

Na construção desta tese Foucault teve, e tem, um duplo papel. O primeiro deles é nos servir de inspiração. Deleuze (2005, p. 128) escreveu que “[...] a obra de Foucault entra na corrente das grandes obras que alteraram, para nós, o que significa pensar.”. Foucault faz isso. Ele propõe que pensar é experimentar, é problematizar. Ele abre espaços tidos como *heterotópicos* e inventa outros espaços no plano do pensamento, permitindo a emergência da multiplicidade de fenômenos, temporalidades, sentidos e contestações antes não visíveis pelo sentido único instituído como verdadeiro. Essa ideia nos serve quando olhamos para a ciência, para as mulheres e para o feminismo, três esferas que podem ser deslocadas das suas verdades universalizantes, possibilitando arestas *heterotópicas*.

O segundo papel de Michel Foucault nesta tese é a utilização dos seus conceitos como ferramenta analítica. Aproximar o autor dos estudos sobre gênero e/ou feminismo foi a empreitada de várias autoras contemporâneas que vislumbraram a força de seus conceitos para tratar da temática. Cabe salientar que o próprio Foucault não trabalhou com os estudos de gênero e feminismo diretamente, mas são inúmeras as problematizações feministas que se utilizam de duas obras, culminando em convergências e deslocamentos nesse campo de saber. Alguns desses movimentos são apontados por autoras que trazemos nessa tese e que nos ajudam na problematização de conceitos como o de *tecnologia de gênero*, da italiana Teresa de Lauretis, bem como o conceito de *performatividade*, da norte americana Judith Butler. Salientamos, ainda, que outras autoras contemporâneas nos ajudaram a dar o tom desta tese, como Maria Luisa Femenías, Elsa Dorlin e Paul/Beatriz Preciado.

Para pensarmos a tese proposta neste projeto – que o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO - Para Mulheres na Ciência se apresenta como efeito de uma estratégia de governo das mulheres na ciência, agindo como um *dispositivo de visibilidade* na criação de uma *performatividade* para as cientistas – buscamos as *práticas* que passaram a organizar uma demanda contingente

de inclusão das mulheres na ciência. Essas *práticas* são perceptíveis quando analisamos as formas de saber, as relações com o poder e os processos de subjetivação que nos constituem historicamente.

Castro (2016) reúne três características que delimitam o que Foucault entende por *prática*. A primeira delas seria a homogeneidade, ou seja, investigar a *prática* não trata de se ocupar das representações dos homens sobre si, mas sim compreender “o que fazem e a maneira em que o fazem”; efetivamente, perceber nas *práticas* as formas de racionalidade que organizam as maneiras de existir. Outro aspecto importante, ao se tratar a homogeneidade das *práticas*, é a necessidade de analisar a “aparente” liberdade dos sujeitos, ou seja, como esse jogo estratégico e tecnológico funciona. A segunda característica é a sistematicidade. Compreender as *práticas* como sistemáticas, relacionadas a três eixos – o saber, o poder e a ética – que organizam as relações entre os sujeitos e as relações do sujeito consigo mesmo. E, por fim, considerar as *práticas* na sua generalidade, no que elas possuem de recorrente, evidenciando sua configuração histórica singular. Como destaca Edgardo Castro (2016):

Em resumo, podemos dizer que Foucault entende por práticas a racionalidade ou a singularidade que organiza o que os homens fazem [...], que têm um caráter sistemático (saber, poder, ética) e geral (recorrente) e, por isso, constituem uma ‘experiência’ ou ‘pensamento’. (CASTRO, 2016, p. 338, grifos do autor).

A *prática* pode ser pensada também como uma espécie de técnica estabelecida em um momento histórico dado, formalizando e determinando as formas de conhecimento como universalmente válidas e adquirindo estatuto de verdade e compondo, muitas vezes, uma *política de verdade*. As *práticas* podem ser vistas como aquelas atividades que instauram uma forma de subjetividade no indivíduo em um determinado campo de atuação. Elas carregam uma espécie de legalidade que permite encontrar regularidades e rupturas no curso da História.

A objetificação da mulher, em determinada momento, culminou na produção de um campo de saber que exemplifica essa noção de *prática*. A invenção do seu corpo e criação de fatos estruturaram explicações minuciosas e tratados biológicos específicos que deram conta de produzir formas de subjetivação para todas nós, nos conduzindo a modos de ser mulher. Podemos distinguir historicamente os momentos em que o estudo do corpo feminino enquanto anatômico passou a ser escrutinado, tomado como materialidade de discurso que carregava consigo a *episteme* de sua época. O disciplinamento do corpo anatômico feminino possibilitou e potencializou o que entendemos por formas de ser mulher.

Na contemporaneidade, as ações sobre o corpo tomaram uma proporção maior do que a anatomia, e ainda que esse disciplinamento anatômico não tenha cessado de se reiterar, as ações

ganharam um volume que passa a ser entendido como biopolítica. Ao encontro disso, está a noção de *governamentalidade* para Foucault (2008). Esse conceito trata dos estudos das diversas maneiras de governar, é uma *prática* que abrange o conceito de *governo* em dois eixos que nos amparam nas análises realizadas neste projeto de tese. O primeiro eixo é o *governo* das populações e das relação entre os sujeitos; o segundo, é a relação de si com o *governo* dos outros.

Pensar no *governo* como relação entre os sujeitos é como marcar o comportamento desses sujeitos nas suas atuações. Como uma ação sobre ação, como uma condução de condutas. Foucault (2008, p. 64) marca no seu curso de 1978 “[...] os procedimentos e os meios postos em ação para possibilitar, numa sociedade, o “governo dos homens”.”. O que nos interessa é essa forma de pensar o *governo*, onde ele afirma que “[...] nunca se governa um Estado, nunca se governa um território, nunca se governa uma estrutura política. Quem é governado são sempre pessoas, são homens, são indivíduos ou coletividades.” (FOUCAULT, 2008, p. 164).

Foucault (2008) também aponta que a *prática* é acompanhada de uma “tecnologia”. Pensar a *prática* enquanto tecnologia consiste em analisar suas táticas e suas estratégias, ou seja, os procedimentos que foram inventados e aperfeiçoados para a condução de condutas. Quando a mulher surge enquanto corpo sexuado, não traz consigo somente a criação de um saber sobre o seu funcionamento, mas esse saber é carregado de uma espécie de cálculo e de organização que compreende também o “manejo de suas forças”.

Ao tratar de tecnologia, Foucault (1990) também traz a noção de tecnologia da verdade, passando de uma ideia inerte, que pode ser desvelada, para “algo que se produz”. A verdade se produz em relações tensionadas de forças sobre forças, que historicamente criam fatos verdadeiros ou entendidos como verdadeiros, passando então a constituir a conduta dos sujeitos e sua própria invenção enquanto modo de ser. As mulheres imersas em um determinado modo de verdade sobre seu sexo e sobre seu gênero constituíram-se nessas práticas, tomando para si uma verdade que as assujeitou e/ou subjetivou, constituindo um dizer verdadeiro sobre ser mulher que foi se produzindo pelo apagamento das forças que constituíram essas verdades.

Próximo a essa concepção de tecnologia, interligamos o conceito de *tecnologia de gênero*, cunhado por Teresa de Lauretis (1994), que propõe pensar a construção de gênero como fruto de uma tecnologia que é construída a partir de diferentes tecnologias sociais, discursivas e não discursivas, ou seja, *práticas*. O gênero se torna efeito, atravessado por uma complexa rede de tecnologias políticas. Lauretis (1994) estabelece quatro pontos importantes sobre gênero no seu trabalho: “1) gênero é uma representação; 2) a representação do gênero é a sua construção; 3) a construção do gênero se dá em vários períodos e sociedades; 4) a construção

do gênero também se dá por meio de sua desconstrução” (LAURETIS, 1994, p. 209). Para a autora, gênero não é sexo, o que ocorre é o fato de as concepções culturais de oposições binárias (como masculino/feminino) formarem um sistema sexo-gênero, relacionando o sexo à conteúdos culturais e criando assimetrias.

Esse sistema sexo-gênero, para Lauretis (1994), é uma construção sociocultural. A construção do gênero é tanto produto quanto processo de sua representação, tendo a potencialidade de constituir indivíduos concretos em homens e mulheres. Ela abre a possibilidade de pensarmos uma espécie de agenciamento e autodeterminação ao nível subjetivo das práticas, pois a representação social do gênero afeta a construção da subjetividade, e sua autorepresentação afeta sua construção social. Para explicar melhor como o indivíduo aceita e subjetiva determinada representação, Lauretis (1994) utiliza os estudos sobre a *tecnologia sexual* de Foucault. O que faz alguém se posicionar como sujeito de um discurso e não de outro, é uma questão de investimento, tanto emocional quanto pela promessa de um lugar de poder.

Seguindo esse pensamento, a construção do gênero ocorre por meio de várias *tecnologias de gênero*, ou seja, *práticas* que controlam o campo da significação social e produzem, promovem e implantam representações de gênero. Essa visão é discutida, mais recentemente, por Paul-Beatriz Preciado (2014). Tratar o gênero como regulação social mostraria o sexo como o último resquício de algo tido como natural após as tecnologias terem cumprido seu papel na construção social de um corpo. Preciado (2014) afirma ainda que tecnologia e sexo são categorias estratégicas, resquícios de um discurso antropológico europeu e colonialista, já que a masculinidade teria sido descrita em função de suas relações com aparatos tecnológicos.

O termo tecnologia utilizado pelas autoras é importante também ser explicitado no que concerne a seu entendimento por Foucault, pois as práticas se exercem e se produzem nas diferentes técnicas, sejam técnicas de manipulações de coisas, signos, condutas ou do sujeito consigo mesmo. Essas técnicas podem ser compreendidas como presentes e componentes na constituição de *dispositivos*, se entendermos *dispositivo* como uma formação que responde a uma urgência e que se estabelece em redes cujo nexos entre elas é uma forma de racionalidade instituída.

Neste projeto de tese, optamos por utilizar a noção de *dispositivo* para tratar de ações políticas, como o Prêmio L’Oreal em questão, enquanto um *dispositivo de visibilidade*. O termo *dispositivo* indica, sobretudo, uma mudança na relação entre as mulheres e as ciências. Brevemente, podemos dizer que, em tempo arcaicos e clássicos, o contato das mulheres com a

ciência foi praticamente nulo, o que significa dizer que as mulheres que aparecem na ciência - nos tempos que chamaremos, por comodidade, de antigos - estavam em dois lugares específicos e bastante determinados em relação a produção do conhecimento: ou junto a um homem com um lugar social próprio que lhe permitia acesso aos conhecimentos de sua época, pai, irmão, marido; ou estavam na exterioridade selvagem, longe de qualquer regramento social, livres no que se refere à lei ou disciplina, como as hetairas⁵.

No entanto, nos tempos modernos, a mulher foi disciplinadamente assumindo papéis na sociedade. Em alguns lugares que lhes cabiam, outros nem tanto, elas adentram timidamente nas ciências exatas e inúmeros outros espaços de atuação. Há, nessas mulheres modernas, a possibilidade da docência, da enfermagem, da técnica de laboratório, entre tantos outros. Nesses lugares, o acesso ao conhecimento deixa de ser mediado ou facilitado por um homem. Mas, se tal como Foucault (2008), olharmos os momentos e sociedades em que as mulheres apareceram na ciência e nelas reconhecermos uma sociedade da lei, mais tarde da disciplina, podemos dizer que na contemporaneidade, momento em que se pode falar de sociedade de segurança, as mulheres passam a fazer parte das estatísticas sistemáticas, do cálculo pela perda de uma mão de obra, de um mercado consumidor, de uma possibilidade de lucro e risco.

É nessa sociedade que nascem políticas e programas de inclusão que tratam das mulheres cientistas, um deles, o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO. É para tratar dessa estratégia que assume o risco de visibilizar as mulheres cientistas que cunhamos o termo *dispositivo de visibilidade*. Com isso, a noção de prática incluirá a noção de *dispositivo*. Foucault (2005) trata do *dispositivo* no Curso de 1976 – Em defesa da Sociedade. Ele anuncia inicialmente que fará referência ao que chamou de “biopoder”, definindo-o como “[...] conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder.” (FOUCAULT, 2005, p. 299).

Nesse curso, ele utiliza o *dispositivo* de segurança para exemplificar o processo de funcionamento de um *dispositivo*. A noção de *dispositivo*, em Foucault, pode ser sintetizada em três assertivas, como ilustra Edgardo Castro (2016, p.124):

O dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos discursivos, instituições, arquitetura, regulamentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito.

1. O dispositivo estabelece a natureza do nexos que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Por exemplo, o discurso pode aparecer como **programa**

⁵ Para saber mais, ver o trabalho de Paula Nunes (2017).

de uma instituição, como um elemento que pode justificar ou ocultar uma prática, ou funcionar como uma interpretação a posteriori dessa prática, oferecer-lhe um campo novo de racionalidade.

2. Trata-se de uma formação que, em um dado momento, teve por função responder a uma urgência. O dispositivo tem, assim uma função estratégica. [grifo nosso]

Ainda tratando do *dispositivo*, é importante explorar a noção de *dispositivo* escrita por Deleuze (1990) em seu livro intitulado *Michel Foucault, filósofo*, onde se destaca primeiramente que *dispositivo* seria uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear composto por diversas linhas de naturezas diferentes. Para ele, os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em operação e os sujeitos em uma determinada posição são como vetores ou tensores. Saber, poder e subjetividade não possuem contornos definitivos, são cadeias variáveis relacionadas entre si. Nesse sentido, compreender o funcionamento de um *dispositivo* é desemaranhar as suas linhas, isto é, traçar um mapa percorrendo terras desconhecidas.

Algumas dimensões de um *dispositivo* destacadas por Deleuze (1990) ao interpretar a obra de Foucault e que nos são úteis nessa pesquisa, são as curvas de visibilidade e as curvas de enunciação. A visibilidade não se refere à luz que ilumina objetos pré-existentes. Cada *dispositivo* tem seu regime de luz, a maneira como esta cai, se esvai, se difunde ao distribuir o visível e ao fazer nascer ou desaparecer o objeto, nesse caso o objeto mulher. No que se refere às curvas de enunciação, ele aponta que os enunciados nunca estão ocultos, mas também não são propriamente legíveis ou dizíveis, ou seja, “[...] cada época diz tudo o que pode dizer em função de suas condições de enunciado. [...] Os enunciados só se tornam legíveis ou dizíveis em relação com as condições que os determinam.” (DELEUZE, 1990, p. 157). As condições das curvas de visibilidade e de enunciação, em cada *dispositivo*, atravessam limiares estéticos, científicos, políticos, etc. Há, ainda, outra dimensão do *dispositivo* que implica as linhas de força. Elas retificam as duas curvas anteriores, traçando tangentes, envolvendo os trajetos de uma linha para outra, entre o ver e o dizer ou vice-versa. Essas linhas de força perpassam por todos os lugares de um *dispositivo*.

Por fim, Deleuze (1990) aponta que Foucault evidencia que haveria mais uma dimensão para os dispositivos – as linhas de subjetivação. Hoje, após a publicação dos cursos de Foucault ministrados a partir de 75/76, entendemos que a subjetividade e as construções do sujeito pertencem a uma forma mais ampla de governo, uma biopolítica e uma governamentalidade que institui os modos de ser e conduz condutas. No entanto, há, em Deleuze (2005), um entendimento de que a relação do sujeito consigo mesmo, seja por tecnologias do eu ou por condução de condutas, possui linhas de escape que estão no nível do impensado: “[...] o lado

de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem o lado de dentro.” (DELEUZE, 2005, p. 104).

Poderíamos supor que, ao discutir as questões do gênero e identidade, Judith Butler (2015) investe nesse “lado de dentro do lado de fora” que Deleuze (2005, p. 104) enfatiza em seu texto, uma vez que ela afirma não haver determinismo socialmente construído que inviabilize as ações dos sujeitos. Ao romper totalmente com a noção do ser biologicamente dado, a autora afirma que o sujeito é enredado pelo discurso e pela cultura, mas esses também não o constituem. Pensar desta forma é compreender que por mais culturalmente enredados que sejamos, seríamos dotados de uma capacidade de negociação das nossas construções.

Para Butler (2015), as regras põem em operação a identidade, vista como parcialmente estruturada e em conformidade com matrizes hierárquicas de gênero e heterossexualidade que operam por repetição mas não são capazes de determinar o sujeito que geram, já que a significação seria um processo de repetição. O gênero, neste contexto, é pensado como um ato aberto à cisões, à autocrítica, à paródia de si mesmo e à demonstrações exageradas dessa aparente naturalidade. É daí que escapa sua condição de performatividade. Se o corpo é uma superfície tida como natural, pode tornar-se o lugar de uma performance por vezes dissonante e desnaturalizada. Para Butler (2015), as possibilidades históricas materializadas por meio dos vários estilos corporais nada mais são do que criações culturais reguladas.

Enfim, o estudo nesse campo das mulheres em sua relação com a ciência ainda é um espaço de configuração variável, cujos diferentes projetos evidenciam inúmeros modos de pensar ambos - ciências e mulheres. Nossa tese está focada em uma política recente que dá visibilidade às mulheres da ciência - Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO - e que por seu caráter institucional possibilita pensar seu lugar de visibilidade como uma estratégia de governo.

3. MULHERES E CIÊNCIA: O CAMPO E AS PESQUISAS NA ÁREA

Juliana Cardoso Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul e IFSul - Campus Sapiranga
julianapereira@ifsul.edu.br

Rochele de Quadros Loguercio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
rochelel@gmail.com

RESUMO

A ciência está cercada de mulheres com existências marginais, obscuras e mudas, sob uma performance de gênero específica. Nesse sentido, é possível ainda hoje questionar: por que tão poucas mulheres se destacam na ciência? Esta é a questão norteadora deste artigo que discute, a partir de uma série de documentos, artigos, livros e teses publicadas sobre gênero e ciência no Brasil nas duas últimas décadas, as *práticas* que possibilitaram afirmações, negações, teorias e todo um jogo de verdade envolvendo as mulheres e a ciência. Esse efeito de verdades sobre as mulheres se entrelaça com o que nomeamos de *dispositivo de visibilidade*. Este dispositivo é a ferramenta capaz de auxiliar na tentativa de responder a uma urgência – a de inserir as mulheres na ciência -, mais do que falar sobre, este dispositivo propõe dar visibilidade.

Palavras-chave: Mulheres na ciência. Cientistas. Michel Foucault. Dispositivo de visibilidade;

ABSTRACT

Science is surrounded by women with marginal stocks, obscure and mute existences, under a specific gender performance. In this sense, it is still possible to question: why so few women stand out in science? This is a guiding question of this article that discusses, from a series of documents, articles, books and published theses on gender and science in Brazil in the last two decades, the practices that enable affirmations, denials, theories and a whole real game involving the women and science. This real effect on women intertwines with what we call *visibility apparatus*. This apparatus is the tool able to assist in trying to help us understand the attempt to answer to an urgency - insert women into science -, more than talking about, this apparatus proposes to give visibility.

Keywords: Woman in science. Scientists. Michel Foucault. Visibility apparatus.

3.1 INTRODUÇÃO

Por que poucas mulheres se destacam na ciência? A pergunta, obviamente equivocada⁶, é uma das mais constantes interrogações no campo da ciência. Essa questão foi diretamente colocada pelo Jornal da Ciência (JC), em 2004, em forma de reportagem em um veículo de comunicação não científico servindo de arauto para as inúmeras discussões que se constituíram

⁶ O equívoco se faz de diferentes formas: 1. Não se responde a essa pergunta com um porque, mas com um como. Como sistematicamente se alijou a mulher dos lugares das ciências? 2. As mulheres fazem ciência, e desde seu princípio e em todas as culturas o menor número ou maior número é uma discussão social e não científica. 3. Buscar causas pressupõe um sistema linear, o que dificilmente se pode identificar nas questões que transitam pelo gênero.

nas últimas duas décadas, cujo foco foi a presença, ausência, igualdade, diferença, ofensas, ignorâncias e preconceitos que constituíram o campo das mulheres na ciência.

Essa marcação dada nas últimas duas décadas, evocada pela questão citada anteriormente, nos mostra como as *práticas* – vistas como conceito, como nos propõe o filósofo Michel Foucault (2010) - possibilitam afirmações, negações, teorias e todo um jogo de verdade envolvendo as mulheres e a ciência. No caso do JC, ele evidencia o efeito das *práticas* discursivas que constituem hoje um saber sobre mulheres e ciência tornadas como texto, ocupando espaço, instituindo um novo e promissor campo da ciência e configurando e sendo configuradas em novos arranjos de poder.

A ciência está cercada de mulheres com existências marginais, obscuras e mudas no universo científico respeitando, na maioria dos casos, uma *performance* de gênero, ou seja, onde os atributos e atos de gênero, nas várias maneiras pelas quais o corpo se mostra e produz sua significação, são *performativos* (BUTLER, 2015). Ao mesmo tempo, percebemos um movimento de trazer à tona, mesmo que por um instante, a premissa de que as mulheres não estão nas ciências e discutir os motivos desse distanciamento, conjuntamente com ações institucionais que objetivam inserí-las.

Recentemente, apareceram no cenário das agências de fomento à pesquisa na ciência várias investidas nesse sentido, ou seja, de promoção para a inserção das mulheres na ciência. Também surgiram discussões sobre as participações das cientistas em grandes agências de representação do Brasil e do Mundo, como o Gender Advisory, o *Helsinki Group on Gender in Research and Innovation*, o Programa Mulher e Ciência do CNPq, entre outras. Esses movimentos parecem funcionar como operadores de um *dispositivo* no sentido foucaultiano.

O conceito de *dispositivo* é útil pois engendra as leis, normas, imagens e *práticas* discursivas e não discursivas que o compõem. Ao utilizarmos o conceito de *dispositivo* como uma forma de pesquisar o campo das mulheres nas ciências e analisar a possibilidade de ainda realizar questionamentos como o fizemos no início desse artigo demandou definir qual *dispositivo* estava disponível em nossos inúmeros contatos com a pesquisa, a legislação, as falas cotidianas, as normativas, as estatísticas. Um *dispositivo* específico, diferente dos já encontrados na literatura nos pareceu, como diria Deleuze (2005) ao comentar o trabalho de Foucault, uma cintilação, um relâmpago, uma visibilidade. Coube a nós um sobrenome para esse *dispositivo* e escolhemos *visibilidade*, pois o que chamaremos a partir de agora de dispositivo de visibilidade é a ferramenta capaz de auxiliar a perceber a tentativa de responder a uma urgência contemporânea, que mais do que falar sobre, propõe dar visibilidade às mulheres na ciência.

Aqui reunimos pesquisas de dois documentos com abrangências diferentes. O primeiro é a reunião de artigos que trazem um estado da arte do campo, publicados em uma revista de grande impacto das pesquisas feministas - Cadernos PAGU; o segundo, os trabalhos aceitos e construídos sobre as mulheres na/da ciência em forma de Teses, cujos Programas de Pós-Graduação pertencem à CAPES, configurando-lhes um saber tomado como legítimo e importante para a pesquisa nacional. Com isso, voltamos à pergunta, que nos pareceu obviamente equivocada, e que só pode ser formulada em um universo ficcional altamente masculino: Por que tão poucas mulheres se destacam na ciência? É possível uma explicação científica para esse questionamento ou outra qualquer que não o impedimento histórico e sistemático cunhado nas relações de poder. Vamos deslocar essa pergunta para outra: Como é possível, ainda hoje, perguntar por que tão poucas mulheres se destacam na ciência? Com isso, nosso foco ao olhar para estes dois lugares de análise é a produção de verdade e subjetividades construídas nos *dispositivos epistêmicos*⁷ desses documentos, como efeito e constituição de verdades sobre as mulheres na ciência que se entrelaçam com um *dispositivo de visibilidade* que na premiação que estudamos em outro artigo - o Prêmio Para mulheres na ciência L’Oreal ABC/Unesco: Para Mulheres na Ciência⁸ - tem a primazia.

Cabe, antes de prosseguir, falando do aparecimento e permanência da temática sobre mulheres e ciência, retomarmos os conceitos que nos ajudam a construir os textos e percebê-los como efeitos e pontos de inflexão de discussões caras às questões de gênero.

Começamos pelo termo *prática* que, em Foucault (2008), pode ser entendido como a racionalidade que organiza o que os homens fazem, sendo que essa racionalidade é contingente e, portanto, histórico-social, ao mesmo tempo sistemática e geral, e pode ser percebida quando são analisadas as formas de saber, as relações de poder e os processos de subjetivação produzidos no cruzamento entre ambos. Isso implica considerar *práticas*, o saber, o poder e a ética em ação (con)formando o pensamento, a experiência e os modos de existência nos diferentes momentos históricos (CASTRO, 2016). As *práticas* foram objeto de análise de Foucault em História da Loucura, Nascimento da Clínica e Vigiar e Punir, por exemplo, ainda que em cada um desses livros iniciais tendia entre as *práticas* discursivas (ou epistêmas, ou o

⁷ Dispositivos Epistêmicos – Utilizamos a Episteme no sentido de que ela “[...] tem uma determinação temporal e geográfica [...] Em uma cultura e em um momento dado, nunca há mais do que uma episteme que define as condições de possibilidade de todo o saber [...] Trata-se de descrever as relações que existiram, em uma determinada época, entre os diferentes domínios do saber [...] no modo de formação dos discursos” (CASTRO, 2016, p.139).

⁸ Prêmio L’Oreal ABC-UNESCO - Para mulheres na Ciência é uma iniciativa promovida pela L’Oreal desde 2006, em parceria com a UNESCO e com a Academia Brasileira de Ciências, que escolhe sete jovens pesquisadoras de diversas áreas de atuação que são contempladas com uma bolsa-auxílio para ser investida em sua pesquisa. Disponível em: <https://www.paramulheresnaciencia.com.br>. Acesso em: 14 set. 2016.

saber) e as *práticas* não discursivas (ou relações de poder, arquitetura dos espaços, entre outros). A prática efetivamente se torna um conceito ativo que tem primazia sobre os demais quando o filósofo desloca o eixo do poder e do saber para os de subjetividade.

As *práticas* podem ser vistas como organizadoras da nossa capacidade de estar no mundo, o que pode acontecer de forma confortável ou não, como posições sujeitos nas quais cabemos ou nos acomodamos e, também, nos desacomodamos, mas que agem em nós enquanto racionalidades possíveis de uma época. É justamente a *prática* que permite que façamos a pergunta inicial deste texto. O processo de construir as pesquisas, bem como as ferramentas analíticas foucaultianas, se mostram constantes e fluídos. Assim como as diferentes formas de ver as *práticas* mudaram nos seus textos, o termo *dispositivo* também se modifica no decorrer dos textos. O aparecimento do termo *dispositivo*, em *Vigiar e Punir*, foi acionado para que se pudesse operar uma analítica das *práticas* que marcavam uma anatomia e uma disciplina dos corpos. Trata-se de um conceito que aparece em diferentes momentos de sua obra, e em uma entrevista publicada no livro *Microfísica do Poder* encontra-se uma síntese do mesmo. Em primeiro lugar, o termo *dispositivo* refere-se a um “[...] conjunto heterogêneo que envolve discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas morais, filantrópicas”, (FOUCAULT, 2010, p.240) isto é, “[...] o dito e o não dito são os elementos do dispositivo.”. Em segundo lugar, entre esses elementos, pode haver “um tipo de jogo” que leva a “mudanças de posição” e “de funções”. Em terceiro lugar, Foucault (2010) compreende *dispositivo* como um “[...] tipo de formação que, em um determinado momento histórico, surge para responder a uma urgência.” (FOUCAULT, 2010, p. 244).

Foucault (2010) assinala também que há dois movimentos importantes na emergência de um *dispositivo*. Em primeiro lugar, ele surge como um objetivo estratégico. Em segundo, o *dispositivo* passa por uma “*sobredeterminação funcional*”, ou seja, cada um dos efeitos, sejam positivos ou negativos, pretendidos ou não, “[...] estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com os outros, e exige uma rearticulação, um reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem dispersamente” FOUCAULT, 2010, p. 245.

Ao olharmos as reportagens do JC Notícias, que reúne as principais notícias do universo científico, percebemos que usar a ferramenta *dispositivo* nos serve de apoio no mapeamento da dispersão das reportagens sobre as mulheres na ciência⁹. As diferentes reportagens dão conta

⁹ Este olhar para o JC Notícias está publicado no artigo: PEREIRA, J.C; LOGUERCIO, R. O Jornal da Ciência e a visibilidade de gênero: igualdade e diferença. **XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XII ENPEC 2019**. Natal, Rio Grande do Norte.

do objetivo estratégico, na sua constância e aumento: é preciso falar das mulheres nas ciências. Há uma necessidade de falar sobre sua ausência, em dar visibilidade a esse tema, discutir, dar voz àquelas que conseguiram trilhar as linhas de escape das *práticas* de seu tempo e, em um momento singular, ocuparam posições nas redes de saber/poder configurando-se, então, como uma estratégia. Essa urgência é entendida como uma série de atos, normativas, imagens, discursos, produções e formas estruturais que dão conta de um objetivo estratégico, o de que precisamos dessa massa pensante que por tanto tempo foi ignorada e que, nesse momento neoliberal, importa, uma vez que carrega em si uma sobreposição cujos efeitos vão além do que o *dispositivo de visibilidade* demandava inicialmente, dentre eles, uma significativa dispersão de heterotopias que transcenderam as questões de gênero.

No segundo movimento de sobredeterminação funcional figura, por outro lado, o que Foucault (2010) nomeou de um “perpétuo preenchimento estratégico”, onde estariam os efeitos não esperados que muitas vezes um *dispositivo* pode gerar, que podem ser reutilizados com outras finalidades, sejam elas, políticas ou econômicas. Por exemplo, o Prêmio L’Oreal realizou um ajuste no edital, a partir de 2013, solicitando que as vencedoras desenvolvessem atividades que incentivassem a ciência em escolas de ensino fundamental/médio, a fim de despertar o interesse pela pesquisa nos jovens. Assim, se antes dar visibilidade às mulheres na ciência parecia ser suficiente para gerar uma vontade de ciência nesse gênero, o Prêmio foi pouco efetivo no que se refere a identificação de meninas e adolescentes justamente por um distanciamento enorme entre a academia e a formação inicial de uma subjetividade feminina que talvez jamais teria contato com o prêmio L’Oreal, mesmo esse sendo parte de uma das maiores marcas de cosméticos feminina, marca essa voltada para um público adulto que certamente já fez escolhas profissionais e identitárias em sua vida. Assim, ações de “ajustes”, mesmo impensadas em um primeiro momento, figuram nesse preenchimento *estratégico* constante (FOUCAULT, 2010, p. 245, grifo do autor).

No caso das mulheres nas ciências, podemos encontrar o dizível nas reportagens, notícias e pesquisas que nos alertam para as ausências e presenças das cientistas em determinados espaços da ciência. Ao mesmo tempo, esse dizível aparece vinculado a determinados campos de saber que exercem funções legitimadoras, campos de saber esses que se destrincharam em áreas específicas onde a mulher se torna objeto a ser estudado, como por exemplo, a psicanálise, a psiquiatria, a ginecologia, entre outros. Já as estratégias de visibilidade para as mulheres da ciência, a partir do século XX, no Brasil, estas podem ser identificadas nas ações da UNESCO, no CNPq e posteriormente no Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

(MCTI)¹⁰, nos procedimentos de cooptação dentro dessas agências e espaços. A *dizibilidade*, termo emprestado de Deleuze (2005) ao ler a obra de Foucault, é mais tranquila de se verificar. Já a *visibilidade*, por sua diferença e heterogeneidade, é menos direta, não se caracterizando como não discursiva, embora o seja, pois é a cintilação que permite, imbricada ao discurso, ver. A invisibilidade das *práticas* opera pelo silêncio, mas o discurso permite ver e essa visibilidade ultrapassa o umbral do discurso.

Quando Deleuze (2005, p. 69) destaca que “[...] é um erro crer que Foucault se interessa pelos meios de internamento” (como o hospital, a prisão), é justamente porque Foucault os concebe como “[...] lugares de visibilidade dispersos numa forma de exterioridade, remetendo a uma função extrínseca, a de isolar, a de enquadrinhar.” (DELEUZE, 2005, p. 69). Nesse artigo, propomos que o lugar visível da mulher na ciência (seja a UNESCO, o CNPq ou MCTI) tenha surgido com essa mesma função extrínseca que apontava Deleuze. Mais do que isso, posteriormente, ao olharmos esses *lugares de visibilidade* em conjunto com a dimensão do poder, perceberemos o quão refinado e minucioso ele se torna na contemporaneidade. Retomando, é possível pensar que o saber provém da combinação do dizível e do visível: “[...] o saber é um agenciamento prático.” (DELEUZE, 2005, p. 60).

O que faz a integração entre o dizível e o visível são as curvas de forças que interligam os pontos singulares dispersos. O poder não vê nem fala, ele se guia a partir desses pontos. E é justamente por não ser dizível ou visível que o poder faz ver e faz falar. É aí que se estabelece o primado do poder sobre o saber, já que “[...] o ver e o falar sempre estiveram inteiramente presos nas relações de poder que eles supõem e atualizam.” (DELEUZE, 2005, p.89). O poder e o saber possuem naturezas distintas, mas irreduzíveis. “O conhecimento nunca remete a um sujeito que seria livre face a um diagrama de poder” (DELEUZE, 2005, p.83) da mesma forma “[...] este nunca é livre face aos saberes que o atualizam. Daí a afirmação de um complexo poder/saber [...] “que os articula a partir de sua diferença de natureza.” (DELEUZE, 2005, p. 83).

É compreendendo dessa forma o complexo poder/saber que elucidamos, anteriormente, o dizível das reportagens do JC. Já agora tratamos do seu lugar de visibilidade, ou seja, percebendo que é nos movimentos das relações de poder que há uma conexão dos pontos singulares e dispersos. Antes esses pontos nos pareciam sem uma linha que os unissem, apenas reportagens, notícias sobre a mesma temática. Porém, cabe às linhas de força possibilitarem essa conjunção, uma vez que o choque com o poder as coloca sob à luz e faz com que falem.

¹⁰ O MCTI a partir de 2016 passou a ser chamado de Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação (MCTIC) como mostra Betina Lima (2016).

Esse saber, para nós, trata-se da emergência de um campo de pesquisas envolvendo mulheres e ciência, bem como das publicações dos artigos e das teses sobre essa temática que evidenciaremos neste artigo.

3.2 LITERATURA ACADÊMICA E NOVOS ESPAÇOS DE FALA

Aqui, tratamos especificamente da literatura acadêmica iniciando com o artigo publicado por Luzinete Minella¹¹ (2013), que consiste em um mapeamento das temáticas prioritárias no campo do gênero e ciências, elaborando um balanço dos diferentes estudos representativos da área. Na tentativa de identificar quais as temáticas que prevalecem, refletindo sobre seus avanços e lacunas e questionando até que ponto as análises recuperam as interseções entre gênero e raça/etnia, Minella (2013) realiza um levantamento bibliográfico representativo.

A análise das tendências e temáticas prioritárias baseou-se na consulta de 78 (setenta e oito) estudos publicados a partir dos anos noventa em diversos meios, como periódicos científicos feministas, anais de congressos e livros. Minella (2013) salienta que os estudos realizados no Brasil estão pautados, basicamente, em obras de referências produzidas no contexto anglo saxônicos a partir dos anos 80, como mostramos no quadro 1.

Quadro 1 - Principais referências internacionais apontadas por Minella (2013)

Principais referências internacionais apontadas por Minella	
Feminism and Science - Race, Gender and Science (1989)	Nancy Tuana, Evelyn Fox Keller, Helen Longino, Sandra Harding, Luce Irigaray
Feminism and Science - (1990)	Donna Haraway, Sandra Harding, Mary Tiles, Carol Cohn, Naomi Scheman
Um manifesto para os cyborgs (1994)	Donna Haraway
Ciencia y feminismo (1996)	Sandra Harding
O feminismo mudou a ciência? (2001)	Londa Schiebinger

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisarmos essas publicações, além de notarmos a presença quase unânime de autoras norte-americanas, com exceção da belga Luce Irigaray, cabe salientar que algumas

¹¹ A pesquisadora é um expoente nas pesquisas que envolvem o campo de estudos de gênero e feminismo e a História das Ciências e da Tecnologia, ela é pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina integrando a Rede Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Género.

delas falam de áreas do saber distintas, e que tem a filosofia como ponto de reflexão comum em suas carreiras acadêmicas. Evelyn Fox Keller vem da Física Teórica, Donna Haraway da Biologia, Mary Tiles da Matemática e Londa Schiebinger da História.

Sobre as duas últimas, primeiramente sobre Mary Tiles, podemos afirmar que ela é pouco conhecida no contexto brasileiro, já que suas publicações não foram traduzidas para o português. No entanto, suas pesquisas tratam das contribuições francesas para a área da História da Matemática, dedicando seus estudos a autores como Gaston Bachelard, Georges Canguilhem, Bruno Latour, Michel Foucault, Michel Serres, François Jullien e Karine Chemla.

Já Londa Schiebinger, que possui uma densa produção acadêmica, ficou conhecida no contexto brasileiro pelo livro *O feminismo mudou a Ciência?* Destacamos a importância do seu primeiro livro, intitulado *The Mind Has No Sex?*, de 1989, onde no capítulo mais famoso - *Skeletons in the Closet* - ela conta a história das primeiras ilustrações de esqueletos de mulheres realizadas pelos anatomistas europeus. Nesse processo, a autora mostra como a ciência fabricou as representações dos esqueletos femininos, marcando os pontos fracos e fortes e dando conta de uma medida para feminilidade. Essa anatomia da diferença ajudou a justificar o papel social das mulheres em função das suas supostas aptidões naturais, materializadas desde seu esqueleto.

As demais autoras, Nancy Tuana, Helen Longino, Sandra Harding e Naomi Scheman, advêm da filosofia. A única que não é norte-americana, Luce Irigaray, é uma filósofa nascida na Bélgica, que desenvolveu sua formação e pesquisas acadêmicas na França. Podemos apontar que, no contexto das autoras mencionadas, ela torna-se um ponto fora da curva, não só em se tratando da localização geográfica, mas também porque seus estudos englobam um diálogo tenso e extenso com a psicanálise, enquanto as autoras norte-americanas dialogavam, basicamente, com a sociologia e a antropologia.

Minella (2013) destaca que a emergência do campo de gênero e ciências teria um impulso importantíssimo no final dos anos 1990 pela iniciativa, até então pioneira, da revista *Cadernos Pagu*, que em 1998 publicou um dossiê temático intitulado *Gênero, Tecnologia e Ciência*, organizado por Elizabeth Bortolaia Silva. Nos anos 2000, a revista volta a publicar a segunda edição desse Dossiê temático sob organização da prof.^a Maria Margaret Lopes, intitulado *Gênero, ciências, história*. Minella (2013) aponta também a contribuição dos *Cadernos de Gênero e Tecnologia* e da *Revista Tecnologia e Sociedade* do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, da Universidade Tecnológica do Paraná. Esses dois veículos trouxeram temáticas importantes, tais como estatísticas e análises das participações de mulheres nos cursos técnicos e proporção de homens e mulheres nos cursos de engenharia, trazendo

dados sobre a realidade das mulheres nas ciências, principalmente nas instituições técnicas do Sul do Brasil.

Minella (2013) não deixa escapar, de sua análise, as publicações em formato de livro, que circularam no cenário editorial e que possibilitaram uma ampliação das oportunidades de divulgação da temática.

Quadro 2 - Principais publicações em formato de Livro na área

Livros em Destaque	
O Laboratório de Pandora (2002)	Fanny Tabak
Feminismo, Ciência e Tecnologia (2002)	Ana Alice Costa e Cecília Sardenberg
Antropólogas e Antropologia (2003)	Mariza Corrêa
Mulheres na USP (2004)	Eva Blay e Alice Lang
Pioneiras da Ciência no Brasil (2006)	Hildete Pereira Melo e Lígia Maria Rodrigues
Ciência, Tecnologia e Gênero. Desvelando o feminino na construção do conhecimento (2006)	Lucy Woelner dos Santos, Elisa Yoschie Ichikawa e Doralice de Fátima Cargano
Gênero e Contracepção (2005)	Luzinete Minella
Reprodução assistida e Gênero (2009)	Marlene Tamanini
Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher (2009)	Fabiola Rohden
Carreira Profissional e Gênero: trajetória de homens e mulheres na medicina (2010)	Tania Steren dos Santos

Fonte: Elaborado pela autora.

Feitos os destaques principais que contribuiriam para a consolidação do campo de gênero e ciências no Brasil, e considerando a produção em periódicos (Cadernos Pagu; Cadernos de Gênero e Tecnologia; Revista Tecnologia e Sociedade e Revista de Estudos Feministas), Minella (2013) identificou três grandes tendências. Ao total foram 78 artigos selecionados pela pesquisadora que relacionavam gênero e ciência. A partir deles, construiu-se um panorama com três tendências principais do campo. A primeira tendência abrange as análises sobre a participação das mulheres na academia, acesso ao ensino superior, carreiras científicas e a produção científica. A segunda trata de estudos de crítica à ciência, reflexões sobre o gênero na ciência, análises sobre o impacto da ciência e das tecnologias sobre trabalho e a saúde das mulheres. A terceira e última trata da história e trajetórias de cientistas.

Ao olhar o estudo realizado pela autora, usando nossa ferramenta de análise, qual seja, o *dispositivo de visibilidade*, fica bastante claro, tanto na tendência 1 quanto na tendência 3, que o importante é enunciar que as mulheres podem fazer ciência e que muitas já fizeram

ciência mesmo em condições misóginas e/ou sexistas. Nesses estudos, raramente se empreende uma análise das *práticas* discursivas e dos *dispositivos* e estratégias que possibilitaram, e ainda possibilitam, perguntas sobre o porquê das mulheres não estarem cômodas nos lugares das ciências e dos processos de exclusão enquanto *práticas* do campo, ritualizadas ainda hoje em enunciados sexistas, distribuição arquitetônica dos lugares de pesquisa, ordenação dos momentos de fala, entre outros.

Já a tendência 2 desloca a discussão para os efeitos no corpo e na vida *prática*. As sujeições e normalizações produzidas pelas tecnologias seriam uma tendência anatomopatológica política bastante interessante, ainda que reconheçamos que esse olhar biopolítico pertença ao nosso referencial teórico e não aos das autoras que compõe as pesquisas dessa tendência.

Em um estudo publicado mais recentemente, Lucas Freitas e Nanci da Luz (2017) compuseram um estado da arte da temática de Gênero, Ciência e Tecnologia, entre 2000 e 2015, a partir de artigos publicados em quatro periódicos (Cadernos Pagu, Revista de Estudos Feministas, Cadernos de Gênero e Tecnologia e a Revista Feminismos). De 1045 artigos publicados, os autores selecionaram 43 artigos que abordavam a temática ciência e tecnologia.

Os autores categorizaram os seus achados tendo por base as publicações de Eulália Perez Seden e Marta Garcia (2002). As categorias que eles elencaram estão descritas no quadro 3.

Quadro 3 - Distribuição dos Artigos

Categoria	cad.pagu	REF	Feminismos	CGTec	TOTAL
Caráter Histórico	7	1	3	2	13
Caráter Sociológico	4	4	2	6	16
Caráter Pedagógico	1	0	0	4	5
Caráter Epistemológico	5	2	2	0	9
TOTAL	17	7	7	12	43

Fonte: Freitas e Luz (2017).

Esses 43 artigos encontrados foram produzidos por 54 pesquisadoras/es diferentes, considerando autoras/es e coautoras/es, sendo 52 mulheres e 02 homens, “[...] revelando que a temática de Ciência, Tecnologia e Gênero permanece sendo uma reflexão que envolve majoritariamente as autoras.” (FREITAS; LUZ, 2017, p. 8). Segundo os autores, o tema mais recorrente (16 artigos encontrados) trata das “[...] condições de vida e trabalho, expressas em barreiras e dificuldades ainda presentes na trajetória profissional de mulheres que optaram por carreiras científicas e tecnológicas.” (FREITAS; LUZ, 2017, p.10). A segunda temática mais

recorrente (13 artigos) trata do “[...] resgate e valorização das mulheres e suas experiências na história da ciência e da tecnologia” (FREITAS; LUZ, 2017, p. 8). Em terceiro, estão os artigos que evidenciam a “[...] crítica feminista à ciência e à tecnologia e a busca por uma epistemologia feminista” (FREITAS; LUZ, 2017, p. 16). E, por fim, o menor número de artigos concentra-se no aspecto pedagógico, numa abordagem que analisa “[...] como as escolas e universidades, os currículos e *práticas* pedagógicas integram e motivam as meninas e mulheres no aprendizado da ciência e da tecnologia.” (FREITAS; LUZ, 2017, p. 14).

Os diferentes e múltiplos artigos que constituem agora o universo acadêmico e a literatura científica dão conta, como vimos, de diferentes aspectos que introduzem, ou sinalizam, os espaços de produção do saber e o acesso igualitário, ou não, das mulheres. Mas trata-se de uma novidade, no entanto, os estudos epistemológicos da ciência que já não timidamente começam a se fazer sentir.

Em suma, o que queríamos evidenciar é que, ao utilizarmos os dois estudos realizados sobre o estado da arte da temática de Gênero, Ciência e Tecnologia, um realizado por Luzinete Minella (2013) e outro mais recente publicado por Lucas Freitas e Nanci da Luz (2017), compomos um panorama sobre esse campo de saber como literatura acadêmica.

Como vimos, grande parte dos trabalhos de gênero e ciência, como esperado, utilizam as autoras anglo-saxônicas do campo do gênero, com poucas entrecruzando com as ferramentas foucaultianas para análise. Na tese de Paula Nunes (2017), as ferramentas foucaultianas auxiliam a visibilizar não a mulher, mas as relações de poder que permitem e constroem os modos de ser mulher nas tramas dos saberes/poderes. Essa tese é uma singularidade, e nos auxilia a olhar a produção das pesquisas que têm sido realizadas na pós-graduação, no Brasil. O que nos parece, ainda, que tem sido ignorado nos artigos sobre mulheres e ciência é a essencialidade moderna que construiu ambas: somos tampouco iguais quanto a ciência é objetiva. Com isso, buscamos em outros lugares de produção acadêmica, repositórios da CAPES as teses publicadas, onde é possível olhar com mais cuidado e detalhe o entrecruzar desses dois Campos do saber: feminismo e ciência.

3.3 O SABER CONSIDERADO LEGÍTIMO

Ao elencarmos as produções que envolvem a temática de gênero nas duas últimas décadas, encontramos 22 teses. Buscamos, no Portal da Capes, pelos termos “mulher e ciência” e “gênero e ciência” e compilamos as 22 teses no quadro abaixo.

Quadro 4 - Teses encontradas de 2000 até o primeiro trimestre de 2017 no Portal da Capes

ANO	2002	2003	2004	2005	2007	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2017	Total
Nº DE TESES	1	1	1	1	1	1	3	2	1	4	5	1	22

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse bloco de teses tem um ponto em comum - apesar de filiações teóricas e metodológicas diversas -, as escritas são sobre lutas, resistências e estratégias das mulheres que se dedicam ao empreendimento científico. Pela recorrência da palavra “estratégia” nas teses, é possível perceber o quanto esse campo de saber está permeado por relações de poder e por jogos de verdade. Escolhemos a palavra estratégia para orientar a busca nas teses por ser um termo caro à Foucault, tendo uma grande potência de expressão do que queremos tratar aqui, inclusive quando nos referimos ao termo *dispositivo de visibilidade*, com o qual analisamos mais tarde o prêmio L’Oreal.

Para Foucault (2014a), as estratégias podem ser entendidas como um conjunto de meios que utilizamos para fazer funcionar ou simplesmente manter sistemas de poder em funcionamento, podendo significar modos de ação sobre alguma ação possível dos outros, ou seja, a estratégia pode ser considerada uma forma de movimento que se utiliza das relações de poder para enfrentar diferentes perspectivas no campo. Nesse sentido, tanto a ciência opera com suas estratégias para manutenção das mulheres em determinados lugares e funções, quanto as mulheres operam com suas estratégias, por vezes micro, na forma de resistência frente às relações de poder estabelecidas, para que possam penetrar nesse universo tido como inadequado para elas.

Se tomarmos nossa escolha pela ferramenta do *dispositivo de visibilidade*, podemos perceber que os tensionamentos provocados pelas estratégias de resistência, as tecnologias de gênero e as racionalidades femininas, em algum momento se tornaram agenda pública. Nesse sentido, o *dispositivo de visibilidade* gerado como política pública para dar conta dessa urgência de se falar, contestar, responder às estratégias feministas produz tantos outros efeitos - como bem se vê no conceito de *dispositivo* - que demanda uma nova articulação entre as forças e os tensionamentos evidenciados anteriormente.

Na segunda parte desse artigo, destacamos algumas estratégias de cientistas visibilizadas nas teses analisadas que se referem a entrada no diagrama de forças das ciências. A pesquisadora Maria Rosa Lombardi (2005, p. 165), em sua tese intitulada *Perseverança e resistência: a engenharia como profissão feminina*, afirma:

[...] merecem ser notadas as maneiras, pelo coletivo de alunos, para lidar com a sexualidade, bem como as estratégias femininas de “adaptação” a um ambiente

majoritariamente masculino. Parece ter sido preciso neutralizar de alguma maneira os corpos femininos, como estratégia defensiva num coletivo de maioria masculina, seja dando prioridade ao seu oposto, a razão, seja ‘disfarçando’ as formas, escondendo-se em roupas mais largas, calças compridas, etc.

Fabiane Ferreira da Silva (2012, p.108) aponta que “[...] nesses ambientes predominantemente masculinos as mulheres acabam desenvolvendo determinadas ‘estratégias’ de sobrevivência, principalmente para se protegerem das situações de violência e assédio.”. Tal fato também é destacado pela pesquisadora Ângela Maria Souza (2003), em sua tese intitulada *As Armas de Marte no Espelho de Vênus: a marca de gênero em ciência*. Uma das entrevistas realizadas por Souza (2003) trata do modo como o corpo pode interferir nas disputas, destacando:

[...] eu tive muitos conflitos na minha vida, de me impor como mulher [...] sem me masculinizar, sem me impor um estereótipo muito masculinizado [...] Muitas vezes a gente vivendo num universo muito masculino, a gente tem que vestir este estereótipo pra poder usar as mesmas armas [...] Mas eu consegui ter poder, me amar, me auto estimar, mas isto foi uma luta muito longa (SOUZA, 2003, p.147).

Ainda segundo Silva (2012), ao relatar em sua tese o depoimento de Lili, uma das entrevistadas, marca a importância do corpo na atividade científica:

[...] não utilizar determinados marcadores femininos para não chamar a atenção dos colegas constituíram as estratégias utilizadas pela Lili para se proteger e ser respeitada pelos colegas. Para adaptar-se ao ambiente masculino e aumentar a sua credibilidade como estudante de Engenharia ela abandonou determinados adornos e comportamentos ligados à identidade feminina, tornando-se de alguma forma ‘invisível’ como mulher. (SILVA, 2012, p.110)

É possível perceber que há um espaço para o corpo físico, regulado por *práticas* bem estabelecidas, discursivas ou visíveis. A luta pela validação de saberes sobre a ciência e sobre as mulheres da ciência não está fora do corpo físico. Ele ganha forma justamente no tempo em que esse corpo é normalizado, regularizado, governado desde os manuais de EPI, cuja função é a segurança até a roupa adequada para estar fora do laboratório. Há um apelo performático, uma vez que o corpo precisa tornar-se viável. As relações de poder/saber fazem com que no corpo haja uma materialidade de elementos exteriores a ele que o marcam: o corpo é uma superfície de inscrição, já que está mergulhado em um campo político. Estranhamente, a ciência tentou negar o sujeito mas acabou marcando o corpo, um corpo que é masculino e onde se inscreveu um estereótipo masculino que serviu para as mulheres: um certo corpo feminino é permitido, outro não. O jaleco não esconde nada, mas ao mesmo tempo tudo; já a Grande

Dama¹² nunca usou um jaleco, há um vestido famoso na ciência e ele mostra tudo (SANTOS; LOGUERCIO, 2016).

A respeito das relações de poder, Foucault nos diz (2014a, p. 38):

O que procuro é tentar mostrar como as relações de poder podem passar materialmente na própria espessura dos corpos sem ter de ser substituídas pela representação dos sujeitos. Se o poder atinge o corpo, não é porque ele foi inicialmente interiorizado na consciência das pessoas. Há uma rede de biopoder, de soma topoder que é, ela mesma, uma rede a partir da qual nasce a sexualidade como fenômeno histórico e cultural no interior do qual, ao mesmo tempo, nós nos reconhecemos e nos perdemos.

Essas estratégias de constituição do corpo feminino nos espaços das ciências, discutidas nas teses anteriores, podem ser pensadas como uma *performance*, no sentido utilizado por Judith Butler. Nesses ambientes da ciência elas se travestem e utilizam uma *performance* para um corpo feminino na masculinidade na ciência.

Cabe explicar que a performatividade é um efeito do gênero, podendo ser compreendida como um ato corpóreo e um estilo corporal que compõe uma série de *práticas* generificadas. O gênero é performático, ele cria um efeito nuclear de gênero sob uma matriz ilusória de heterossexualidade. Nesse mesmo sentido, o sexo também torna-se performático (BUTLER, 2000). A autora afirma que “o sexo não seria aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais alguém simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2000, p. 154).

Nosso exercício é no sentido de compreender esse corpo, que é performático, como um efeito de verdade das *práticas* que ditam o sujeito da ciência, e particularmente, no *dispositivo de visibilidade* em ação – o Prêmio L’Oreal.

Nas teses analisadas, os mecanismos utilizados pelas cientistas para ocupar os lugares de poder na ciência e que se destacam são a busca pelo desempenho, o reconhecimento intelectual e a aceitação da competitividade. Muitas teses vislumbram, no saber, a possibilidade de legitimação para adentrar certos espaços. Como afirma Lombardi (2005, p. 179): “[...] estratégia feminina visando a afirmação por intermédio da grande dedicação aos estudos, de um excelente desempenho escolar, o qual mais tarde, no mercado de trabalho, será substituído pela necessidade da prova constante da competência profissional.”

A pesquisadora Vivian Matias dos Santos (2012, p. 132), em sua tese, traz o exemplo de Irllys, uma das suas entrevistadas:

¹² Aqui se faz referência à Marie Curie, em texto publicado por Loguercio e Santos (2017).

Hoje, ao terem acesso, de maneira efetiva, ao mundo acadêmico, mecanismos discriminatórios mais sutis ainda podem ser observados. Nesse sentido, a trajetória individual de Irllys traz muito destas problemáticas. Dentre tantas estratégias, elaboradas por Irllys, para conseguir vencer a batalha contra os mecanismos que dificultam a permanência feminina na carreira científica, está também a estratégia de se adaptar a questão da competitividade nas ciências, a qual se move por meio de uma lógica masculina.

Nessa mesma perspectiva, a pesquisadora Marcia Rodrigues Menezes, em sua tese, traz o entrecruzamento do saber com a variável de raça, temática essa ainda pouco explorada no mundo da ciência, como destacou Minella (2013) ao alucidar as temáticas prioritárias desse campo de saber. Segundo Marcia Menezes (2015, p. 261, grifos da autora):

O temor de não ser aceita na sociedade criou em Emilie uma forte determinação em adquirir e ampliar seus conhecimentos. Ela buscou alcançar a aceitação através da aquisição de algo que ninguém nunca poderia lhe questionar ou lhe tirar. *‘Ninguém pode tirar isso de você, conhecimento adquirido nunca lhe é tirado’*. Ao agir desta forma, Emilie foi construindo sua estratégia de sobrevivência num mundo de dominação ‘branca’. Adquirindo e ampliando seus conhecimentos foi quebrando barreiras e ingressando no mundo acadêmico matemático destinado preferencialmente aos homens brancos das elites baianas. O enigma de ‘neguinha’, como a própria Emilie argumenta *‘poderia até ter tirado o meu estímulo, mas não, ao contrário, eu segui em frente’*.

Podemos pensar nessa afirmação intelectual e na incessante necessidade de demonstrar a capacidade intelectual dessas mulheres na ciência como um exemplo do efeito do poder referente ao saber, ou seja, há no campo das ciências exatas uma afirmação constante de uma racionalidade e/ou objetividade que, nesse sentido, independeria de gênero, como a própria ciência em alguns momentos evidenciou “cientificamente”. Na busca desse ideal científico, as mulheres da ciência lutam pela validação de seu intelecto em oposição ao seu corpo generificado mantendo, de certa forma, as relações de poder estabelecidas. A crítica e a visibilização dessa situação no cotidiano do fazer ciência pode ser vista como uma estratégia de resistência ao poder que mantém as mulheres no jogo de forças estabelecido.

Há que se considerar que sempre houve uma proliferação de saberes sobre a capacidade de racionalizar das mulheres no campo das ciências. Em determinados momentos históricos, as mulheres constituíram um saber estratificado que as colocava fora do campo em função de uma suposta não objetividade, não abstracidade, enfim, uma emotividade padrão limitadora de uma análise científica tal como o imaginário das ciências proliferava. Nesse sentido, com a simples entrada no campo das ciências já se tornou perceptível uma estratégia de deslocamento das forças em ação no campo científico, dado que essas mulheres da ciência precisam invisibilizar seus corpos. Ademais, ocorreu uma supervalorização de seu intelecto que, ainda que em microescala, age como uma forma de resistência. No entanto, isso não é condição suficiente

para entrar no mundo científico e ali ocupar lugares de poder, dado que seria uma ingenuidade pensar que a ciência se faz por mentes privilegiadas.

Foucault (2014a) afirma que ao nos dedicarmos a esse modo de investigar, dando potência para análises dos micro-poderes, é como se tomássemos as formas de resistência aos diferentes tipos de poder como ponto de partida, ou metaforicamente, “[...] consiste em utilizar essa resistência como um catalisador químico que permite colocar em evidencia as relações de poder, ver onde elas se inscrevem, descobrir seus pontos de aplicação e os métodos que elas utilizam.” (FOUCAULT, 2014a, p. 118).

Essas mulheres da ciência, ainda que participem do jogo já estabelecido, seriam as constituintes de uma luta anti-autoridade, como salienta Foucault (2014a). Essas lutas se caracterizam por serem lutas que “[...] são uma oposição aos efeitos do poder relacionados ao saber, a competência e a qualificação. Lutas contra os privilégios do saber” (FOUCAULT, 2014^a, p. 118)

No caso das mulheres das ciências, se tratam de lutas contra um efeito de poder que construiu verdades sobre elas e sua capacidade para o campo da ciência. Essas lutas são caracterizadas como oposição ao mistério e ao misticismo existente nas representações que se impõem às cientistas. Não há nenhuma crença dogmática no valor do saber científico, tampouco uma recusa cética ou relativista de toda sua verdade. O que é colocado em questão é a maneira como o saber circula e funciona, suas relações com o poder, ou seja, o seu regime de verdade.

Vivian Matias dos Santos (2012) aponta, em sua tese, a inscrição literária, conceito criado pelo sociólogo Bruno Latour, como possível estratégia para as mulheres desse universo científico alcançarem maior visibilidade no campo científico. Segundo Santos (2012, p. 92),

[...] estratégias são construídas por cientistas para terem suas produções científicas reconhecidas, dentre elas, podemos situar a inscrição literária (Latour) ou seja, a preocupação em se reportar a textos anteriores escritos por eles mesmos ou por outros autores que tenham suas afirmações aceitas e reconhecidas no campo científico. A inscrição literária confere autoridade ao texto técnico. Nesse sentido, reportar-se a textos anteriores, citá-los passa a ser uma característica, ou melhor, um critério de distinção entre os escritos considerados, e os não considerados científicos.

Ainda sobre o saber, mas entrecruzando agora com o conceito de sororidade, Marcia Menezes (2015, p. 309), em seus estudos, que algumas mulheres docentes

[...] para enfrentarem os obstáculos que se fizeram presentes neste contexto foi a consolidação de uma união entre o grupo. Uma possibilidade de interpretar a organização destas mulheres sujeitos deste estudo nos primórdios de suas carreiras acadêmicas é a utilização do conceito de Sororidade. Elas uniram-se desde os primeiros momentos com o objetivo de adquirir maiores conhecimentos e fortalecer suas bases matemáticas. As docentes que saíram para cursos fora do Estado ao

retornarem compartilhavam seus conhecimentos com as colegas através de seminários e grupos de estudos.

Essas estratégias, sejam baseadas no conceito da sororidade ou da inscrição literária de Latour, nos fazem lembrar dos procedimentos de exclusão das *práticas* discursivas, apontados por Foucault (2008) ao tratar dos procedimentos que controlam ou delimitam essas *práticas*. O filósofo utiliza o exemplo da loucura para elucidar essa questão, indicando que a segregação da loucura e, conseqüentemente, do louco, é efeito da distinção da razão e da loucura. Para isso, o louco teve sua *prática* discursiva impedida de circular nos mesmos espaços que o dos sujeitos tidos como normais ou não loucos.

No universo da ciência, esse mesmo procedimento de exclusão das *práticas* discursivas das mulheres ocorre frequentemente. Sendo assim, trazer a sororidade e a inscrição literária como estratégias tem impacto no processo de análise das relações de poder e saber. A estratégia proposta por Vivian (2012) seria implementar a sistemática de referir-se às autoras mulheres em publicações pode ser bastante eficaz para compor uma estratégia de resistência que, como indica a Menezes (2014), se tomaria como sororidade.

Foucault (2008) afirma que quando separamos as *práticas* verdadeiras das falsas nos deparamos com um potente procedimento de exclusão - a vontade de verdade. Essa vontade de verdade é reforçada pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e, de certo modo, atribuído. No universo científico, para fazermos uma afirmação, nos pautamos em um argumento tido como verdadeiro por meio da referência a um autor reconhecido na área. Talvez pensar desta forma seja um potente exercício para nos darmos conta que são as verdades que sustentam os saberes considerados científicos e integram as enunciações dos sujeitos. Sendo assim, as mulheres ao não fazerem parte desse jogo estariam fora do verdadeiro. A sororidade nas publicações acadêmicas pode contribuir para trazer essas mulheres, cientistas, para as referências em áreas do saber onde, até então, estariam invisíveis.

3.4 CONSIDERAÇÕES

Esse artigo, ao fazer contato com a literatura sobre mulheres, gênero e ciências, deixa evidente que, nesse momento histórico e formação discursiva em que vivemos, as mulheres estão sendo sistematicamente visibilizadas. Essa percepção nos levou a tomar as estratégias, as políticas, os prêmios e as imagens como componentes de um *dispositivo de visibilidade*.

Esse contato com a literatura nos mostra que o campo teórico de gênero e ciência, no Brasil, teve início nos anos 1980, e tem se aportado em referenciais anglo-saxões de diversas

áreas do saber que dialogam principalmente com a sociologia e antropologia. Nesse contexto, as publicações da Belga Luce Irigaray, que dialogam principalmente com a psicanálise, são as únicas que destoam do contexto majoritariamente norte-americano das autoras.

A difusão e disseminação desses referenciais, no Brasil, teve um impulso importante a partir da década de 1990, com as publicações dos dossiês temáticos de gênero e ciência na Revista Cadernos Pagu, além da publicação de livros com pesquisas realizadas nesse campo.

Esse olhar para o campo do gênero e ciências permitiu a visibilidade de três grandes tendências: 1) análises sobre a participação das mulheres na academia, acesso ao ensino superior, às carreiras científicas e produções científicas; 2) Estudos de crítica à ciência, reflexões sobre o gênero na ciência, análises sobre o impacto da ciência e das tecnologias sobre o trabalho e a saúde das mulheres; 3) História e Trajetória de cientistas. Com esse panorama, percebemos que as publicações estão concentradas na tendência 1 e 3, ou seja, poucas são as pesquisas que debatem a essencialidade moderna que constituiu tanto a ciência quanto o feminino.

Em um segundo movimento, ao olhar para as publicações em formato de teses, percebemos que tanto a ciência opera micro estratégias para a manutenção das cientistas em determinados lugares e funções, quanto as cientistas se utilizam de estratégias na forma de resistência nas relações de poder existentes para desestabilizar esse cerceamento por vezes não perceptível. Os efeitos do *dispositivo de visibilidade* são múltiplos e por vezes demandam novas articulações entre as forças para questionarmos verdades construídas sobre a mulher e suas possíveis incapacidades.

Inúmeras são as *práticas* que tornam possíveis a formulação da questão - por que tão poucas mulheres se destacam na ciência? Essas *práticas* podem não estar no campo do visível, mas é justamente utilizando o *dispositivo de visibilidade* como ferramenta de análise que percebemos como elas agem nas dobras do poder, colocando sob as luzes a premissa de que as mulheres não estão na ciência e propondo ações para inseri-las. Esse *dispositivo de visibilidade* objetiva atingir um número maior de mulheres nas ciências, mas em sua sobredeterminação constitui e/ou reafirma diferentes modos de ser mulher que em alguns momentos desestabiliza a própria episteme da ciência, como desafiam alguns textos produzidos na literatura analisada.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo.** In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores.** Tradução Ingrid Muller Xavier. Revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Valter Omar Kohan. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DELEUZE, G. **Foucault.** Tradução Claudia Sant'Anna Martins. Revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade: curso dado no Collège de France (1975-1976).** Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Tradução de Roberto Machado. 28. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, M.; MOTTA, M. B. da (Org.). **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade.** Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. (Ditos e escritos 9).

FREITAS, L. B. de; LUZ, N. S. da. **Gênero, Ciência e Tecnologia: estado da arte a partir de periódicos de gênero.** **Cadernos Pagu**, Campinas, n.49, p.1-26, 2017.

LIMA, B. S. **Políticas de equidade em gênero e ciências no Brasil: avanços e desafios.** 2017 156f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2017.

LOMBARDI, M. R. **Perseverança e resistência: a engenharia como profissão feminina,** 2005 300f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2005.

MENEZES, M. R. **A matemática das mulheres: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (1941-1980),** 2015 250f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

MINELLA, L. **Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?** **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 40, p. 95-140, jan./jun. 2013.

SANTOS, V. M. dos. **Sobre mulheres, laboratórios e fazeres científicos na Terra da Luz,** 2012. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará. 2012.

SANTOS, P.; LOGUERCIO R. Q. **Ficção para um corpo de cientista: marie curie, a invenção de si e a narrativa autobiográfica.** **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica,** Salvador, v. 1, p. 1-16, 2016.

SILVA, F. F. da. **Mulheres na ciência:** Vozes, tempos, lugares e trajetórias, 2012 180f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências Química da Vida e Saúde). Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

SOUZA, Angela Maria Freire de Lima E. **As Armas De Marte No Espelho De Vênus: A Marca De Gênero Em Ciência.** 2003 468f. Tese (Doutorado Em Educação) Universidade Federal Da Bahia, 2003.

4. O JORNAL DA CIÊNCIA E A VISIBILIDADE DE GÊNERO: IGUALDADE E DIFERENÇA

Juliana Cardoso Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul e IFSul - Campus Sapiranga
julianapereira@ifsul.edu.br

Rochele de Quadros Loguercio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
rochelel@gmail.com

Resumo

Na atualidade, não é possível negarmos a presença de um sujeito na ciência, um ator, alguém que constrói o universo sobre o qual se diz observador privilegiado e objetivo. Essa negação do sujeito cientista serviu de alibi para a elisão da discussão sobre a presença ou ausência das mulheres na ciência. Nesse artigo problematizamos a discussão sobre a relevância do sujeito mulher cientista no contexto das ciências exatas e educação em ciências. Para isso, buscamos as falas de cada dia, aquelas mais frequentes sobre as mulheres nas ciências e publicadas no *Jornal da Ciência* de 2002 até 2017. Essas falas de cada dia são analisadas como efeitos de *práticas* que constituem um saber sobre mulheres e ciências tornadas como texto, ocupando espaço e instituindo um novo e promissor campo nas ciências exatas, configurando e sendo configuradas em novos arranjos de poder.

Palavras-chave: Mulher. Ciência. Cientista. JC Notícias. Educação em Ciências.

Abstract

Nowadays, it is not possible deny the presence of a subject in science, an actor, one who builds the universe which is said privileged and objective observer. This negation of the scientist subject served as an alibi for the elision of the discussion about the presence or absence of women in science. In this article, we problematize the discussion about the relevance of the woman scientist subject in the context of exact sciences and science education. For this, we seek the talks of each day, the most frequent ones about women in science published in the *Journal of Science* of 2002 to 2017. These talks of each day are analyzed as an effect of practices that constitute a knowledge about women and sciences made as text, occupying space and instituting a new and promising field in the exact sciences, configuring and being configured in new power arrangements.

Keywords: Woman. Science. Scientist. JC News. Science education.

4.1 INTRODUÇÃO

De acordo com Bachelard (1996), um dos maiores desejos da ciência é tornar-se senso comum e fazer-se instrumento cotidiano. Poderíamos pensar que a ciência atingiria seu objetivo na contemporaneidade, pois vivemos em um mundo tecnológico, efeito direto de teorias científicas. Falamos uma linguagem científica e, tal como “desejava” Bachelard (1996), nem ao menos nos damos conta desse processo. Viver em um mundo em que pensamos, no entanto,

não facilita de nenhuma forma o que Bachelard (1996) chama de mundo representacional. É preciso psicanalisar nosso pensar no mundo para superá-lo e produzir uma experiência científica renovada, com menos vínculos em redes conceituais, sociais e históricas fundantes, isto é, para fazer ciência é preciso imaginação, e para imaginar é preciso conhecer os obstáculos que os discursos, as *práticas*, as disciplinas e as disjunções produziram nesse ser pensante que produz ciência.

Emprestando de Bachelard (1996) esse olhar sobre a ciência, miramos os estudos de gênero e feminismo, em que há um universo de significações e obstáculos, alguns deles tratam de entendimentos arquetípicos sobre o feminino, assim como concepções de que precisamos psicanalisar os obstáculos substancialistas e realistas que insistem em dizer de uma realidade do mundo fora de nosso espaço representacional. Bachelard (1996) foi considerado o arauto da pós-modernidade no que se refere à ciência, pois como indica o filósofo Michel Foucault, realizar uma crítica da ciência dentro da própria ciência foi considerado um pensamento selvagem, visto como desnecessário pelos cientistas que por muitos anos tentaram negar a presença de um sujeito na ciência. Negar o sujeito cientista ou o cientista sujeito também serviu como alibi para a elisão da discussão sobre a presença ou ausência das mulheres na ciência. Admitir, tal como Bachelard (1996), que somos sujeitos e, para além disso, que somos sujeitos cujo domínio do inconsciente tampouco acontece, seria a falência do projeto positivista tantas vezes sonhado. Ao olharmos para a atualidade, levando em conta o que apontou o autor, percebemos que não é mais possível negar a presença das mulheres no contexto científico, no entanto, cabe pensarmos: como tem se dado a discussão sobre a relevância do sujeito mulher cientista no contexto das ciências exatas e educação em ciências?

Uma possibilidade de observar as presenças dos sujeitos e seus gêneros na ciência é através do Jornal da Ciência (JC), uma publicação de divulgação científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Em 1993, começou a ser produzido o boletim diário JC-Email, enviado gratuitamente para assinantes e que a partir de agosto de 2014 passou a ser produzido com o novo nome, JC Notícias, onde permaneceu com o mesmo conteúdo, constituído basicamente de um apanhado de notícias de CT&I de todo o País e algumas matérias exclusivas. Nossa busca foi realizada no JC-Email/JC Notícias, compreendendo o período de 2002 até 2017 e utilizando a palavra chave “mulher”.

Encontramos, como veremos neste artigo, diferentes momentos em que a presença do sujeito mulher cientista se evidencia, e as analisamos como efeitos de práticas discursivas que constituem hoje um saber sobre mulheres e ciência tornadas como texto, ocupando espaço e

instituindo um novo e promissor campo nas ciências exatas, configurando e sendo configuradas em novos arranjos de poder.

4.2 MOVIMENTOS E ANÁLISES NO CAMPO

Há, no JC Notícias (2002 até 2007), alguns pontos de acontecimentos discursivos muito interessantes para implementarmos em nossa análise, como veremos no levantamento de dados do quadro 1.

Quadro 1 - Notícias sobre mulheres na ciência do JC Notícias de 2002-2017

Ano	Notícias	Ano	Notícias	Ano	Notícias	Ano	Notícias
2002	3	2006	23	2010	15	2014	23
2003	1	2007	10	2011	18	2015	8
2004	11	2008	6	2012	6	2016	7
2005	36	2009	7	2013	9	2017	28

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados expostos anteriormente mostram que o dizível, ou seja, a proliferação de notícias envolvendo mulheres e ciência tem ganhado destaque em alguns períodos históricos específicos do país. Esse fator é notável no ano de 2005, onde se teve o maior número de notícias publicadas. Cabe salientar alguns fatores que fizeram 2005 ser um ano historicamente importante. No Brasil, começamos pela criação, em 2003, da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (SNPM) vinculada a Secretária de Governo da Presidência da República, medida que foi estabelecida pelo então presidente da república Luis Inácio Lula da Silva. O nascimento de uma secretaria dedicada às mulheres mostra que estamos vivendo um momento histórico social em que é possível falar de espaços específicos, como a referida secretaria.

Nessa direção, cabem algumas questões: causa estranheza uma secretaria para mulheres? Tampouco causa estranheza a necessidade dessa secretaria? Já que em termos sociais e políticos há uma consolidada noção de que as mulheres já são parte representativa na sociedade, é necessário criar espaços específicos de políticas para elas? Estamos falando do ano de 2003, uma vez que o primeiro manifesto é do século XVII. Ainda que esses direitos femininos igualitários tenham sido conquistados pelas diferentes lutas, não há uma correspondência cotidiana, ou seja, as mulheres ainda são iguais em legislação, ou seja, igualdades de papel.

Em 2004, a SNPM passou a ser liderada por Nilcéia Freire. Em julho do mesmo ano, Nilcéia realizou a I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, que reuniu mais de 120 mil mulheres de todo o país e, como fruto dessa mobilização publicou-se, no final de 2004, o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM). O estabelecimento de um grupo de trabalho interministerial para conduzir as ações de discussão e execução do Plano, como mostra a Portaria n.45/2004, composto integralmente de mulheres que participaram de todos os ministérios e secretarias envolvidos, nos parece um fator importante para a tessitura de tantas outras propostas. Essa movimentação realizada em 2004, aliada a algumas ações de nível internacional, como veremos a seguir, são movimentos que propiciaram o destaque da temática gênero e ciência em 2005. Uma das ações resultantes desse movimento e que fez de 2005 um ano significativo foi a implantação do Programa Mulher e Ciência pelo CNPq.

Como podemos evidenciar, nesses documentos e índices, os processos de mudança na sociedade, a possibilidade do pensamento e a transformação desse pensamento institucionalizado sobre as mulheres? Uma alternativa teórica que nos parece bastante possível é o trabalho analítico que Deleuze faz da obra de Michel Foucault, em especial sua explicação de como conhecimentos, conceitos e saberes passam a existir e constituir os sujeitos enquanto subjetivados não como uma interpelação que produz assujeitamentos. Esses dados mostram não uma mudança de comportamento das mulheres perante a ciência, mas as condições de existência onde as mulheres na ciência passam a ter uma existência visível “sob um regime de luz”. Ademais, esses dados mostram que a institucionalização de um campo de saber tem como parte integrante relações diferenciais de forças, e justamente nessa diferença de potencial que se percebem os pólos díspares onde mulheres e homens são reconhecidos e se reconhecem.

A diferença entre assujeitamento e subjetivação é importante quando nos referimos ao referencial foucaultiano. Enquanto assujeitamento da conta da explicação do lugar e toma o sujeito como produzido pelas práticas discursivas, explicando como nos colocamos comodamente ou não em alguns discursos e práticas discursivas, a subjetivação exige um exercício, uma estratégia, uma determinada tecnologia que não apenas produz uma forma sujeito, mas uma ação do indivíduo em busca dessa forma. Ações sobre ações, forças sobre forças. Agora há um lugar institucional da mulher nas pautas de governo, um agir sobre e para uma *população*. Mas o que essa visibilidade produz?

Podemos observar esse caminho de institucionalização em movimento no trabalho da pesquisadora Betina Stefanello Lima (2017), quando descreve, em sua tese, que no Brasil o Ministério de Ciência e Tecnologia e Inovação (MCTI) não se preocupou diretamente com a discussão da inserção ou participação das mulheres na ciência e tecnologia até 2016. No âmbito

internacional, Lima (2017) também aponta inúmeras ações voltadas para o processo de institucionalização ocorrido desde 1999, pela UNESCO. O movimento da constituição do campo dos estudos de gênero e ciência começa a desenhar-se como uma estratégia de governo. Não se trata mais de mostrar como as formas de saber e as formas de subjetivação são construídas em jogos de poder, mas pensar o surgimento de inúmeros órgãos internacionais e nacionais de agenciamento, como estratégias de uma “arte de governar”.

Aqui podemos utilizar o conceito de governo, que implica na *prática* e na *estratégia* de produzir um espaço para os estudos de gênero que ultrapassa a anatomia dos indivíduos e passa a ser reconhecido como uma demanda populacional, ou seja, estamos agora fazendo o que Foucault (2008) denominou biopolítica, gerar um grupo significativo da *população* que até então era um grupo marginal. Com isso, o emblemático ano de 2005 pode ser tomado com um acontecimento anunciado por todos esses movimentos de instituição do campo de saber do gênero, feminismo e ciência.

Nesse processo de instituição desse campo, percebemos a participação de algumas pesquisadoras dos estudos de gênero e ciência. Obras importantes deram legitimidade para o cenário de discussão brasileiro, como a obra *O Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino*, da prof^a Fanny Tabak, em 2002. Além dessa obra, vale o destaque para a pesquisadora prof.^a Maria Margaret Lopes, que descrevia a trajetória acadêmica de Bertha Lutz e questionava a invisibilidade dessa cientista no cenário brasileiro em 1998 (LIMA, 2017).

O cenário é, então, o que podemos perceber pelas diferentes formas de institucionalização do tema gênero e ciência: passa a ser considerada uma *população* e se estruturam *práticas* e estratégias para a atuação de uma biopolítica. Essa atuação passa pela presença de pautas da agenda de governo, tanto a nível mundial, com o Fórum Mundial da Ciência, promovido pela UNESCO, quanto a nível nacional, com a criação da SPPM e a estruturação do Programa Mulher e Ciência, do CNPq. A partir do dizível e do visível sobre as mulheres na ciência, observa-se agora um regime de luz sobre o tema. Tornada visível a temática gênero e ciência, vamos voltar ao JC Notícias e entender quais as formas pelas quais essa temática chega na mídia.

Dadas as 211 reportagens, nos pareceu que elas seguiam pelo menos quatro eixos distintos. O primeiro eixo, que representa 50% das notícias, tratava de vincular as mulheres na/da ciência diretamente a uma instituição ou órgão governamental, como por exemplo: “Royal Society investiga distribuição desigual de financiamento científico entre homens e mulheres”, ou “Senado e Embrapa debatem participação da mulher na Ciência”.

A institucionalização do tema é algo muito interessante se o observarmos em uma perspectiva biopolítica, tal como a explica Foucault (2005). O biopoder, ou o poder sobre os corpos, implica em uma nova maneira de entender a vida e as formas de gerir, onde passa-se de um decidir sobre viver ou morrer clássico, típico dos combates, para uma forma de disciplinar os corpos e ou regular as populações. Conhecer a *população* através de estatísticas, cuidados e investigações (inclusive incentivadas) epidemiológicas é o que permite aos governos gerir a *população*. Não se trata mais de um corpo, como o feminino, trata-se de uma *população*, as mulheres.

Há um conjunto de autoridades, neste caso, instituições, consideradas competentes para falar a verdade sobre as mulheres, afirmando que as mulheres enquanto existência coletiva estão ausentes de lugares na ciência. Esse tipo de configuração faz com que compreendamos que a prática discursiva conduz determinadas condutas e define o lócus determinado para a participação das mulheres na ciência (promovendo sua participação em alguns lugares/posições específicos). Foucault (2005) anuncia que o surgimento da biopolítica não é apenas uma mudança das formas de produção econômica, mas o resultado da mudança do modo de governar. A lógica circunscrita na biopolítica não opera apenas sobre este ou aquele indivíduo, ela cria a ideia de *população*.

No segundo eixo, aglomeramos as reportagens que nos convidam à leituras de estudos analíticos de destaque nacional (23,11%), como por exemplo os artigos “Vamos queimá-las de novo?”, de Renato Danigno e “Laboratório de preconceitos”, de Maria Teresa Citeli. O campo do dizível sobre as mulheres na ciência perpassa também pela fala dos especialistas, como é notável nesse segundo conglomerado de notícias, nos convocando a leitura de alguns artigos especializados. Foucault (2005) mostra o quão complexo se torna compreender esse processo, quando há uma intensificação de uma prática discursiva no sentido de especializá-la. O filósofo utiliza como exemplo a multiplicação da prática discursiva sobre o sexo, a partir do XVII, apontando que os agentes de poder (médicos, juízes e pedagogos) trataram de criar mais e mais situações nas quais o sexo deveria ser colocado em questão, como objeto central de análise. Por fim, esse processo tem como efeito conhecer, na minúcia, essa *população*, para que sejam conduzidas suas ações, o que é muito similar a questão das mulheres na ciência.

No terceiro eixo se encontram as reportagens que informam, discutem ou reivindicam o acesso das mulheres na ciência (19,33%), como por exemplo: “Comitês Assessores (CAs) do CNPq discutem a pouca presença das mulheres”; “Onde estão as cientistas? Nas Comemorações do Dia Internacional da Mulher, pesquisadora comenta sobre a participação da mulher na ciência”; “Academias debatem educação científica e participação feminina”;

“Mulheres ainda são minoria na ciência, revela estudo”. Ao tratarem sobre a questão do acesso da mulher na prática científica, nos confronta a questão: “Por que tão poucas mulheres se destacam na ciência?”, o que nos motra como opera todo esse complexo jogo de verdades envolvendo as mulheres na ciência. Esse jogo de verdade faz parte do exercício do poder, que não é mais que um efeito de ótica.

Por fim, no quarto eixo figuram as notícias que se utilizam de argumentos essencialistas ou da crítica desses (7,56%), como “A ciência brasileira descobre a competência feminina”, “Pesquisa do Pisa comprova que meninas leem mais, e meninos são melhores em matemática”; “A diferença que realmente importa”, artigo de Suzana Herculano-Houzel. Entendemos que esse grupo de reportagens carrega uma espécie de caráter fundacionista biológico, apontando para características naturalizadas do feminino.

4.3 CONSIDERAÇÕES

Retomemos a questão apontada no início do artigo: Como tem se dado a discussão sobre a relevância do sujeito mulher cientista no contexto das ciências exatas e educação em ciências? Na tentativa de uma possível resposta, podemos apontar que há uma institucionalização da temática das mulheres na ciência que culminou no ano de 2005 e validou o nascimento do campo gênero e ciências. Há, no mesmo sentido, um movimento de colocar sob as luzes, mesmo que por um instante, a premissa de que as mulheres não estão nas ciências e discutir os motivos desse apartamento para que com isso sejam propostas ações institucionais com o intuito de inseri-las.

Os diferentes modos de pensar e de lutar do feminismo não são recentes, mas intermitentes, galgando avanços por recuos estratégicos, posicionamentos novos, (des)construções e deslocamentos (o que alguns nomeiam por ondas, outros por fases). No entanto, a discussão nas ciências exatas brasileiras e na educação em ciências ainda é recente e incipiente no que concerne a ocupar espaços que não os dos grupos de pesquisa especializados no tema gênero, mulheres ou feminismo. Nos questionamos, enquanto pesquisadoras da educação em ciência, como ainda é possível negar a presença do sujeito mulher cientista? Mais do que isso, como ainda é possível presumir que haja uma explicação científica para as mulheres não estarem na ciência, ou outra qualquer, que não o impedimento histórico e sistemático cunhado pelas relações de poder?

Nesse sentido, é importante tornar visível o sujeito mulher cientista não apenas na luta por igualdade de acesso, mas também pelo respeito à diferença de gêneros quando esse acesso

passa a ser possível. A pesquisa de gênero é fundamental como forma de resistência, poder e governo.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres** – Relatório de Implementação – 2005, 2006, 116p.

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins; Revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**: curso dado no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIMA, B. S. **Políticas de equidade em gênero e ciências no Brasil**: avanços e desafios. 2017 235f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

5. A INVENÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO: UM EXERCÍCIO DO OLHAR

Juliana Cardoso Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul e IFSul - Campus Sapiranga

julianapereira@ifsul.edu.br

Rochele de Quadros Loguercio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

rochelel@gmail.com

RESUMO

O intuito deste artigo é discutir o quanto foi frutífero e vital, para o estabelecimento do campo de saber dos estudos de gênero e dos feminismos, as tensões e lutas sobre o conceito de gênero e suas disputas pelo estabelecimento da verdade. Além disso, discute-se o quanto nossas escolhas teóricas trazem condições de possibilidades para a análise de um mesmo conceito de diversas formas. Segundo a filósofa francesa Elsa Dorlin (2009), o conceito de gênero não foi inventado pelo saber feminista, como pressupõe o senso comum, mas é fruto de uma elaboração realizada por equipes médicas da primeira metade do século XX ao se depararem com outras possibilidades orgânicas por meio das quais não conseguiam definir o sexo dos bebês hermafroditas ou intersexuados, por exemplo, que nasciam naquela época. É importante pensar que se os atributos e atos de gênero e as várias maneiras pelas quais o corpo mostra ou produz sua significação cultural são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveriam atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria como uma ficção reguladora.

Palavras-chave: Gênero. Performatividade. Feminismo. Ciência.

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss how much was fruitful and vital, for the establishment of the field of knowledge of gender studies and feminisms, tensions and struggles about the concept of gender and its disputes for the establishment of truth. Furthermore, it discusses how much our theoretical choices bring conditions of possibilities for the analysis of the same concept in many ways. According to the french philosopher Elsa Dorlin (2009), the concept of gender was not invented by feminist knowledge, as common sense presupposes, but it is result of an elaboration carried out by medical teams of the first half of the twentieth century when they come across with other organic possibilities through which they could not define the sex of babies, hermaphrodites or intersexed, for example, that were born at that time. It is important to think that if the attributes and acts of gender and the various ways in which the body shows or produces its cultural significance are performative, so there is no preexisting identity by which an act or attribute can be measured; there would be no acts of gender true or false, real or distorted, and the postulation of a true gender identity would prove to be a regulatory fiction.

Keywords: Gender. Performativity. Feminism. Science.

5.1 INTRODUÇÃO

A discussão que envolve a utilização do conceito de gênero é caríssima para aqueles/as que trabalham com o campo dos estudos de gênero e/ou feminismo. Ela demonstra a filiação teórica de uma pesquisa além de evidenciar as disputas e tensões em torno desse termo, nada homogêneo. Devido a esse caráter multisemiótico e a preciosidade desse conceito para o campo, cremos que ainda seja fundamental dizer a que nos referimos quando tratamos deste termo nos nossos trabalhos acadêmicos.

Atualmente, a adoção em massa do termo gênero em diversas pesquisas acadêmicas e em vários campos de saber, principalmente nas Ciências Humanas e Sociais, nos faz crer que todas sabemos o que queremos sinalizar com sua utilização, o que não é uma realidade unívoca. O que temos percebido ao longo de muitas leituras, e tratando especificamente desse campo teórico que envolve os estudos de gênero e/ou feminismo, é o termo inúmeras vezes utilizado indiscriminadamente como sinônimo da palavra sexo, com pouco tratamento teórico e buscando uma atualização semântica.

A historiadora Joan Scott publicou, em 1986, um artigo sobre a utilização do gênero como categoria de análise e tornou-se referência no campo. Em 2012, Scott (2012) publica um artigo sobre os usos e abusos do conceito de gênero, levando em conta a visibilidade e difusão da utilização desse termo. Ao se ver em um contraditório sentimento, ele afirma:

Nos últimos anos eu tinha começado a perder interesse no gênero. Por um razão, parecia ser uma questão resolvida, uma palavra que tinha se tornado parte de um vocabulário comum. [...] Quando o *American Historical Review* propôs um fórum no vigésimo aniversário da publicação do meu ensaio de 1986, ‘Gênero: uma categoria útil de análise’, eu estava tanto lisonjeada quanto entediada – lisonjeada pois percebe-se que o ensaio ainda é útil para os historiadores e entediada, pois eu senti que tinha exaurido tudo que eu havia para dizer sobre o assunto. (SCOTT, 2012, p. 328).

Longe de ser uma questão resolvida, sequer podemos considerar o gênero um conceito estável. O que pretendemos aqui é propor um exercício do olhar para essa adoção em larga escala do conceito de gênero. A visibilidade tem se aliado de forma incipiente e superficial às discussões teóricas histórico-filosóficas que tratam do nascimento desse conceito e do modo como ele vem se construindo e se (res)significando. Pensamos que, nesse campo teórico, ele não pode se tornar um coadjuvante ou ser descartado para utilização de qualquer outro termo da “moda”. Ele é caro, como já dissemos, e o olhar para sua emergência enquanto conceito é um movimento fundamental para aquelas que se dedicam ou pretendem se dedicar ao campo dos estudos de gênero e/ou feminismo.

Elencamos, neste artigo, algumas perspectivas que pensam a utilização do gênero nas últimas décadas. No entanto, cabe salientar que, com isso, não buscamos a definição mais adequada ou correta do termo, basicamente podemos dizer que não compartilhamos da ideia de que poderia haver uma verdade do gênero ou do sexo, como Foucault (2014b) aponta ironicamente. Nos aproximamos mais da ideia de que a suposta verdade é produzida precisamente pelas *práticas*¹³ que regulam e geram identidades modeladas em um padrão normativo de gênero.

Presumimos ser fundamental mostrar o quanto foi e ainda é frutífero para o estabelecimento do campo de saber dos estudos de gênero e dos feminismos as tensões e lutas sobre o conceito de gênero e suas disputas pelo estabelecimento de verdades, e o quanto nossas escolhas teóricas trazem condições de possibilidades diferentes para a análise de um mesmo conceito. Alinhando parcialmente nossa percepção com os apontamentos de Scott (2012), concordamos que longe de possuir um uso ordinário ou geralmente aceito, o gênero pode ser pensado como possibilidade de debate intenso, onde parece não haver um único lugar no qual esse conceito possa “confortavelmente ou finalmente repousar”. A autora propõe que nosso movimento de pesquisa envolvendo o conceito de gênero “[...] constitui nosso compromisso crítico com estes significados e nossa tentativa de revelar suas contradições e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos” (SCOTT, 2012, p. 332).

Para isso, neste artigo analisamos a constituição do sexo feminino biológico e as formas pelas quais ele tem sido narrado em diferentes momentos históricos para que possamos entender a disciplina imposta ao corpo que produz essa anatomia. Mais tarde, buscamos compreender como essa disciplina passa para outra forma de governo, em uma espécie de condução de conduta sobre esse corpo que possibilita a invenção do conceito de gênero. Aqui, ao tratarmos do gênero, também tratamos do sexo, uma vez que nos parece inviável tratar de um e não de outro por estes termos estarem imbricados, engendrados como nos fala Teresa de Lauretis (1994).

5.2 INVENÇÃO DO SEXO

Dentro do campo de saber dos estudos de gênero e outros campos associados, existem inúmeras vertentes teóricas que se propõem a discutir a emergência desse conceito. As

¹³ Para Castro (2016, p. 338), “[...] podemos dizer que Foucault entende por práticas a racionalidade ou a singularidade que organiza o que os homens fazem [...], que têm um caráter sistemático (saber, poder, ética) e geral (recorrente) e, por isso, constituem uma ‘experiência’ ou ‘pensamento’”. (CASTRO, 2016, p. 338).

problematizações vão desde a desconexão total do gênero do sexo, colocando o gênero como um produto culturalmente construído e o sexo como biologicamente dado, até contrapontos que afirmam que tanto o gênero quanto o sexo são dados pela cultura, como aponta o historiador Tomas Laqueur (2001).

As Ciências da Vida desde sempre perceberam que comunicam seu saber dentro da cultura. Para Laqueur (2001), os termos sexo e gênero são imbricados e produzidos culturalmente. Ele aponta, no início de seu livro que tratará da criação do sexo, o seguinte:

Eu não tenho interesse em negar a realidade do sexo ou do dimorfismo sexual como um processo evolucionar. Porém desejo mostrar, com base em evidência histórica, que quase tudo que se queira dizer sobre sexo – de qualquer forma que sexo seja compreendido – já contém em si uma reivindicação sobre gênero. (LAQUEUR, 2001, p. 23).

O entendimento de Laqueur (2001) pode ser conduzido junto às perspectivas analíticas da linguagem, como em Foucault (2008), pois não há nada antes do discurso, e mesmo que pudéssemos olhar a história pré-discursiva, nosso próprio olhar é constituído pelas palavras. Não há uma precedência metafísica ou ontológica que dite a verdade sobre sexo e/ou gênero. O que ocorre são jogos de verdade que produzem e fazem surgir, ganhar prevalência discursiva e legitimidade fornecida pelos campos minados de saber/poder e por *práticas*, passando assim a nos parecer naturais, factuais e reais.

Com isso, gênero pode ser pensado como diretamente ligado à construção dos corpos, uma vez que a sociedade não só constrói comportamentos femininos e masculinos, mas também é construtora do modo pelo qual esses corpos aparecem. A perspectiva foucaultiana sobre os discursos, o poder e o *governo* ajudam a pensar na importância da luta pelas palavras, como podemos identificar no livro *Palavras e as Coisas* (FOUCAULT, 2002). A luta por validação de saberes não está, de maneira nenhuma, fora do corpo físico e alheia à constituição do homem enquanto forma/sujeito nos *dispositivos epistêmicos* que são analisados nessa obra.

Judith Butler (2015) nos propõe a pensar que ser mulher, ao invés de ser um dado natural, seria uma espécie de “naturalidade” que foi constituída mediante atos performativos discursivamente impostos. Para Butler (2015), a partir dos estudos de Foucault, a forma de pensar as categorias fundacionais de sexo e gênero seriam um efeito específico de poder. Esse exercício crítico da autora recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão nos impediria de ver. O exercício seria pensar a distinção que algumas teóricas utilizam (sexo/gênero) como uma descontinuidade entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Segundo Butler

(2015), o gênero não pode ser visto como um substantivo, nem como um conjunto de atributos flutuantes culturais, uma vez que esses atributos são produtos da regulação segundo linhas de coerência culturalmente contingentes. Ou seja, o gênero pode ser pensado como um efeito de substantivo, mas não é “o” substantivo. Esse efeito de substantivo que o gênero adquire é performativamente produzido e imposto por *práticas* reguladoras de uma normatividade de gênero. O gênero passa a ser performático no interior de *práticas* discursivas e não discursivas.

Butler (2015) cunhou o conceito de *performatividade* para dar conta de explicar o que compreende pelo gênero, e este passou a ter destaque nas suas construções teóricas. Para Butler (2015, p. 56): “Não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero, essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados”. Afirmar que o gênero é uma construção não significa afirmar que ele é uma ilusão, e que pensarmos desta forma traria o lado “autêntico” desse binarismo (gênero-sexo) à tona. Neste caminho, Butler (2015, p 60) propõe “[...] compreender a produção discursiva da plausibilidade dessa relação binária, e sugerir que certas configurações culturais de gênero assumem o lugar do real e consolidam e incrementam [...] uma autonaturalização” extremamente eficaz.

A pergunta talvez seja: “Quais performances são possíveis e sob quais cuidados irrompem?” Podemos indicar *n* formas de ser mulher na contemporaneidade: discretas, peruas, piranhas, bruxas, cientistas, intelectuais, entre outras. No entanto, se as performances constróem-se nos corpos e as identidades são processos de subjetivação, entendidos como as ações sobre os sujeitos que se tecem na performatividade, como identificar quais são as estratégias? Por meio de que tecnologias?

Nesse texto, aproximamos o conceito de *tecnologias do poder*¹⁴, de Foucault (1990), com o de *tecnologia de gênero*, cunhado por Lauretis (1994), com a *performatividade* de Butler (2015). Lauretis (1994) nos propõe a pensar o gênero como uma *tecnologia de gênero* que se utiliza, inúmeras vezes, de uma complexa rede de tecnologias políticas. Segundo a autora,

[...] a construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias do gênero [...] e discursos institucionais [...] com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e “implantar” representações de gênero. (LAURETIS, 1994, p. 228, grifo da autora).

¹⁴ Em *Tecnologia do Eu*, Foucault aponta que os jogos de verdade se relacionam a técnicas específicas que os homens utilizam para entender a si mesmos. Ele aponta quatro tecnologias de ordem *prática* para essa compreensão, onde a quarta delas é a tecnologia do poder. Neste texto, estamos nos referindo especificamente as tecnologias políticas que foram se metamorfoseando ao longo do tempo. Inicialmente dadas sobre o corpo da mulher, constituídas de métodos punitivos e de cerceamento produzindo corpos dóceis e disciplinados, posteriormente elas passam a integrar políticas sobre a vida das mulheres como forma de governo desse grupo, em uma espécie de condução de suas condutas.

Pensar o gênero como operador de uma tecnologia de gênero é pensá-lo performativamente. Como nos instiga Butler (2015), atos, gestos e atuações são performativos da mesma forma que a identidade é fabricada, manufaturada e sustentada por signos corpóreos e outros meios discursivos. Esses atos, gestos e atuações criam uma ilusão nuclear de gênero, ilusão esta que é mantida discursivamente na regulação da sexualidade nos termos da heterossexualidade. Assim, o modelo ilusório de gênero nuclear perde sua força descritiva quando ocorre uma desorganização e desagregação nessa matriz heterossexual.

Sendo o gênero uma performance, sob a superfície de um corpo ele deixa de ter o estatuto de verdadeiro e passa a ser encarado como efeito de verdade de práticas discursivas.

Se os atributos e atos de gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performáticas de proliferação das configurações de gênero. (BUTLER, 2015, p. 244).

Retomando os questionamentos anteriores, que tecnologias de poder foram empregadas para que nos constituíssemos enquanto efeito dessas *práticas* tidas como verdades de gênero? Quais tecnologias de poder compõem essas *práticas* que naturalizaram o gênero, o sexo e o corpo feminino em uma única possibilidade de existência? Quais tecnologias de gênero foram capazes de compor a existência de uma natureza feminina como uma verdade universal?

Pensarmos nestas tecnologias de poder é pensarmos em alguns domínios do saber, ou seja, essas tecnologias foram escrutinadas tendo como lastro a emergência de um saber sobre o feminino na medicina, particularmente, na psiquiatria. A filósofa francesa Elsa Dorlin (2009) nos conta que o conceito de gênero não foi inventado pelo saber feminista, como poderia pressupor o senso comum, mas foi fruto de uma elaboração realizada por equipes médicas da primeira metade do século XX ao se depararem com outras possibilidades orgânicas em que não conseguiam definir o sexo dos bebês, hermafroditas ou intersexuados, que nasciam naquela época. O problema consistia não na ausência de sexo, mas de um corpo que era sexuado e não se classificava entre macho ou fêmea. A anomalia, ou nos termos atuais, a apadronia, não tinha um lugar na definição de sexualidade nesta época, e fazia-se necessário intervir para solucionar esse problema. Esse corpo, então, era submetido a tratamentos ou cirurgias para que pudesse adquirir um comportamento sexual considerado adequado e obtivesse uma identidade sexual

considerada “normal”. Contudo, os hermafroditas e os corpos apadronados sempre existiram e não eram visíveis, ou talvez a verdade do sexo dual não era uma prática discursiva.

A dualidade do sexo é datada, pois o corpo feminino nasce somente após o século XVIII. Laqueur (2001) mostra como ocorreu essa transição do modelo de sexo único para um modelo binário de sexo, baseado na diferença sexual, onde o corpo feminino passa a ter uma materialidade *prática*. A mulher deixa de ser um homem invertido¹⁵ e seus órgãos genitais são nomeados com nomes distintos dos órgãos masculinos. Até então, acreditava-se que “[...] as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, só que - como dizia Nemesius, bispo de Emesa, do século IV - a delas fica dentro do corpo e não fora.” (LAQUEUR, 2001, p. 16).

Laqueur (2001, p. 19) também destaca que “[...] o sexo antes do século XVII era ainda uma categoria sociológica e não ontológica”. Esse fator torna-se um marcador relevante, pois ser homem ou mulher não era determinado pelo orgânico, e sim um marcador de determinadas posições sociais ou de papéis culturais entre aqueles seres considerados perfeitos – o homem – e o seu inverso imperfeito – a mulher.

Laqueur (2001) aponta como ocorreu esta transição que passou a tornar-se uma diferença orgânica após o século XVII.

Embora Aristóteles certamente considerasse os corpos masculinos e femininos especificamente adaptados aos seus papéis particulares, ele não via essas adaptações como sinais de oposição sexual. As qualidades de cada sexo levavam à vantagem comparativa de um ou outro com relação à casa ou ao revide de ataques, da mesma forma que para Galeno o calor menor das mulheres mantinha o útero para dentro e criava um local de temperatura moderada para gestação. Mas essas adaptações não eram a base da diferenciação ontológica. (LAQUEUR, 2001, p. 45).

Essa diferenciação ontológica nasce após o século XVII, quando o campo de saber científico entra em cena como produtor de verdades, bem como a marcação das diferenças entre os corpos passa a ser politicamente importante.

Havia evidência científica para apoiar a visão antiga, caso isso fosse culturalmente relevante. Por outro lado, só houve interesse em buscar evidência de dois sexos distintos, diferenças anatômicas e fisiológicas concretas entre o homem e a mulher, quando essas diferenças se tornaram politicamente importantes. (LAQUEUR, 2001, p. 21).

¹⁵ Thomas Laqueur (2001, p. 42) mostra as explicações que se pautavam na teoria difundida pelo mais influente anatomista ocidental do século II – Galeno de Pergamo: “Se virarmos [os órgãos genitais] da mulher para fora e, por assim dizer, virarmos para dentro e dobrarmos em dois os do homem, teremos a mesma coisa em ambos sob todos os aspectos. [...] Ele argumentava ‘não se encontraria uma única parte masculina que não estivesse mudado de posição’. [...] As mulheres, em outras palavras, são homens invertidos, logo, menos perfeitos [...]”.

Portanto, essa transição não ocorreu em função de um possível progresso dos campos de saber da medicina, fisiologia ou anatomia, mas de uma tecnologia de poder em funcionamento. Se após o século XVIII, o sexo passa a ser considerado pela sua diferença, surge a necessidade de uma clivagem entre sua anatomia e o seu construto cultural, ou seja, entre o sexo e o gênero.

5.3 SEXO *VERSUS* GÊNERO

Paul Beatriz Preciado (2009) vê esse momento de clivagem entre sexo e gênero como parte de um conjunto de transformações do pós-guerra, e emprega uma nova roupagem para a tecnologia de poder político sobre o corpo. Foucault (2014b) trata de um tipo de tecnologia do poder que ele nomeia de tecnologia sexual. Esse conjunto de técnicas tem como objetivo maximizar a vida, e foi formulado pela burguesia no final do século XVIII. Essas técnicas demandavam discursos que tratavam, entre outras coisas, da sexualização do corpo feminino e da psiquiatrização do comportamento sexual anômalo como perversão. É nesse período que se cria a categoria de gênero e, segundo Preciado (2009), podemos chamar esse período de posmoneysta, em uma referência à figura do Dr. John Money. Preciado (2009) ilustra esse acontecimento:

En todo el país se abren decenas de centros de investigación en el marco de un objetivo nacional de salud pública. Al mismo tiempo, los doctores George Henry y Robert L. Dickinson inician un gran estudio cuantitativo sobre la “desviación sexual” que se conoce como “Sex Variant” y que se prolongará casi veinte años. Es también el momento en que Harry Benjamin instaura el uso clínico de las moléculas hormonales, el momento de la primera comercialización de estrógenos y progesterona obtenidos a partir de yeguas (Premarin) y luego de forma sintética (Norethindrone), y es, sin duda, el momento en que John Money, que tiene a su cargo el área de psiquiatría infantojuvenil del hospital John Hopkins de Nueva York, **inventa el concepto de género** (PRECIADO, 2009, p. 16, grifo nosso).

Money adota o termo para realizar experimentos com intersexuais, como o caso David Reimer¹⁶, acreditando que o corpo é um parâmetro e que o gênero é onde a racionalização da vida se demonstraria. Esse parâmetro corpóreo seria necessário para a normalização desses sujeitos, sejam eles por meio de fotografias dos sujeitos desviantes, de identificação e

¹⁶ David Reimer foi uma tentativa de redesignação sexual. Batizado como Bruce, David teve seu pênis mutilado durante um procedimento cirúrgico de operação de fimose quando era bebê e seus pais foram aconselhados pelo Dr. Money a realizar um procedimento de redesignação de seu sexo e criá-lo como uma menina - Brenda. No entanto, a partir dos 9 anos de idade Brenda passou a viver como homem e não se reconhecia em concordância com seu sexo, adotando o nome de David. Durante sua idade adulta, ele se submeteu a várias cirurgias e tratamentos para reversão das mudanças corporais e, aos 38 anos, com quadros de depressão profunda, ele comete suicídio.

tratamento hormonal ou ainda de cirurgias transexuais e intersexuais, como aponta Preciado (2009). Foram das publicações de Money que nasceram expressões muito difundidas atualmente sobre possíveis “papéis sociais de gênero” nascidos das diferenças que, para ele, derivavam do sexo.

O termo gênero ganha popularização com o psiquiatra Robert Stoller, que propõe distinguir o sexo biológico da identidade sexual, ou seja, o sexo do gênero. Stoller isola o gênero, para melhor delinear os aspectos da psicosexualidade que, para ele, são independentes do biológico. No texto “Sex and gender”, de 1968, ele defendia que existiriam outras formas de construção de identidades sexuais, como a cultura, os sentimentos, os pensamentos e as fantasias, concluindo que o gênero primaria sobre o sexo.

O que particularmente nos interessa é que ambos os casos mostram como o gênero inicia sua circulação no campo de saber médico unido a diagnósticos. Essa marcação da diferença entre o sexo e o gênero, nessas perspectivas, marca também a possibilidade de existência de um descompasso entre ambas, ou seja, suas divergências e suas discrepâncias, tornando visível a criação do desvio, da perversão e da doença. Esse processo é minucioso, e longe de se ancorar na rigidez e exterioridade das técnicas de normalização do corpo, essas novas técnicas de gênero do período posmoneyista são flexíveis, internas e assimiláveis, como destaca Preciado (2009).

A primeira investida no sentido de utilização do termo gênero pela teoria feminista, fazendo uma transposição do campo disciplinar da medicina para as ciências sociais, ocorre em 1972, com a socióloga britânica Ann Oakley em “Sex, Gender and Society”. O argumento do livro baseia-se na concepção de que nem a transexualidade, nem o desejo sexual, nem o comportamento sexual e a identidade de gênero são dependentes das estruturas anatômicas, dos cromossomos ou sequer dos hormônios. O conceito de gênero adentra as ciências sociais para definir as identidades como produto de uma socialização dos indivíduos, e não como efeitos de uma natureza, em uma tentativa de despatologização do termo (DORLIN, 2009). Como podemos perceber, a construção do termo gênero passa por sua dispersão e, mais ainda, por uma regularidade. Esse termo nasce das práticas clínicas e é tomado como uma descontinuidade do entendimento tido até então do sexo. Uma nova regularidade se impõe e permite a dispersão do termo para outras áreas do saber, compondo outras práticas discursivas.

Ainda hoje o sexo e o gênero de um sexo podem e são usados por algumas perspectivas feministas. As feministas da década de 1960 e 1970 e algumas vertentes teóricas, a francesa principalmente, baseiam-se na diferença sexual para a utilização do termo, aceitando a premissa de que existiriam fenômenos biológicos que diferenciam mulheres e homens. Essa discussão biológica não deixa de reforçar um caráter essencialista em que as identidades se produzem a

partir, através, e principalmente pela marcação do corpo físico. Muito se utilizou o sexo como divisor de condutas, regrado comportamentos distintos para o que se dividiu em três formas de ver o sexo: masculino, feminino e anormal. Linda Nicholson (2000) ilustra bem o que isso passa a representar. Para ela, essa perspectiva compreenderia

[...] o eu fisiológico como um dado no qual as características específicas são sobrepostas, um dado que fornece o lugar a partir do qual se estabelece o direcionamento das influências sociais. A aceitação feminina dessas proposições significava que o sexo ainda mantinha um papel importante: o de provedor do lugar onde o gênero seria supostamente construído. (NICHOLSON, 2000, p. 11).

Teresa de Lauretis (1994) aponta que uma das limitações em se trabalhar na base da diferença sexual seria um confinamento do pensamento crítico feminista ao conceito de oposição universal do sexo (homem X mulher). Essa diferença seria binária. Lauretis (1994, p. 207) afirma: “e mesmo os conceitos mais abstratos de diferenças sexuais derivados não da biologia ou da socialização, mas da significação e de efeitos discursivos [...], acabam sendo em última análise uma diferença (da mulher) em relação ao homem”. Ao mesmo tempo em que há uma contraposição dos dois termos, dentro de cada polo passamos a pressupor uma homogeneidade, mascarando um múltiplo jogo de diferenças dentro de cada lado da oposição.

Nicholson (2000) alerta que, ao fugirmos de um determinismo biológico, podemos adentrar no que ela chamou de fundacionalismo biológico. Ambas as perspectivas possuem pontos comuns, como a referência ao biológico, e o que as diferencia seriam os graus de influência e/ou determinação desse aspecto ou mesmo a forma de narrá-lo. A perspectiva fundacionalista biológica, no entanto, é mais permissiva com explicações que se utilizam tanto do campo do saber da Biologia como dos estudos referentes a aspectos de personalidade e comportamento. Ao pensar na ideia inata de essência, há nesta perspectiva um forte apelo pela ligação do feminino com a natureza. Rosiska Oliveira (1991, p. 16) nos diz:

Uma vez mais é interessante pensar na rede discursiva, nas condições de possibilidade em se falar sobre “natural”. Em um tempo em que lembrar à humanidade sua dimensão natural significava atraso e reacionarismo, identificar as mulheres como mais próximas da Natureza significa diminuí-las, colocá-las, de certa maneira, aquém do Humano, monopolizado pelos homens, situá-las em um plano inferior de desenvolvimento, o que justificava a necessidade de tutela e controle. O lugar inferior ocupado pelas mulheres na relação com os homens teve, ao mesmo tempo, como causa e efeito, numa circularidade perfeita, a identificação por todos do feminino como animalização, como atração descontrolada pelo prazer, como ameaça ao princípio de realidade que, supostamente, funda a civilização pelo viés do controle instintual e do primado da Razão.

Ainda que tenhamos muitos pontos em comum com o pensamento de Oliveira (1991), parece haver aqui uma desatenção à construção do próprio corpo físico enquanto produto

cultural, isto é, a constituição orgânico/cultural. Pode-se indicar que a separação órgão/corpo de alma/cultura se deu de diferentes maneiras e em distintas épocas, mas no momento histórico em que o homem ocidental buscava uma racionalidade que escapasse a tradição, no campo de saber filosófico, Descartes fez uma distinção que caracteriza a filosofia moderna: a separação entre mente e corpo. Essa distinção fortaleceu a hipótese de que haveria uma essência interna dualista nos seres. Esse tom essencialista foi se perdendo, uma vez que a partir do final dos anos 1980, com a proliferação das pesquisas em história, sociologia e filosofia da ciência, criaram-se condições de possibilidade para outra ideia de gênero. Surgem outras formas de pensar o sujeito e a subjetividade. Como aponta Lauretis (1994), já era possível pensar “[...] um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito ‘engendrado’ não só pela experiência de relações de sexo mas também nas de raça e classe” (LAURETIS, 1994, p. 208).

5.4 CONSIDERAÇÕES

Com a análise que propomos de neste artigo, percebemos a transição de uma tecnologia sobre o corpo que o produz, inclusive, anatomicamente, se deslocando para o governo deste corpo, conduzindo sua conduta e performatizando este corpo por meio da invenção do conceito de gênero.

Discutir as tensões e disputas que culminaram na invenção do conceito de gênero pode ser visto como uma ruptura importante, uma vez que se põe em pauta discussões sobre o sexo e o corpo. Ver o gênero como um conjunto de *práticas* que funcionam é um exercício do olhar necessário, enquanto o corpo é uma invenção teórica recente, e o gênero pode ser compreendido como uma *prática* que torna os corpos viáveis.

Fomentar esse exercício do pensamento que envolve a tríade gênero, sexo e corpo, nos parece um movimento potente para o campo de saber dos estudos de gênero e feministas contemporâneos. Além de problematizarmos o natural, é nesse exercício que se criam condições para o contato com outras formas de pensar, aquelas que escapam, resistem e espalham. A fixidez desses conceitos tem materialidade, mas essa materialidade pode ser pensada como efeito mais produtivo do poder.

É inviável tratar o gênero como conceito estável e isolado. Há uma rede de *práticas* heterogêneas que transpassam a constituição do sujeito mulher, sujeito esse que tem sido narrado de diferentes formas em períodos históricos distintos, onde sua constituição vem se dando sob inúmeras frentes. Perante essa rede de *práticas*, é necessário perceber a lateralidade

dos acontecimentos e, ao olharmos as mulheres, buscarmos as disjunções que envolvem seu corpo, seu sexo e seu gênero.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DORLIN, E. **Séxo, género y sexualidades: Introducción a la teoría feminista**. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Vision, 2009.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FOUCAULT, M. **Tecnologias del yo**. In: *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona, Paidós, 1990.

LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAURETIS, T. de. A Tecnologia do Gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, He. B de. (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

NICHOLSON, L. Interpretando o Gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v.8, n. 2, p. 1-33, 2000.

OLIVEIRA, R. D. de O. **Elogio da Diferença: O feminismo emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PRECIADO, P. B. **Biopolítica del Género**. (Texto em PDF). 2009. Disponível em: <<http://masculinidad-es.blogspot.com.br/2009/09/biopolitica-del-genero.html>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

SCOTT, J. Usos e abusos do gênero. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: **SOS Corpo**, 1995.

6. PROFANANDO O FEMINISMO: DISCUSSÕES SOBRE AS METAMORFOSES DE UM CAMPO DE SABER

Juliana Cardoso Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul e IFSul - Campus Sapiranga
julianapereira@ifsul.edu.br

Rochele de Quadros Loguercio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
rochelel@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe a compreensão e ressignificação do termo feminismo. Por ser um campo plural e em mutação constante, ele é pensado, neste texto, como um efeito da mudança de um saber político. Esse movimento pode representar uma ressignificação do feminismo, substituindo a noção anterior e dando uma nova visibilidade para antigas discussões, encabeçando novas ações e técnicas. Pensamos que atualmente o feminismo tem servido de bandeira para a proliferação de campanhas que promovem a igualdade ou equidade de gênero na ciência, como as políticas afirmativas. Consideramos essas ações como possibilidades de estratégias integrantes da biopolítica, neste caso, como uma forma de governo das mulheres na ciência.

Palavras-chave: Feminismo. Igualdade e Diferença. Biopolítica. Ciência.

ABSTRACT

This article proposes the comprehension and reframing of the term feminism. Because it is a plural and constantly changing field, it is thought in this text as an effect of the change in political knowledge. This movement may represent a resignification of feminism, replacing the previous notion and giving new visibility to old discussions, leading to new actions and techniques. We think that feminism today has served as a banner for the proliferation of campaigns that promote equality or gender equality in science, such as affirmative policies. We consider these actions as possibilities of integrant strategies of biopolitics, in this case, as a form of government of women in science.

Keywords: Feminism. Equality and Difference. Biopolitics. Science.

6.1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem um tom profano. Nos termos de Paul/Beatriz Preciado (2014), buscamos profanar o feminismo em uma tentativa de compreensão e ressignificação do próprio vocábulo.

Cada palavra de nossa linguagem contém, enrolada sobre si mesma, uma bola de tempo, constituída de operações históricas. Enquanto o profeta e o político se

esforçam em sacralizar as palavras, ocultando sua historicidade, corresponde a filosofia e a poesia a tarefa profana de restituir as palavras sacralizadas ao uso cotidiano: desatar os nós do tempo, arrebatar as palavras dos vencedores para voltar a colocá-las em praça pública, onde poderão ser objeto da ressignificação coletiva. (PRECIADO, 2014, p. 1).

Pensamos que Preciado (2009) potencializa o conceito de profanação retirado do filósofo Giorgio Agamben, quando propõe uma análise não da biopolítica, mas de uma “sexopolítica¹⁷” (PRECIADO, 2009, p. 11).

Para Agamben (2007, p. 66), profanar “[...] significa abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência.” Porém, para o autor, o que vemos na contemporaneidade é uma “profanação absoluta”, ou seja, tudo é profanável. Com isso nasce uma “consagração igualmente vazia e integral”. Nesse sentido, buscamos profanar efetivamente, como potência afirmativa inspirada por Preciado (2009), negligenciando o significado consagrado e ao mesmo tempo vazio que o feminismo carrega, pensando-o como uma multiplicidade de sujeitos marcados pelo deslocamento, pela conexão e pela metamorfose.

O feminismo é um campo em mutação constante que vem se reconfigurando aos poucos, tanto a si próprio, quanto aos olhares alheios. Exemplo disso é que, atualmente, dada a pluralidade de vertentes teóricas, o mais adequado seria utilizá-lo no plural - feminismos. Nesse sentido, não seria possível pensar o movimento feminista contemporâneo como efeito da gênese de um saber político, como anunciou Foucault em 1977 (FOUCAULT, 2008)? Esse movimento não estaria passando pelos efeitos de um deslocamento no conceito de suas minorias, agora vista como uma *população* a ser estudada e regulada? Esse deslocamento seria capaz de marcar o feminismo, substituindo a noção anterior de feminismo e dando um novo objetivo, uma nova visibilidade para suas antigas discussões e propondo novas ações e técnicas?

Nos parece que o movimento feminista tinha um tom de poder pastoral, ou seja, um poder que incidiria sobre uma multidão de sujeitos em constante deslocamento a um objetivo, uma direção, um alvo: a busca pela igualdade. Posteriormente, talvez o movimento tenha absorvido uma espécie de crise ao caráter pastoral, dando lugar a um movimento muito mais complexo em termos de relações de poder. Com o estabelecimento da biopolítica, o movimento feminista teve efeitos importantes. Um deles reside na discussão em torno da existência e multiplicidade do sujeito do feminismo.

¹⁷ A sexopolítica é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela, o sexo (os órgãos chamados “sexuais”, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida (PRECIADO, 2014).

A biopolítica, ao estabelecer uma maneira diferente de gestão das relações de poder de um grupo de indivíduos, dá vazão a o que Foucault (2008) denominou de “intervenções articuladas”. Essas intervenções podem ser visíveis por todo um sistema jurídico, por meio de leis para efetivar a regulação de uma *população*, mas também por medidas mais minuciosas, elencadas por mudanças de atitude, de maneiras de fazer e de viver, obtidas pelas “campanhas”.

O movimento feminista serve de bandeira para a proliferação de campanhas que promovem a igualdade ou equidade de gênero através de uma série de ações governamentais e institucionais que emergiram a partir de 2005, no Brasil. No campo da ciência, surgiram inúmeros programas com o propósito de promover a igualdade de gênero, principalmente nas ciências exatas, como por exemplo o Programa L’Oreal ABC/Unesco Para Mulheres na Ciência.

Encaramos essas políticas afirmativas como estratégias integrantes do biopoder. Para Foucault (2008, p. 55), o biopoder é um “[...] conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder.”.

Para Foucault (2005), o biopoder é um dos integrantes da governamentalidade – ou seja, o exame das artes de governo. Essas artes incluem: o estudo do governo de si, o governo dos outros (as formas políticas de governamentalidade) e as relações entre o governo de si e o governo dos outros. Na ciência, tem-se utilizado o “problemático” argumento da diferença entre mulheres e homens (biológica, social, cultural, intelectual, entre tantas outras) para justificar a necessidade de uma política afirmativa, ainda que essa venha em prol de um outro argumento, também problemático, da busca de igualdade sexual ou de gênero no fazer científico.

6.2 HISTORICIZANDO O FEMINISMO

A história do movimento feminista costumeiramente é dividida em três grandes blocos: o feminismo pré-moderno, moderno e contemporâneo. O grande marcador do feminismo na cultura ocidental e no mundo pós-antigo, chamado pré-moderno, foi a publicação do livro *A cidade das damas* (1405), da escritora italiana Christine de Pisan. Christine tornou-se a primeira escritora profissional da Europa. Ela escreveu um dos principais tratados onde defende a mulher e seus direitos muitos séculos antes de aparecerem as primeiras reivindicações feministas. Sua principal requisição era o tratamento igual, atacando o discurso de inferioridade das mulheres.

Posteriormente, ainda nesse feminismo embrionário chamado pré-moderno, está o movimento literário e social protagonizado por mulheres na França do século XVII, chamado

de preciosismo. As preciosas, como eram conhecidas, eram mulheres identificadas por sua intelectualidade e elegância e participavam dos grandes salões da época, prostíbulos ou na corte, frequentados somente por homens. A inserção das mulheres nesses espaços trouxe questionamentos das normas e valores sociais da época (GONZÁLES, 2003).

O feminismo moderno, para algumas teóricas feministas como Celia Amorós, tem como determinante na sua construção a obra de Poulain de la Barre, *Sobre a igualdade dos sexos*, publicada em 1673, bem como os movimentos de mulheres e feministas na Revolução Francesa. Na constituição do feminismo moderno, o movimento Iluminista e a Revolução Francesa tem papel importante, pois eles trazem consigo a afirmação dos principais preceitos da lógica racionalista e iluminista de uma época com elementos contraditórios importantes para serem utilizados pelas feministas, a exemplo do novo Estado revolucionário, anunciado pela própria Revolução Francesa com sua política universal de igualdade em que as mulheres continuavam sem possuírem direitos civis e políticos.

É importante localizar os movimentos que constituíram os primórdios do feminismo, mas para tanto é também crucial trazer um questionamento sobre a “política de verdade” presente nesse momento histórico, em particular da Revolução Francesa. Segundo Foucault (2015), cada tempo histórico pode apresentar diferentes formas de produzir, negociar e estabelecer a verdade. Nesse processo, podemos identificar as relações e as dinâmicas do verdadeiro no que concerne ao sexo feminino, onde o que há de novo nesse processo é uma voz feminina passando a compor as outras vozes. Até então, os escritos eram realizados pelos homens em lugares de saber que narravam as mulheres e seu lugar. Já as mulheres ficavam com a narrativa oral. A obra de Poulain de la Barre trata-se de um primeiro texto escrito sobre mulheres, para mulheres, narrando mulheres. Olhar para a publicação de Poulain como um monumento e não como documento é um deslocamento histórico importante. Para Foucault (2015), olhar para o não-dito, o ignorado, na busca de unidades que possam desconstruir os efeitos de superfície é um exercício de tomar os documentos enquanto monumentos.

Outro marcador histórico importante do feminismo moderno é a *Declaração dos Direitos da Mulheres e Cidadã* de 1791, escrito por Olympe de Gouges dois anos após a proclamação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão da Revolução francesa. Se antes as *salonieres* lutavam pela legitimação de seus conhecimentos culturais e científicos, nos mostrando que na época a ciência era uma ciência de salão, o que também é demonstrado nas festas de Lavoisier e Marie Anne, agora o texto de Olympe se manifesta em uma esfera jurídica que nasce junto com a burguesia. A Revolução Francesa contribui para a mudança do regime

de verdade, desestabilizando a sociedade de soberania, onde o direito passa a ser uma das principais formas de constituição do verdadeiro.

Olympe materializa uma série de movimentos sociais encabeçados pelas mulheres do povo. Nesta declaração, ela põe em discussão o fato de que as mulheres não estavam em nível de igualdade com os homens nas esferas do poder. Além disso, ela trata de questões como a igualdade dos direitos das mulheres à educação, ao voto, à propriedade privada, aos cargos públicos, à política, à participação no exército, à igualdade de poderes na família e organismos sociais como a Igreja, direito ao divórcio, ao reconhecimento dos filhos nascidos fora do casamento e direito à herança.

Na Inglaterra, ainda que não vivenciando um momento revolucionário tão impactante, em 1792 a inglesa Mary Wollstonecraft publica *Uma defesa dos direitos da mulher*. Ela acreditava que a educação era o único jeito de modificar a posição de inferioridade da mulher na sociedade. Embora Mary não tenha sido a primeira a escrever sobre os direitos das mulheres na Europa durante o período da emergência do feminismo moderno, ela ocupava um lugar em que era possível narrar, enquanto mulher, os movimentos de mulheres e os movimentos sociais que davam condições para o posicionamento diferenciado da mulher.

A Revolução Francesa, no entanto, deixou marcas amargas ao feminismo principalmente na França. Todas as atividades de grupos de mulheres foram proibidas pelos jacobinos em 1793 e em 1794, proibindo-se também a presença de mulheres em qualquer tipo de atividade política. As que até então haviam tido participação política, em qualquer posição ideológica, tiveram um destino comum: a guilhotina ou o exílio. Posteriormente, o novo Código Civil Napoleônico se firmou no suposto discurso da existência da natureza feminina para afastá-las de qualquer outra atividade que não fosse no domínio do privado.

Algo que fica subsumido nas pesquisas historiográficas sobre o movimento feminista é o cotidiano dessas mulheres durante grandes espaços de tempos históricos. É importante perceber que as narrativas fílmicas, literárias e acadêmicas costumam dar visibilidade para as mulheres burguesas, nobres ou com condições sociais típicas de uma classe abastada. No entanto, o cotidiano dessas mulheres, como podemos ver em raras obras literárias e pinturas clássicas, como por exemplo, as de Cervantes¹⁸ e de Velázquez¹⁹, era de trabalhos fabris. Nesse

¹⁸ Em referência a publicação do livro *As Novelas exemplares* (em espanhol, *Novelas ejemplares*), que são uma série de novelas curtas que Miguel de Cervantes escreveu entre 1590 e 1612 e que publicaria em 1613 em uma coleção editada em Madrid por Juan de la Cuesta.

¹⁹ Referência a pintura *O mito de Aracne*, popularmente conhecido como *As Fiandeiras*, de Diego Velázquez, criada cerca de 1657 e que se encontra atualmente no Museu do Prado em Madrid.

momento, o lugar da mulher na casa confundia-se com o lugar da mulher no trabalho, pois o trabalho, as oficinas, os escritos e as casas de ofício eram na própria residência. Essas mulheres comandavam e administravam os negócios tanto quanto seus maridos, e essa condição de trabalho permitiu às mulheres identificarem-se tanto com a vida econômica e social, quanto com a vida doméstica. O texto de Cervantes narra as histórias das mulheres e explicita as diferentes formas e estratégias que os homens utilizaram para que elas não se mantivessem no comando desses espaços de trabalho.

O feminismo do terceiro bloco, tido como contemporâneo, é o que inicia no século XIX. É aí que o feminismo aparece, pela primeira vez, como um movimento social de caráter internacional, com uma identidade autônoma, teórica e organizada. No entanto, o que buscamos não é tratar o feminismo dividido em categorias, fases ou ondas. Nossa preocupação é dialogar com o feminismo como campo de saber/poder, historicizando-o fora dos grandes relatos e tratando sua emergência, como nos aponta Dorlin (2009), como um saber que se vincula como um artefato histórico, pois é nele que encontra a inscrição dos enfrentamentos e das lutas que nas descrições sistemáticas não aparecem.

Destacamos duas tentativas de descrever o movimento feminista contemporâneo. Primeiramente, Oliveira (1991, p. 48) afirma:

Ao questionar o corte hierárquico do mundo, ao afirmar que o pessoal é político e que a política se enraíza na vida cotidiana e nos sentimentos privados, ao opor ao modelo único a ser imitado uma pluralidade de projetos e identidades a serem aventadas, essas novas protagonistas sociais atacam princípios sagrados da ordem estabelecida. A expressão coletiva desse questionamento de normas-valores e modos de organização ficou conhecida como Movimento Feminista.

Já em uma outra vertente de pensamento, o feminismo pode ser compreendido, segundo as palavras de Dorlin (2009, p. 13):

[...] por feminismo entiendo esa tradición de pensamiento, y por consiguiente los movimientos históricos, que, por lo menos desde el siglo XVII, plantearon según diversas lógicas demostrativas la igualdad de los hombres y las mujeres, acorralando los prejuicios relativos a la inferioridad de las mujeres o denunciando la ignominia de su condición.

Dorlin (2009) amplia a visão tida do feminismo e aponta que foi a partir dele que tivemos possibilidade de captação da historicidade da diferença sexual, bem como suas prerrogativas sociais e culturais. Esse saber possibilitou historicizar a normatividade da heterossexualidade, bem como sua articulação jurídica com a emergência e o desenvolvimento de *dispositivos* como a naturalização e normalização da diferença sexual do trabalho, a socialização dos corpos e demais lutas.

Cabe salientar, no entanto, que a palavra feminismo não teve sua emergência no movimento ativista, como acredita o senso comum. Do mesmo modo que o conceito de gênero, o feminismo teve sua emergência engendrada ao discurso médico. Preciado (2014b) conta que a palavra feminismo foi cunhada em 1871 por um médico francês chamado Ferdinand-Valère Fanneau de La Cour, em sua tese de doutorado. A tese intitulada *Do feminismo e do infantilismo nos tuberculosos* tratava a feminização dos corpos masculinos como sintoma secundário dos homens que sofriam de tuberculose. Ela explica:

[...] tem os cabelos e as sobrancelhas finas, cílios longos e finos como das mulheres; a pele é branca, fina e flexível, a canícula adiposa subcutânea muito desenvolvida e, por conseguinte, os contornos fingem uma suavidade considerável, enquanto as articulações e os músculos conjugam seus esforços para fornecer flexibilidade aos movimentos [...] próprio da mulher. [...] Feminizado e sem potência de geração e faculdade de concepção o homem tuberculoso perde sua condição de cidadão viril. (PRECIADO, 2014b)

Segundo Preciado (2014b), essa definição médica do feminismo serviu para que, um ano depois da publicação da tese de Ferdinand, Alexandre Dumas Filho utilizasse em um dos seus panfletos que os homens solidários às causas das sufragistas eram feministas. Os primeiros feministas eram, portanto, homens considerados doentes no discurso médico, o que adquiriu outro sentido em razão de sua proximidade com o movimento político sufragista, tornando-se alcunha de homens acusados de feminização. No próprio desenrolar do movimento, as sufragistas se apropriaram da denominação do feminismo como lugar de identificação e ação política.

A resignificação do termo feminismo não se fez sem uma carga de significados moldados nos corpos das mulheres. Essa carga de significados tem seu esteio na suposta fragilidade e debilidade presentes no discurso médico, reforçado por tantos outros, como nos mostra Ana Colling (2014) ao revisitar a prática discursiva grega, nas figuras de Platão, Hipócrates e Aristóteles. Além desses, a prática religiosa, médica, psiquiátrica e psicanalítica também são retomados por Colling (2014) na tentativa de mostrar a potência dessas práticas que ainda reforçam e reafirmam ditos e escritos sobre nós e nossos corpos.

6.3 FEMINISMOS E OS CAMPOS DE SABER

Ao entrar no campo intelectual, o movimento feminista gerou novas formas de produção de saber e novas perspectivas metodológicas. Segundo Lia Machado (2013), é possível pensar em cinco grupos: 1) os estudos sobre a condição e posição das mulheres; 2) a perspectiva desconstrucionista de gênero; 3) a perspectiva das epistemologias feministas; 4) a perspectiva

da diferença sexual; 5) a perspectiva das relações sociais de sexo. A autora salienta que as três primeiras são de contexto anglo-saxão e as duas últimas de contexto francês.

A ideia de igualdade entre os sexos foi um primeiro estágio de um movimento de transgressão, ou seja, de resistência. As mulheres tentaram cruzar as fronteiras do mundo dos homens sem desconstituir a prática discursiva sobre o feminino, arrastando escondidas as raízes muito bem nutridas pelo essencialismo. Uma estratégia comum era a adoção de estilos de vida, considerados masculinos, ocupando dois mundos.

É nesse sentido que passa a ser relevante o uso do conceito de saber/poder da obra de Michel Foucault. Foucault (2008) irá mostrar como o sujeito, ou melhor, a forma sujeito passa a ser ocupada por indivíduos. No caso das mulheres, pode-se dizer que os discursos da ordem estabelecidos em jogos de verdade, perfeitamente datados, como podemos observar nos históricos acima, não eram mais confortáveis para o sujeito mulher feminista. Esse sujeito passa a ocupar outro lugar no discurso, dessa vez lugar masculino, desde suas roupas, seus gestos e gostos. Isso tudo passa a fazer parte de uma estratégia de identificação com a *prática* masculina, um jogo de *performatividade* do gênero, como diria Butler (2015).

Neste artigo, o conceito de performatividade cunhado por Butler (2015) é potente, pois ele desestabilizou a noção de gênero agregando elementos da reflexão foucaultiana para possibilitar outros entendimentos, outras construções e horizontes possíveis. Como elas destacam:

Después de todo, su noción performativa del género de algún modo le disputa a la noción sociológica del género sus sesgos, mostrando que las categorías sociológicas de mujer o de varón dependen de una serie de presupuestos sobre el sujeto de los cuales la investigación social no podrá dar cuenta si no toma en consideración los procesos de subjetivación – que no los de la socialización –, a los que apunta el psicoanálisis o la filosofía. Del mismo modo, la dimensión performativa de nuestra existencia social tampoco podría visualizarse si la performatividad quedase reducida a una noción restringida del discurso o de la filosofía del lenguaje. (BELTRAN; SABSAY, 2012, p. 14).

Na segunda metade do século XIX, já era possível perceber a dispersão do discurso feminista, inicialmente centrado na reivindicação pela igualdade que já estava no plano das instituições políticas e de direitos civis. Um exemplo disso é que logo nas primeiras décadas do século XX, o direito ao voto foi progressivamente sendo concedido às mulheres. Como afirma Oliveira (1991), nesse grito pela igualdade as mulheres exercitavam-se na lógica masculina. Nesse jogo performático, muitas mulheres adotaram uma língua estrangeira, a do masculino, para serem reconhecidas nos espaços públicos.

A esperança de que era possível alcançar a igualdade e que cada vez mais as oportunidades se abriam às mulheres passou a ser motivo de dúvida. A tão almejada igualdade

foi reduzida e simplificada a uma questão de acesso, e o único questionamento realizado era sobre as barreiras que impediam a entrada das mulheres no espaço público. Segundo Oliveira (1991), o grande entrave era a completa desvalorização do universo feminino, alimentado pela ideia da tolerância e aceitação de um mundo igualitário, aquele que as aceitaria como elas eram, em sua suposta essência.

Segundo Oliveira (1991), o que ocorreu foi que pouco a pouco as mulheres foram se dando conta de que somente a reivindicação de acesso aos papéis masculinos reforçaria o argumento de inferioridade. Ela afirma:

Só a percepção de que o universo feminino é sem valor e, quase se poderia dizer, socialmente não existente, só a percepção de si como fazendo parte do pólo subalterno de uma relação hierárquica em que o masculino é o paradigma a ser atingido e o feminino o componente inacabado, pode explicar a armadilha na qual esse mal-entendido de base aprisionou as mulheres. (OLIVEIRA, 1991, p. 60).

A autora ainda destaca que a partir daí abriram-se novas possibilidades para pensar a questão das mulheres:

O impulso igualitário, suscitado pelas lutas contra a discriminação racial e o colonialismo, o questionamento do saber estabelecido, da razão científica e da política institucionalizada, a busca de um desencantamento do mundo e da vida em reação contra a uniformização e o gigantismo da sociedade pós-industrial, a emergência da questão ecológica, todas essas aspirações a uma vida outra, a um mundo diferente, “aqui e agora”, convergem para abrir uma nova brecha nas fundações da sociedade. Aparecem fissuras e rupturas onde antes só se viam passividade, conformismo e prosperidade material. (OLIVEIRA, 1991, p. 46)

Em um movimento para além da igualdade, as mulheres buscaram a diferença como identidade: “Não se trata mais de forçar o encaixe ao preço de mutilações” (OLIVEIRA, 1991, p. 12). Esse direito à diferença ainda hoje compõem os movimentos esquerdistas e tem tradição hegemônica intelectual em países como a França. O debate sobre a diferença sexual desenvolveu-se em duas perspectivas: uma essencialista e outra culturalista. A primeira delas enaltece a diferença sexual, onde a base dessa diferença está nas construções discursivas da psicologia ou da biologia, aprisionando a feminilidade em modelos universais. Na segunda perspectiva, as diferenças são produtos da cultura e da socialização. Nessa forma de pensamento, a superação da ordem e das leis patriarcais eliminaria as diferenças sexuais (ARAÚJO, 2005).

Segundo Araújo (2005), uma terceira perspectiva foi desenvolvida pela feminista francesa Françoise Collin, que reuniu os conceitos antagônicos de diferença e igualdade, baseada no conceito de pluralidade de Hannah Arendt. A proposição seria pensarmos a diferença entre três níveis: primeiramente entre o sujeito-mulher e a sua condição de mulher,

para pensar a mulher não somente reduzida a sua feminilidade, mas como um sujeito heterogêneo; segundo, pensar as diferenças entre as mulheres, pois a autora acredita que exista uma necessidade de pensar em um novo modo de sociabilidade entre as mulheres, incorporando e articulando diferenças; terceiro, pensar as diferenças entre as mulheres e o mundo dos homens para ressaltar a necessidade de uma nova forma de compreensão dessa relação.

O que se percebe é que a apropriação intelectual feita do pensamento feminista francês pelos anglo-saxões não deixou nítidas suas tensões e rupturas em um primeiro momento. Como ilustra Lia Machado (2013), um exemplo disso foi a publicação de uma coletânea preparada por Toril Moi, em 1987, que põe lado a lado Cristine Delphy (do feminismo da igualdade) com Luce Irigaray e Julia Kristeva (do feminismo da diferença) em um tópico intitulado “política da diferença”. Elas seriam como representantes de um suposto unitário “pensamento feminista francês”. Além delas, estariam inclusos nesse suposto pensamento unitário os filósofos franceses Derrida e Foucault (MACHADO, 2013).

Assim como as teóricas feministas, longe de serem unívocos, Derrida, Foucault e posteriormente Lyotard foram apropriados intelectualmente pelas feministas anglo-saxãs, que trouxeram seus conceitos para caminhar em conjunto com suas categorias inspiradoras, dando plurivocidade, vislumbrando a produção de saber e questionando o unicismo do sujeito filosófico. A desconstrução de Derrida inspirou as discussões em torno do processo analítico de desconstrução do gênero, principalmente por intermédio das publicações de Butler (2015).

A filósofa argentina Maria Luisa Femenías (2012) faz uma interessante análise sobre as duas perspectivas citadas - igualdade e diferença - no feminismo. Ela trata a história do feminismo não de modo a suprimi-lo por etapas encadeadas, parecendo uma história evolucionista, mas mostra a complexa rede desse campo de saber, destacando suas contribuições e possibilidades desconstrucionistas e de que forma essas contribuições responderam e ainda respondem a demandas específicas de lugares e tradições filosóficas distintas. Ela põe Simone de Beauvoir e Judith Butler em um confronto teórico. Beauvoir é interpretada por Butler como uma perspectiva feminista que realizou uma série de rupturas com os determinismos do sujeito universal, mas que ainda mantinha um entendimento essencialista e biologizante da ideia de mulher. No entanto, Femenías (2012) aponta que houve, na perspectiva de Beauvoir, uma questão situacional que deve ser levada em consideração, ou seja, houve sim uma ruptura profunda com o sujeito universal sartreano e com as tradições filosóficas que veem a liberdade como definidora do sujeito, introduzindo as mulheres como sujeito situacional e pondo em xeque as perspectivas do patriarcado como definidor do sujeito.

A autora, ao discutir essas duas vertentes do feminismo, aponta que o feminismo da diferença teve um papel importante, trazendo à tona a questão da interseccionalidade. Diferenças étnico raciais, de classe, de idade, sexualidade e tantas outras trouxeram elementos para discutir o projeto universalista da categoria mulher. Femenías (2012) ainda trata de alguns conceitos foucaultianos que enriqueceram as análises das feministas, como a noção de poder, que permitiram outra possibilidade de se pensar o corpo e o sexo. Ademais, a autora defende que a diferença não deve significar uma contraposição à igualdade, mas deve ser interpretada como contraposição à identidade. Já a igualdade deve ser pensada em contraposição às relações que sustentam as desigualdades. Para Femenías (2012), essa polarização é uma questão a ser superada nas teorias feministas.

Patrícia Beltran e Leticia Sabsay (2012), em livro dedicado às discussões em torno do conceito de performatividade de Butler, apontam que desde a publicação de *Problemas de Gênero*, em 1990, por Butler, o conceito de gênero se constitui num ponto de referência para o pensamento feminista e queer no cenário internacional, tanto para uma “butlerofobia” quanto para uma “butlerofilia” (BELTRAN; SABSAY, 2012, p. 10). As autoras, ambas europeias, mostram a resistência de entrada da publicação de Butler em alguns lugares da Europa, exceto na Alemanha, que traduz a obra e a publica já em 1991. Na Espanha, somente em 2001 a obra é publicada, e na França, em 2005. No contexto latino-americano, a receptividade (ou vulnerabilidade) e circulação das produções norte-americanas ocorre de modo mais rápido, tanto que a obra de Butler, em português, ganha sua primeira tradução em 2005.

Esse panorama de disseminação da obra de Butler, para Beltran e Sabsay (2012), tem a função de exemplificar o quanto os casos de butlerofobia são baseados, em certa medida, em interpretações e banalizações da sua obra, categorizando a autora como pop devido a sua popularização na última década e tentando desqualificar o seu trabalho. Logicamente, há casos bem específicos de butlerofobia, como na França. Era esperado que a crítica formulada pela autora à noção psicanalítica da diferença sexual, centro da tradição intelectual francesa hegemônica, não poderia ser bem recebida naquele contexto.

Em suma, o movimento feminista contemporâneo passou por um enorme alargamento do campo conceitual, possibilitando o repensar das *práticas* e dando opções para sairmos dos guetos que o próprio movimento acabou por construir. Margareth Rago (1995) já apontava, na década de 1990, os ganhos desse movimento, com a incorporação da epistemologia feminista pela academia e a legitimação dos estudos de gênero como campo de conhecimento. Para ela, “[...] é inegável o quanto o feminismo, seja enquanto modo de pensamento, seja enquanto

conjunto de *práticas* políticas e sociais, contribuiu e tem contribuído vigorosamente para a crítica cultural contemporânea.” (RAGO, 1995, p. 43).

No entanto, dada essa multiplicidade, um ponto nos amarra em uma discussão importante para o feminismo contemporâneo - a questão do sujeito. Como salienta Femenías (2012), a invenção do sujeito como categoria filosófico-política nasceu teoricamente com a modernidade e sempre assombrou o movimento feminista. O movimento feminista contemporâneo trata do questionamento deste sujeito universal, baseando-se na crítica ao universalismo tido como masculino. Além disso, ele traz a possibilidade de crítica à essencialização do sujeito, propondo um descentramento da constituição dos sujeitos e das identidades. É sobre o modo pelo qual essas críticas ao sujeito universal se somam à discussão do feminismo na contemporaneidade que trataremos a seguir.

6.4 OS FEMINISMOS PRECISAM DE UM SUJEITO?

Com o questionamento da história baseada somente nos grandes relatos históricos, é possível vislumbrar as relações de saber/poder que invertem os termos tradicionais, questionando as bipolaridades e os sistemas totalizantes modernos. As feministas contemporâneas trazem os questionamentos pós-modernos para seu domínio de produção de saber. Para parte delas, esse esforço é muito útil ao feminismo, pois ambos (feminismo e pós-modernismo) criticam as estruturas profundas da sociedade e certas formas restritas de pensamento. Uma das críticas mais importantes vem sendo sobre o sujeito do feminismo. Porém, para outra parte das feministas, questionar esse sujeito e a constituição do eu, tratando-o como um eu descentrado ou pulverizado, não traria benefícios para as causas das mulheres. Detalhemos melhor essa tensão.

Como já dito anteriormente, o movimento feminista contemporâneo questiona o sujeito universal inventado na Modernidade, sujeito esse tido como branco, heterossexual e de classe média. As mulheres enquanto sujeitos se constituíram no outro, seja pela complementariedade ou pelos modelos normativos em que o homem é a norma. Fomos construídas como objeto de conhecimento científico, tanto pela medicina quanto pela psiquiatria, sem ser reconhecidas como sujeitos com igual capacidade legal, política e científica. Hoje, esse tensionamento foi sistematicamente pulverizado nas diferentes lutas empreendidas pelos diversos ramos dos feminismos.

A desconstrução do sujeito universal masculino teve como correlato o descentramento do sujeito mulher, pois ao tratar de mulher no singular, como oposição a esse sujeito homem,

tornava-se praticamente impossível articular diferenças entre as mulheres como acontecia com os homens. Scott (2012) também dedica parte de sua reflexão, no artigo “Os usos e abusos do gênero”, a essa problemática. Segundo ela,

[...] em alguns períodos da história, mulheres são primariamente definidas como agentes reprodutivas, em outros como educadoras das crianças da nação, e até como as executoras da moralidade, e novamente como subversoras da razão. Elas são as vezes equiparadas com a natureza; em outros tempos, identificadas com a cultura. Em alguns períodos, elas foram entendidas como tendo a mesma alma dos homens, em outros elas foram distinguidas pela sua falta de razão. Mulheres se tornaram ‘o sexo’ em algum momento do século XVIII na Europa, um rótulo que tem sido difícil separar até os dias de hoje em algumas áreas do mundo. (SCOTT, 2012, p. 336).

Nesse movimento reflexivo, Scott (2012) propõe que recusemos a simplicidade histórica que se apresenta com o intuito de contar sobre as mulheres se movendo através dos tempos, e que pensemos em termos de situar quando e como contextos históricos diferentes passaram a compreender a própria categoria de mulheres.

Não compreender as mulheres como uma “coletividade flutuante”, como diz Scott (2012), vem sendo uma das grandes críticas levantadas pelas feministas negras, feministas latino-americanas e feministas lésbicas, como aponta Mariano (2005). Criticar a possibilidade de existência de um sujeito do feminismo é também uma crítica ao feminismo branco, tratando das discussões de identidade não somente como um problema político, mas também teórico.

No entanto, como apontam Judith Butler e Chantal Mouffe, questionar o sujeito não é o mesmo que declarar sua morte. As autoras propõem como alternativa uma ressignificação da categoria mulher, onde desconstruir o sujeito do feminismo é tentar liberta-lo do seu caráter normativo. Isso seria possível agregando o feminismo a teorias que tenham uma proposta de pensar a constituição do sujeito e as relações de poder que legitimam as hierarquias e diferenças tidas como naturais (MARIANO, 2005).

Para algumas feministas críticas, se nos aportarmos em teorias que tratam da desconstrução das identidades, teríamos um “feminismo sem mulheres”. Claudia Lima Costa, ao criticar o essencialismo e o problema da identidade, afirma que

[...] o debate sobre identidades conduz-nos a discussões sobre o significado da diferença; como conceituar a diferença sem cair na armadilha do binarismo e sem ceder à sedução dos apelos pós-modernos à total fragmentação e dispersão. (...) Em muitos casos a crítica ao essencialismo, levada às últimas consequências, resultou na celebração de um ‘feminismo sem mulheres’. (MARIANO 2005, p. 494, grifo da autora).

Entretanto, segundo Mariano (2005), a desconstrução da categoria mulher não significa a inexistência de mulheres. A tentativa é o entendimento de que há uma categoria heterogênea,

instável e contingente. Para a autora, “[...] o sujeito do feminismo passa a ser compreendido sempre como algo que é construído discursivamente, em contextos políticos específicos, a partir de articulações, alianças, coalizões. Portanto é sempre contingente” (MARIANO, 2005, p. 494). Entender o feminismo como conceito relacional e contingente é aceitar que nada pode ser dito fora de um sistema discursivo relacional. O obstáculo substancialista presente na noção de feminismo como existência per si pode ser uma das mais importantes problematizações do feminismo contemporâneo. Uma ideia de mulher sem relações contingentes seria como um átomo e, portanto, um devir.

Rachel Nigro (2012), ao aproximar os escritos de Foucault com a crítica feminista pós-estruturalista, salienta que Foucault critica explicitamente aqueles modelos tidos como emancipatórios ou libertários, como por exemplo o movimento feminista. Segundo Foucault (2008), esse tipo de movimento se conformaria a um modelo jurídico, não reconhecendo a produção histórica do sexo como categoria. No entanto, no início dos anos 90 o feminismo pós-estruturalista conseguiu alianças frutíferas com o pensamento foucaultiano, no sentido de compreender as *práticas* discursivas como constituidoras do campo e a emergência do conceito de gênero como efeito dessas *práticas*. Sexo e corpo passam, a partir daí, a ser concebidos como produção histórica, em uma tentativa de fuga do eterno retorno a um certo grau de essencialismo de inúmeras outras vertentes. Essa possibilidade só se dá porque o gênero pode ser encarado como um instrumento de subjetivação, uma vez que tem a flexibilidade e as conexões exigidas pela biopolítica. O governo dos indivíduos, biopoliticamente falando, baseia-se na aparente liberdade de cada indivíduo e da possibilidade de escolha. Ver o gênero sob este ângulo é vê-lo como uma maquinaria que age nas dobras do poder, nas suas articulações e conexões.

Butler (1998, p. 24), ao tratar dos feminismos contemporâneos, escreve:

Eu diria que qualquer esforço para dar conteúdo universal ou específico à categoria mulheres, supondo-se que essa garantia de solidariedade é exigida de antemão, produzirá necessariamente facções e que a 'identidade' como ponto de partida jamais se sustenta como base sólida de um movimento político feminista. As categorias de identidade nunca são meramente descritivas, mas sempre normativas e como tal, exclusivistas. Isso não quer dizer que o termo 'mulheres' não deva ser usado, ou que devemos anunciar a morte da categoria. Ao contrário, se o feminismo pressupõe que 'mulheres' designa um campo de diferenças indesignáveis, que não pode ser totalizado ou resumido por uma categoria de identidade descritiva, então o próprio termo se torna um lugar de permanente abertura e re-significação.

Trabalhar nesse lugar anunciado por Butler (1998), de permanente abertura e ressignificação, não é tarefa simples, mas acreditamos que cada microanálise dá volume a essa intenção. Para nós funciona desta forma, e é um pouco disto que buscamos com essa tese. Para Femenías (2012), outras questões interpelariam essa busca pela ressignificação do termo

mulher e a constituição desse sujeito do feminismo, como as tecnologias do poder. O poder que atravessa a dicotomia moderna do público privado, o poder como relação entre os indivíduos, já que alguns indivíduos podem gestar, em maior ou menor grau, a conduta do outro, mas nunca na totalidade. Essa noção foucaultiana de poder possibilita pensar que as mulheres podem ter um outro olhar sobre a tensão entre liberdade/poder/resistência. O exercício de si, para o sujeito feminino na contemporaneidade, passa pelo entendimento da sua construção atomística em detrimento da visibilidade molar.

Podemos pensar o sujeito como forma constituída pelas relações de poder, ou seja, por um conjunto de mecanismos de normalização no interior dos saberes, das práticas, das instituições e das estratégias, ou seja, das tecnologias de poder. Estamos tratando de um poder que se exerce como estratégia, como tecnologia sutil e eficaz e que se manifesta como um efeito. E se o poder constrói a *prática*, a *prática* reafirma o poder. Com isso, tanto o sujeito (homem) e o objeto (mulher) são emergências de práticas discursivas datadas.

Femenías (2012) cita que no pensamento de Lauretis os códigos e as formações sociais definem a posição do sujeito e seu significado. Desta forma, os homens reelaboram essa posição em uma construção pessoal e subjetiva. As mulheres, por não terem acesso histórico a esses códigos, se veem representadas como o invisível, a ausência e o distanciamento. Elas não seriam donas de seu discurso, tornando o lugar de sujeito feminino no discurso um lugar impossível. Por isso, em oposição a essa construção de sujeito moderno universal masculino, abrem-se novas formas de pensar a posição de sujeito. Já que o sujeito mulher não é possível e não se pode transformar os códigos, o que se torna possível é transgredi-los, criar problemas, provocações e perversões.

Para nós, o próprio conceito de representação é problemático. A representação de quem deve ser representado é anterior a ela mesma, ou seja, no sentido foucaultiano, os sistemas de poder produzem os sujeitos que conseqüentemente vem a representar. Mariano (2005) aponta que a desconstrução da categoria mulher é encarada como um afastamento da prática política feminista, já que para essa militância o que deveria prevalecer seria uma noção de unidade com conceitos mais estáveis. Porém, a autora faz um contraponto interessante ao enfatizar que tanto para Judith Butler, quanto para Joan Scott e Chantal Mouffe, não é necessária a unidade para uma ação política efetiva. Butler funda seu argumento na ideia de uma política de coalizões que busca a constituição de alianças contingentes, não necessitando uma categoria única de mulher. Femenías (2002) chama atenção para algumas teóricas feministas que trouxeram a positividade do poder, em Foucault, para o campo de saber do feminismo, como Jane Sawicki. Tratar os

efeitos do poder nem sempre como negativos abre possibilidades para pensarmos que todos somos vítimas e, ao mesmo tempo, agentes dentro das redes de poder.

6.5 CONSIDERAÇÕES

Em suma, buscamos mostrar pontos em comum e dissonâncias na constituição do movimento feminista. Retomando o que anunciamos no início, o feminismo é um campo em constante mutação. Cabe, então, tratarmos de feminismos, dada sua pluralidade. Mostramos, ao identificarmos aspectos comuns nas teorias feministas, que não significa que há uma univocidade de sentidos. A tentativa é por em debate o feminismo e seu suposto sujeito a partir de múltiplas vozes e, com isso, apontar que diferentes alternativas são tratadas por diferentes autoras, mas nenhuma dessas alternativas é uma resposta acabada. A discordância entre as pensadoras feministas é fundamental e contribui para o questionamento constante do nosso fazer acadêmico e político.

O exercício é pensar os feminismos atualmente como políticos, parciais e estratégicos. Foucault (2008) nos ajuda a pensar, que diante de uma intervenção política, o senso comum pensaria essa ação como algo humanitário, no sentido de incentivar, proteger, estimular e administrar. A nossa tarefa é pensar essa ação como um deslocamento dos mecanismos estratégicos de poder na sua materialidade. É essa materialidade de que tratam as políticas e os *dispositivos* que se propõem a inserir a mulher no contexto científico.

Tratar essas *práticas* de visibilidade em torno mulheres como *dispositivo* significa vê-lo como diretamente imbricado nas relações de poder e saber. Para que esse disposto de visibilidade se efetive, ele passa a acionar um saber para um conjunto de leis, direitos, regulamentos e *práticas* que o institucionalizam, ganhando legitimidade. O movimento feminista contemporâneo, plural e disforme, proporciona um lastro estratégico para a efetivação do *dispositivo de visibilidade*. Esses feminismos tem incidido diretamente no estabelecimento de Políticas como a criação de um Prêmio L' Oreal.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ARAÚJO, M. de F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.17, n. 2, p. 41-52, 2005.

BELTRAN, P.; SABSAY, L. **Judith Butler en disputa: lecturas sobre la performatividad.** Madrid: Editorial Egales, 2012.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. P. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”.** 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo.** In: LOURO, G. L. **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BUTLER, J. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós- modernismo.** **Cardernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 11-42, 1998.

COLLING, A. M. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história.** 1ed. Dourados: Ed. UFGD, 2014.

DORLIN, E. **Séxo, género y sexualidades: Introducción a la teoría feminista.** 1. ed. Buenos Aires: Nueva Vision, 2009.

FEMENÍAS, M, L. **Sobre sujeto y género: re-lecturas feministas desde Beauvoir a Butler.** 2. ed. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2012.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber.** Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, M; MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade.** Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. (Ditos e escritos, 9)

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Tradução de Roberto Machado. 28. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, M. **Segurança, território e população: curso dado no Collège de France (1977-1978).** Tradução Eduardo Brandão. Revisão da Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade: curso dado no Collège de France (1975-1976).** Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas.** Tradução Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, M. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** MOTTA, M. B. da (Org.). Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos e escritos, 3).

GONZÁLEZ, W. A. P. Historia Del Feminismo. **Revista de La Universidad Autónoma de Yucatán**, Merida, n. 225, p. 30-45, jul./dez., 2003.

MACHADO, L. Z. Enfoques de gênero e Enfoques feministas: desafios metodológicos. **48 Reunião da PNPM**. 22/08/2013. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/assuntos/pnpm/48a-reuniao/palestra-5-enfoques-de-genero-e-enfoques-feministas-desafios-metodologicos.pdf/view>>. Acesso em: abr. 2017.

MARIANO, S. A. O sujeito do feminismo e do pós-estruturalismo. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, set./dez. 2005.

NIGRO, R. Foucault e a crítica feminista pós-estruturalista. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 21, n. 31, p. 45-60, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/361>>. Acesso em: 30 set. 2017.

PIZAN, C. de. **La Cité des Dames**. Texte traduit et présenté par Thérèse Moreau et Eric Hicks. 4.ed. Paris: Stock, 2000.

OLIVEIRA, R. D. de O. **Elogio da Diferença: O feminismo emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PRECIADO, P. B. **Biopolítica del Género**. (Texto em PDF). 2009. Disponível em: <<http://masculinidad-es.blogspot.com.br/2009/09/biopolitica-del-genero.html>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

PRECIADO, P. B. Liberar o feminismo das políticas identitárias. **Liberación**. Tradução Silvio Pedrosa. 9 maio 2014b. Disponível em: <<http://uninomade.net/>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n1 Edições, 2014a.

RAGO, M. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós)modernidade n Brasil. **Cadernos AEL**, Campinas, n. 3, p. 12-43, 1995/1996.

RAGO, M. O feminismo acolhe Foucault. **Revista Labrys Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 26, jul./dez. 2014 25p. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys26/sumarios/foucault.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

SCOTT, J. Usos e abusos do gênero. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

7. TODAS EM UM VESTIDO: PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E O PRÊMIO L'OREAL ABC/UNESCO PARA MULHERES NA CIÊNCIA

Juliana Cardoso Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul e IFSul - Campus Sapiranga
julianapereira@ifsul.edu.br

Rochele de Quadros Loguercio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
rochelel@gmail.com

RESUMO

Neste artigo problematizamos os efeitos do Prêmio L'Oreal ABC/UNESCO – Para Mulheres na Ciência como um *dispositivo de visibilidade* que, com a proposta de inserir as mulheres na ciência, torna-se uma *prática de governo*, ou seja, uma forma de condução das condutas. Esse *dispositivo* carrega uma forma de visibilidade que é performativa para as mulheres da ciência. Essas formas de visibilidade performativas são discutidas a partir das fotografias das vencedoras do Prêmio L'Oreal ABC/UNESCO - Para Mulheres da Ciência, disponíveis no site do Programa desde seu surgimento, em 2006. As visibilidades aqui estão nas imagens, nas fotografias produzidas durante a Premiação. Nesse sentido, buscamos extrair as visibilidades de uma época ao olharmos para seu regime de luz, suas cintilações e seus reflexos, como diria Deleuze (2005).

Palavras-chave: Prêmio L'Oreal ABC/UNESCO – Para mulheres na Ciência. Dispositivo de visibilidade. Inserção mulheres na ciência. Visibilidade.

ABSTRACT

In this article, we discuss the effects of the L'Oreal ABC/UNESCO Prize - For Women in Science as a visibility apparatus that, with the proposal of inserting women into science, becomes a *government practice*, that is, a form of conduction of conducts. This *apparatus* carries a form of visibility that is performative for women of science. These performative forms of visibility are discussed from photographs of the winners of the L'Oreal ABC/UNESCO Prize -For Women of Science, available on the Program's website since its inception, in 2006. According to Deleuze (1992, p. 120): "Thinking is, first, seeing and speaking, but with the condition that the eye does not remain in things and rises to the "visibilities". The visibilities here are in the images, in the photographs produced during the Awards. In this sense, we seek to extract the visibilities of an epoch as we look at your light scheme, your scintillations and your reflections, how would say Deleuze (2005).

Keywords: L'Oreal ABC/UNESCO – for women in science. Apparatus visibility. Women in science Visibility.

7.1 INTRODUÇÃO

O Prêmio Internacional L'Oreal UNESCO – for Women in Science foi o primeiro programa voltado para mulheres na ciência. Em 20 anos de atuação em nível internacional, o

programa premia anualmente 5 (cinco) cientistas, uma de cada região do mundo (África e países Árabes, Ásia-Pacífico, Europa, América Latina e América do Norte), com uma bolsa-auxílio de 100 mil dólares. Em nível nacional, o programa da L’Oreal é promovido desde 2006, em parceria com a UNESCO BRASIL e com a Academia Brasileira de Ciências, que a cada ano tem escolhido 7 (sete) jovens pesquisadoras, de diversas áreas de atuação, que recebem uma bolsa-auxílio de 50 mil reais. De acordo com o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO – Para Mulheres na Ciência (PLMC), essa iniciativa “[...] recompensa, incentiva e coloca sob os holofotes excepcionais cientistas”.

Em se tratando dos parceiros que integram esse prêmio, a empresa francesa L’Oreal, fundada em 1909, se tornou o grupo número um de cosméticos no mundo e atua mundialmente há mais de um século com o desenvolvimento de produtos destinados a cuidados de beleza para mulheres. Hoje, a L’Oreal não atua somente com produtos exclusivos para o público feminino, pois na virada do século a empresa passou a direcionar seus produtos para outros consumidores que passaram a emergir. Essa nova proposta de marketing está anunciada na web da L’Oreal²⁰, onde salienta:

Não existe apenas um padrão de beleza, mas uma variedade de formas constituída por diferentes origens étnicas, aspirações e expectativas culturais que refletem a diversidade multifacetada do mundo. Com o seu portfólio único de marcas internacionais, a L’Oréal entra no século 21 em busca do crescimento global sob a bandeira da diversidade.

Esse direcionamento do marketing da L’Oreal pode ser entendido como parte de um movimento da tecnologia política da contemporaneidade, a *biopolítica*, a que se refere Foucault (2008). As estratégias passam a não incidir somente sobre os corpos individuais, mas sobre a totalidade dos corpos, pensados enquanto *população*.

A L’Oreal tem como parceira a UNESCO, organização estabelecida a nível mundial no pós-guerra com a marca de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações (Estados Membros), acompanhando o desenvolvimento mundial. Em 2006, a L’Oreal colocou em prática uma série de novas iniciativas de responsabilidade social corporativa lideradas por Lindsay Owen-Jones, presidente na ocasião. Uma dessas ações foi a expansão do Prêmio Women of Science para as esferas nacionais. No Brasil, o programa teve o apoio de outro órgão, a Academia Brasileira de Ciências (ABC). Essa organização, desde 1916, se propõe a “[...] estimular a continuidade do trabalho científico dos seus membros, o desenvolvimento da

²⁰ Disponível em: < <https://www.loreal.com.br/>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

pesquisa brasileira e a difusão da importância da ciência como fator fundamental do desenvolvimento tecnológico do país”.

Nesse artigo, nosso objetivo é compreender como o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO - Para Mulheres na Ciência (PLMC)²¹, tem operado uma forma de visibilidade, pensada ao nosso ver como um *dispositivo de visibilidade*, em tempos de biopolítica, efeito de uma estratégia de governo de uma *população* de mulheres, particularmente das ciências.

As ciências exatas, além de disciplinar, negaram a existência do corpo, inicialmente apenas dos corpos femininos e, mais tarde, de todos os corpos. Negar o corpo e negar o sujeito são estratégias que fazem parte do projeto positivista da ciência moderna. No entanto, essa negação do sujeito cientista serviu como alibi na discussão da ausência das mulheres na ciência, tornando viável o movimento de colocar sob as luzes, mesmo que por um instante, a premissa de que as mulheres estão ausentes da prática científica. Como mostramos em outro texto²², ainda hoje é possível fazer perguntas como “por que as mulheres não estão na ciência exata?”. Tais questionamentos justificam a criação de ações afirmativas, prêmios e toda uma série de estratégias para recuperar essa *população* por muito tempo invisível.

As *práticas* da contemporaneidade deslocaram, impactaram e mobilizaram outras formas de existência para as mulheres, inclusive nos espaços antes alijados. Assim, essa *população* passou a ser motivo de debate. O PLMC será nosso ponto de inflexão para discutirmos as relações entre mulheres e ciências exatas na contemporaneidade, pois não surpreende a sua existência e seus objetivos no cenário em que nos encontramos.

Fabiani Caseira e Joanalira Magalhães (2015) realizaram uma análise do PLMC, focando no edital e na página do programa na internet e colhendo informações da premiação do ano de 2013. A escolha do ano se deve ao fato de que a partir desse ano as especificações do edital mudaram e passaram a exigir que as ganhadoras desenvolvessem atividades em escolas. A análise empreendida por elas baseou-se em três categorias: Que mulheres são essas que a ciência precisa; as exigências da premiação e o surgimento da premiação no Brasil; os direitos e deveres das premiadas.

As pesquisadoras apontaram que o Edital exclui as áreas das Ciências Humanas e Sociais e que considera cientistas somente as mulheres que atuam em áreas apontadas pelas premiações - Ciências da Vida, Ciências Físicas, Ciências Matemáticas e Ciências Químicas.

²¹ Utilizaremos, neste artigo, a sigla PLMC para nos referir ao Prêmio L’Oreal com o intuito de facilitar a leitura.

²² Pereira, J.C; Loguercio, R. O Jornal da Ciência e a visibilidade de gênero: igualdade e diferença. XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XII ENPEC 2019. Natal, Rio Grande do Norte.

Nesse sentido, elas afirmam que “[...] são premiadas somente as ciências caracterizadas pela clássica ciência de bancada, marcada pelas atividades experimentais com equipamentos de laboratório, muitas vezes sofisticados” (CASEIRA, MAGALHÃES, 2015, p. 155). Esse dado não é totalmente surpreendente, pois ainda que as mulheres tenham sido, no processo civilizatório, sistematicamente separadas dos lugares de poder, do setor público e das esferas de produção dos saberes, foi nessas ciências que o prêmio aponta que se praticaram formas de exclusão, partindo particularmente da aceitação de uma “verdade” cartesiana de que há uma separação entre corpo e mente, bem como entre a “natureza” feminina e a razão masculina.

As ciências exatas, que passaremos a chamar de ciências doravante, nos apoiando em um texto de Foucault em entrevista a Dreyfuss e Rabinow²³, foram e ainda são extremamente misóginas. É nas estatísticas dos órgãos de fomento a pesquisa no Brasil que podemos perceber o grande vazio de mulheres em seu escopo. Essa *população* de mulheres que a estatística mostra estar alijada do mundo do trabalho é que precisa ser conduzida, controlada e produtiva.

No entanto, segundo a análise de Caseira e Magalhães (2015), não é qualquer cientista que pode concorrer a essa premiação. No edital são especificados alguns requisitos que avaliam estatisticamente a produção científica e intelectual da candidata pelo seu currículo Lattes. Além disso, ela deve ter terminado seu doutoramento recentemente e estar vinculada a uma instituição de pesquisa. Elas destacam, por fim:

Nos parece que na atualidade o que se procura são ‘Einsteins femininos’, jovens mulheres talentosas com aptidão para a ciência, como se fosse um dom e que para isso também requeira muito esforço, devido às exigências que se fazem presentes nos editais da premiação e de produção científica. (CASEIRA; MAGALHÃES, 2015, p. 154).

Práticas sociais contemporâneas governamentais que compõe o dispositivo de visibilidade dão conta, em sua maioria, de evidenciar ausências, presenças pontuais e brilhantismos específicos de mulheres na ciência, como apontam as duas dimensões documentais analisadas que constituem o artigo Mulheres e Ciência: o campo e as pesquisas na área. Nasce, assim, debates em torno dos motivos dessa elisão e propostas de ações institucionais com o intuito de nos inserir. Essas *práticas* direcionam nosso olhar para o PLMC

²³ A ciência não é um ideal que atravessa toda a história e que seria encarnado primeiro pela matemática, depois pela biologia, depois pelo marxismo e pela psicanálise. É um conjunto de discursos e práticas discursivas muito modestas, perfeitamente enfadonhas e cotidianas que se repetem incessantemente. Existem, lado a lado, outros discursos e práticas cuja importância para a sociedade independem do estatuto de ciência que possam vir a receber.

como um *dispositivo de visibilidade* e, com isso, ele toma forma na tentativa de responder a uma urgência contemporânea: dar visibilidade às mulheres na ciência.

O conceito de *dispositivo* do filósofo Michel Foucault (2010), utilizado como ferramenta analítica nos é útil, pois refere-se a um “[...] conjunto heterogêneo que envolve discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2010 p.244) que o compõem. Parte desse conjunto heterogêneo está posto por nós em duas análises realizadas anteriormente: uma delas trata dos documentos oficiais que delimitam o campo dos estudos de gênero e feministas, enquanto outra trata das falas de cada dia, aquelas mais frequentes sobre as mulheres nas ciências, publicadas no Jornal da Ciência e que agregam-se as *práticas* que tratam do corpo, do sexo e do gênero.

7.2 A VISIBILIDADE

Os efeitos do *dispositivo de visibilidade* entram em cena por meio de uma bandeira de promoção de visibilidade, materializando uma ação estratégica da biopolítica. Esse *dispositivo* tem potência para gerar inúmeros efeitos, sendo que um deles reside na performatividade dessas mulheres. Primeiramente, cabem algumas questões: Como extrair do funcionamento do dispositivo seus efeitos de visibilidade? Que visibilidade é essa a que nos referimos?

Para problematizarmos essas questões, utilizamos como material de análise as publicações do PLMC, disponíveis no seu site²⁴. Entendendo que a performatividade pode estar contida nas cintilações do visível tanto quanto nas formas do dizível, optamos por um arquivo audiovisual, a saber, 17 fotografias publicadas do grupo de cientistas vencedoras do Prêmio, desde sua primeira edição, em 2006, até o ano de 2018 - com exceção de 2011 e 2016, que não possuem registros fotográficos disponibilizados no website.

²⁴ Disponível em: <<https://www.paramulheresnaciencia.com.br/>>, acesso em outubro de 2018.

Figura 1 - Fotos das vencedoras do Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO Para Mulheres na Ciência



Fonte: Website do Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO – Para Mulheres na Ciência.

Olharemos essas fotografias sob a perspectiva de que o PLMC é parte de um *dispositivo de visibilidade* que é composto por inúmeras enunciabilidades, visibilidades, instituições e o falar e o ver, que passam a constituir *práticas* que se atualizam constantemente. É justamente esse conjunto de *práticas* que mostram os clarões e as cintilações performatizadas nas cientistas.

O *dispositivo de visibilidade* funcionaria não na promoção ou ocultamento das mulheres na ciência, mas como um instrumento de descrição da necessidade de se inserir essas mulheres no contexto da ciência. Ele “[...] tem essencialmente por função responder a uma realidade de maneira que essa resposta anule essa realidade a que ela responde - anule, ou limite, ou freie, ou regule.” (FOUCAULT, 2008, p. 61). Olhar o coletivo das imagens nos remete imediatamente ao número pequeno de pessoas que ocupam essas fotos, onde o impacto visual desse número e a forma como as mulheres estão posicionadas não difere dos cartazes de séries americanas famosas, como ‘Criminal Minds’, ‘Law & Order’ ou ‘Liga da Justiça’. Essas mulheres distribuídas em um palco ou posando em uma estrada, como ilustra a foto de 2017a, remetem a poucas heroínas capazes de enfrentar a “difícilíssima tarefa de ser cientistas”. Tal como indica Foucault (1995), isso anula ou limita a realidade de que existem muitas mulheres nas ciências, nessa atividade perfeitamente “enfadonha e cotidiana”²⁵, que não são premiadas ou são pouco premiadas e pouco destacadas por uma estrutura machista que seleciona os artigos, os convites e as palestras. As fotos dessas poucas mulheres, marcadas por roupas de festa e posicionadas com suas flores, não dizem da realidade de um número enorme de mulheres que trabalham nas ciências, e menos ainda admitem que a ciência é uma atividade bastante comum na contemporaneidade.

No entanto, olhar essas imagens e ver essa falta, entender as marcações negativas ou positivas, demanda um conhecimento do campo. Somos, Rochele e eu, cientistas de bancada, trabalhamos nos Institutos e Faculdades de ciências exatas, conhecemos as mulheres nos corredores e nos laboratórios e, ver essas fotos, nos atinge de forma diferente de que outras pessoas as percebem, pois a análise imagética se faz de muitas maneiras.

Há, na análise de imagens, inúmeras perspectivas. Foucault (2002), em suas análises pictóricas, foi entendido de perspectivas diferentes, ora como um leitor e produtor de narrativas sobre uma imagem, ora como uma experiência visual. Assim, nos juntamos a Rodrigo Castro Orellana (2014, p.9), quando ele aponta que a pintura no pensamento do filósofo francês não

²⁵ FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. (Orgs) **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

deve ser vista unicamente como “[...] objeto de um estudo erudito que problematiza a relação entre a figura e o texto, ou o que converte a pintura no rastro de um regime epistêmico, mas, sobretudo, como uma experiência do visual que serve de modelo para o pensamento crítico.”.

Orellana (2014) destaca que foi Deleuze quem soube captar a conexão entre a paixão de Foucault pelos quadros e sua forma de escrever. Deleuze (1991, p.33) afirma: “Foucault sempre soube pintar quadros maravilhosos como fundo de suas análises.”. Orellana (2014) ainda aponta que o historiador norte americano Martin Jay, ao tratar dos escritos foucaultianos sobre a pintura ocidental, os considera pouco efetivos para materializar uma proposta de experiência visual como forma de resistência. Para Jay, Foucault se manteve na tradição ocidental que macula a visão, e por isso não nos propôs nenhuma forma de escape ao império do olhar que nos conduzisse a uma situação heterotópica potente. No entanto, ORELLANA (2014) aponta que pensar como Jay é desconsiderar que a experiência visual foucaultiana esteve intimamente ligada à escrita e ao trabalho crítico do pensamento: “No pensamento de Foucault, as imagens instituem o texto, quer dizer, se desdobram como cenas que contém uma diferença ou uma experiência esquecida, cuja simples presença orienta a teoria” (ORELLANA, 2014, p.32).

Este estilo de escritura ótica pode parecer não aderir bem a Foucault, dados seus confrontos com os sistemas de vigilância e com a crítica ao regime ocularcêntrico da Modernidade. Porém, cabe destacar dois momentos da obra de Foucault que apontam para duas *práticas* distintas:

[...] uma orientada para a disciplina, outra feita de assombros. A primeira corresponderia a insidiosa tecnologia do ‘ver sem ser visto’ e a segunda teria relação com o que o ‘último Foucault’ denomina: estética da existência, na qual se construiria uma ética do ‘ver sem ser visto’ (ORELLANA, 2014, p.32, grifos do autor)

Esse movimento do regime de visibilidade da obra foucaultiana é visto por ORELLANA (2014, p.33) como efeito de mudanças no sistema de conhecimento e no “suposto poder do texto”, no sentido de minar o império histórico do olhar que “coage e minimiza politicamente” para “[...] minar o regime de visibilidade através de uma escrita que multiplica as afirmações diferentes [...] intensificando a experiência visual” (ORELLANA 2014, p.33). Esse processo, ao contrário do que apontava Martin Jay, pode ser visto como uma forma específica de resistência, como uma “[...] expressão positiva de uma ordem visual alternativa.”. Ele completa afirmando que “[...] o conceito, a imagem e a ficção, então, estariam a serviço de uma abertura a outras experiências possíveis” (ORELLANA, 2014, p.34). É nesse sentido que pensamos o

dispositivo de visibilidade, como uma ferramenta analítica também das fotografias expostas no PLMC.

7.3 A PERFORMATIVIDADE

Que efeito esse *dispositivo de visibilidade* tem gerado? Ao pensarmos o PLMC como um *dispositivo*, percebemos que a promoção de inserção de mulheres na ciência torna-se uma *prática de governo*, isto é, de condução das condutas. Um dos efeitos que o *dispositivo* traz para o visível é a *performatividade* de gênero. A performatividade é um efeito da dinâmica das linhas de força, onde o efeito material dos corpos é inseparável do governo do sujeito, de uma condução de sua conduta. Percebemos a *performatividade* dessas cientistas como parte de uma *prática* que é capaz de produzir fenômenos e que reside justamente na busca pela regulação. Esse efeito *performativo* se torna interessante nesse artigo quando olhamos as mulheres e seus vestidos como representando um apelo à feminilidade essencializada.

Judith Butler (2015) utiliza os conceitos de *performance* e *performatividade* para questionar a naturalidade da diferença baseada no sexo. Ela questiona que “[...] talvez o próprio construto chamado sexo seja tão culturalmente construído quanto gênero”, como discutimos em outro texto²⁶. A autora ainda complementa, afirmando que “[...] a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nula” (BUTLER, 2015, p. 27). A proposta seria pensar para além das relações causais entre sexo e gênero, onde o gênero precede o sexo, já que com isso passamos a pensar que o sexo não seria algo estável, imutável e fixo.

Para nós, o sexo é entendido a serviço de uma estratégia maior. Como afirma Butler (2002), o sexo não pode ser pensado como “[...] aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais alguém simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural”. (BUTLER, 2002, p. 154). Paralelamente, o gênero é um estilo corporal, um ato corpóreo, *performativo*:

O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, consequentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e

²⁶ PEREIRA, C. J.; LOGUERCIO, R. **A invenção do conceito de gênero**: um exercício do olhar. 2019 [no prelo].

estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. (BUTLER, 2015, p. 242).

Preciado (2009), ao realizar uma genealogia do conceito de performance que adentrou o feminismo e as teorias queer, aponta que ele tem seu antecedente discursivo em 1929, em uma publicação de Joan Riviere, intitulada *La femineidad como máscara*. Nesse texto, a feminilidade seria um artifício, uma máscara para as “mulheres intermediárias”, ou seja, aquelas que se encontravam entre a heterossexualidade e a homossexualidade. Nessa obra, essa máscara do feminino seria utilizada para ocultar a masculinidade, com o objetivo de evitar as represálias temidas em virtude da figura paterna desempanhada e feitos intelectuais.

O conceito de *performatividade* é retomado na década de 1980, por Judith Butler, para referir-se a performance feminina de uma drag queen, ou seja, um homem biologicamente dado que se mascara, performativamente, do feminino. Esse exemplo da drag queen é significativo, pois ocupa o espaço da paródia, situando-se entre o sexo anatômico e o gênero interpretado, como uma espécie de imitação.

Nesse jogo paródico e quase teatral de imitação do feminino, realizado por uma drag queen, fica claro como tem se dado os mecanismos produtores da verdade sobre o sexo feminino. Butler (2000) passa a considerar a performance de uma drag queen extremamente subversiva, uma vez que esta desnaturalizaria a pressuposta harmonia entre o sexo e o gênero, permitindo que compreendamos os mecanismos que atuam na produção dessa harmonia.

Ainda na análise genealógica de Preciado (2009) sobre a performatividade, ela aponta que mais adiante, nos textos de Butler, como na publicação de *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*, ela resignifica a performance, deslocando-se de um modelo teatral para uma performatividade linguística. Na introdução deste livro, são enumeradas questões oportunas para a discussão da materialidade dos corpos frente a performatividade do gênero, onde Butler (2000) salienta cinco pontos a se considerar. Destacamos um ponto neste artigo: “A construção do sexo não mais como um dado corporal sobre o qual o construto do gênero é artificialmente imposto, mas como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos.” (BUTLER, 2000, p. 124).

Butler (2000, p. 124) aponta que “[...] os próprios limites do construcionismo ficam expostos naquelas fronteiras da vida corporal onde os corpos abjetos ou deslegitimados deixam de contar como corpos”, propondo:

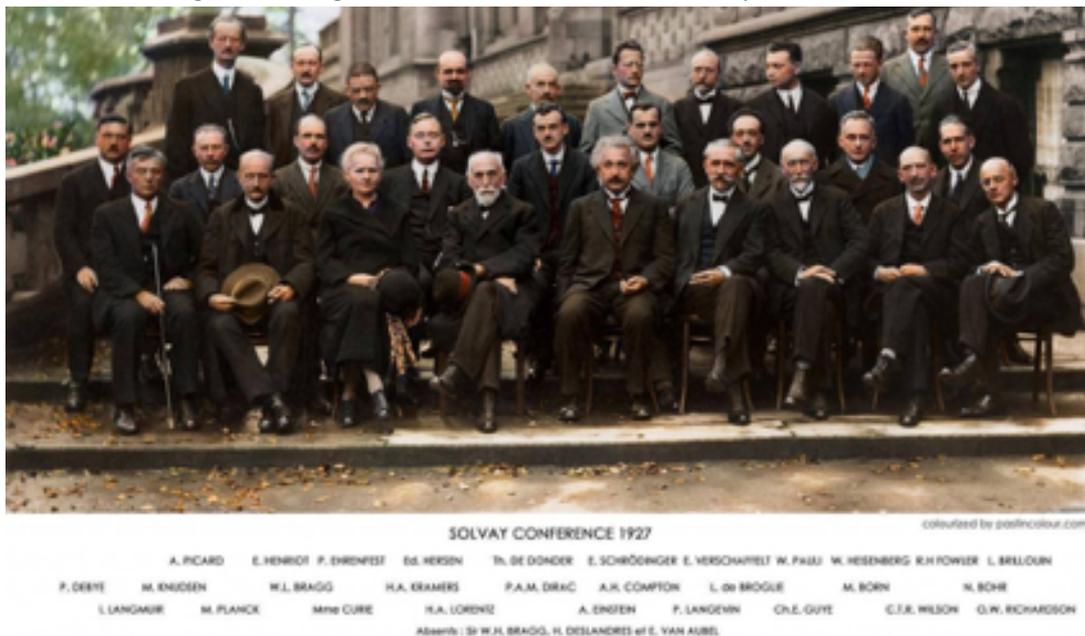
Será igualmente importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos são construídos, assim como será importante pensar sobre como e para que finalidade os

corpos não são construídos, e, além disso, perguntar depois, como os corpos que fracassam em se materializar fornecem o ‘exterior’ – quando não o apoio – necessário, para os corpos que, ao materializar a norma, qualificam-se como corpos que pesam. (BUTLER, 2000, p.124).

7.4 O CORPO

Pensando na corporeidade dessas cientistas, atentamos para um corpo que pesa na ciência - o de Marie Curie. Santos e Loguercio (2018) nos desafiam a pensar as múltiplas identidades e enunciados sobre a constituição do sujeito mulher nas ciências utilizando a trajetória de Marie Curie. A Fotografia da 5ª Conferência de Solvay (1927) destaca a presença constante de um vestido preto de algodão.

Figura 2 - Fotografia da Quinta Conferência de Solvay, Bruxelas 1927



Fonte: Retirado de: <<https://mujeresconciencia.com/>>

Santos e Loguercio (2018, p. 57) ainda destacam: “A fotografia impressiona não só pela presença de tantos expoentes em ciências, não só por Marie, mas também pela objetividade das figuras, pela formalidade das casacas em preto, por uma atmosfera que inspira a objetividade masculina das ciências”. É uma mulher na ciência e temos um vestido! Essa fotografia visibiliza não só a presença de Marie Curie, mas também formas de ser mulher e cientista. As autoras destacam que o uso da cor negra nas vestimentas tem marcações específicas na história, pois a

roupa preta é “[...] uma cor que não tendo cor, apaga qualquer eu, é a busca por anulação de si” (SANTOS; LAGUERCIO, 2018, p.57).

O uso obrigatório do branco na ciência, no formato de jaleco, é recente e veio conjuntamente às práticas de assepsia inventadas no século XIX. Esse processo fica evidente no quadro *A lição de anatomia do Dr Tulp*, de Rembrandt, onde é mostrado o famoso cirurgião holandês Nicholas Tulp cercado pelos estudantes, todos vestindo preto. Seja preto ou branco, são “[...] cores de negação, e o que elas negam é a cor” (SANTOS; LAGUERCIO, 2018, p.59). Pensamos que, para além de negação da cor, ambas negam o próprio sujeito que ali reside em se tratando da prática científica.

Figura 3 - A lição de anatomia do Dr Tulp – Rembrandt, 1632



Fonte: Retirado de: < <https://www.historiadasartes.com> >

Essa ausência do corpo ou seu apagamento, na prática da ciência, carrega a noção de que a ciência seria objetiva e séria. Sendo assim, a subjetividade de um corpo visível prejudicaria os resultados esperados no processo de construção científica: “[...] vestir-se de preto, acentua uma tecnologia de gênero, pois organiza uma neutralidade, sobriedade e posição para a mulher” (SANTOS; LOGUERCIO 2018, p. 64).

O vestido que anteriormente acompanhava Marie Curie, naquela ocasião, atualmente dá lugar a inúmeros outros vestidos, pretos ou coloridos, curtos ou longos. O que difere o vestido de 1927, de Curie, para os vestidos das cientistas vencedoras do Prêmio em pleno século XXI? Agora o vestido evidencia um corpo ao invés de anulá-lo. Antes o vestido preto escondia o sujeito, e hoje nas fotografias do Prêmio ele mostra a pele e também uma performance feminina de penteados nos cabelos e maquiagem. As ganhadoras do prêmio ganham o visível, com uma

performatividade de gênero que não esconde o corpo: ele está lá, ele faz parte do ritual. No entanto, essa mulher, essa cientista e esse corpo só são visíveis no Prêmio. É o *dispositivo de visibilidade* que carrega esse efeito material de trazê-la para o visível, e o que fica é a ideia essencializada, ritualizada, inventada, imaginada de mulher, de feminino. Retomando o que apontamos anteriormente na análise de Preciado (2017) sobre a performatividade, a feminilidade aqui também é um artifício, uma espécie máscara.

Paula Nunes (2017), ao analisar em sua tese de doutoramento as questões de gênero no campo da Educação em Ciências sob o viés dos lugares de poder ocupados por mulheres, aponta que a ordem discursiva entende que a ciência é impessoal, assexuada e asséptica. Nas palavras de Nunes (2017, p. 70, grifos da autora):

Quando as cientistas são questionadas sobre gênero, na impossibilidade de deixar o feminino falar naquilo que lhe é mais peculiar nesse campo - os 'entraves' que essa condição tem para a manutenção e ascensão nessa carreira - é preciso silenciá-las e seus saberes sobre a ciência não lhes autorizam a falar disso pautadas em pressupostos 'biológicos' que acabariam por desautorizá-las do saber acadêmico.

Na prática da ciência cotidiana dos laboratórios de pesquisa pelo mundo afora, as mulheres que estão lá lutam pela validação de seu saber que ainda é questionado caso elas assumam uma performatividade semelhante aquela que o *dispositivo de visibilidade* nos mostra. Como aponta Nunes (2017), qualquer tentativa de ligação do sucesso acadêmico com seu corpo deve ser interdita, ou seja, silenciar, esconder, androgenizar e exterminar qualquer resquício de feminilidade parece ser necessário na ciência.

A figura 4 mostra a Cerimônia de Premiação do Nobel de Química, de 2018. Na foto estão George P. Smith, Frances H. Arnold e Sir Gregory P. Winter, ganhadores do Prêmio em 2018. Onde está o vestido de Frances? Qual a performance de gênero desta cientista Nobel de Química? É a mesma performance que está joga nas vencedoras do Prêmio L'Oreal? As marcas de uma performatividade feminina estão sutilmente demonstradas no seu terninho rosa. Não há pele exposta, não há corpo visível, há somente mãos que juntas ao corpo tentam suprimi-lo em uma tentativa de se igualar aos colegas ao seu lado.

Figura 4 - Ganhadores do Prêmio Nobel de Química de 2018



Fonte: Retirado de: < <https://www.nobelprize.org/prizes/chemistry/> >

Tomemos como exemplo um outro universo científico, o da Premiação da Olimpíada de Ciência que ocorreu nos Estados Unidos, em 2018. Como está operando o visível nos praticantes mais jovens da ciência? Três meninas em meio a um mar de masculinidade, o vestido está presente, mas somente em preto. Retornamos a Curie? O preto que unifica, que esconde o corpo e que faz com que todos os candidatos à “gênios da ciência” tenham igualdade de condições.

Figura 5 - Cerimônia de Premiação da Olimpíada de Ciência de 2018 em Nova York.



Fonte: Retirado de: <<https://www.soinc.org>>

Ambas as fotos, mesmo que em universos científicos distintos, nos mostram que o padrão visível é a contenção ou anulação do corpo feminino. Esse processo é um contraste com as cientistas do PLMC. As fotos das vencedoras apelam pela clareza, exposta nas fotografias oficiais da premiação, e possuem fundos claros, logos da L'Oreal e seus parceiros ao fundo e até mesmo paisagens externas, como é o caso das fotos de 2015 e 2017.

Figura 6 - Vencedoras do Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO – Para Mulheres na Ciência 2015



Fonte: Retirado de: <<https://www.paramulheresnaciencia.com.br>>

Figura 7 - Vencedoras do Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO – Para Mulheres na Ciência 2017



Fonte: <<https://www.paramulheresnaciencia.com.br>>

Perfiladas, com um pé um pouco à frente do outro, vestindo lindos sapatos e de todas as cores, expressando um olhar despojado e um sorriso no rosto, um vestido elegante, as mãos livres ao lado do corpo e com maquiagem e um belo penteado. Estaríamos descrevendo uma foto de candidatas à miss universo? Não, estamos falando das fotos oficiais do Prêmio Para Mulheres na Ciência que nos mostra suas cintilações e clarões, o visível do que pode ser, essencialmente, o feminino.

Ao olharmos para essas fotos, podemos pensar que a ciência nos deu o direito de ser como quisermos, e que não é mais necessário nos esconder, nos androngenizar ou, melhor, nos tornarmos um ser não binário dentro dos laboratórios que trabalhamos? É justamente nesse efeito que está o *dispositivo de visibilidade*, nos dando essa sensação de conforto e de pertencimento ao universo que nunca nos enxergou. Mas essa sensação é como um clarão, um relâmpago num lugar bem específico e num universo quase que ficcional dentro da ciência, nos dando a impressão que houve um deslocamento completo do pêndulo para o outro extremo, ou seja, o PLMC enquanto *dispositivo de visibilidade*, ao invés de problematizar a forma assexuada da prática científica, essencializa um modelo de cientista pautado em atributos de feminilidade que cai aos olhos do senso comum.

A questão é que a ciência permanece a mesma, mantendo suas ilusões de padronização, sendo seletiva, perspicaz e estratégica. Essas cientistas estão na ciência com seu corpo, em nichos específicos e estratégicos criados pela biopolítica, sendo esse o principal efeito visual do *dispositivo de visibilidade*.

Deleuze diria que uma instituição “[...] organiza grandes visibilidades – campos de visibilidades e grandes enunciabilidades – regimes de enunciados. A instituição é biforme, bifacial” (DELEUZE, 2005, p.118). Esse campo de visibilidade pode ser percebido também pelo apelo, na modernidade, que tem sido feito às mulheres para que façam parte da ciência, uma vez que paralelamente há uma gama de *práticas* que reafirmam sua ausência.

Segundo Deleuze (2005 p. 120): “Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as “visibilidades””. As visibilidades aqui estão nas imagens, nas fotografias. Nesse sentido, “[...] é preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades. A visibilidade de uma época é o regime de luz, as cintilações, os reflexos, os clarões.” (DELEUZE, 2005, p. 212). Nesse exercício, é necessário perguntarmos o que somos capazes de ver nessas fotografias. As imagens das cientistas não normatizam, não representam, não contam histórias, não ilustram nem narram o que se passou ou se passa, e sim algo que passa por elas, luz, cintilação, clarões, marcas que exprimem e

arrancam significâncias. Assim como a pintura para Deleuze (2005) não tinha nada a narrar, tampouco uma história para contar, mesmo assim algo se passa e é capaz de definir o funcionamento daquela pintura (DELEUZE, 2007). Aqui as fotografias trazem seu funcionamento, o funcionamento da ciência e do seu sujeito, dando conta do funcionamento do feminino no universo científico.

Deleuze (2007) escreve, em seu livro *Lógica do Sentido*, que uma vez liberta da tarefa de contar uma história e de representar um objeto, a imagem se torna “[...] a forma do sensível relacionada a sensação; ela age diretamente sobre o sistema nervoso, que é carne”. (DELEUZE, 2007, p. 27). O esforço foi de encontrar, nas fotografias, a “violência da sensação”. As imagens são de mulheres cientistas, qual seria a intensidade da sensação?

As relações de poder que envolvem as singularidades que tratam da mulher e do feminino se estabilizam, se estratificam e se integram. A sensação vem com essas integrações, que constituíram os saberes que envolvem nosso corpo, nosso sexo e nosso gênero. Elas não emergem somente de práticas discursivas, mas também de campos de visibilidades, campos estes que fazem essa integração de maneira completamente distinta das dizibilidades, pautados em linhas de luz.

Estamos trabalhando com o que Deleuze chama de regiões de visibilidade. Nesse sentido, a “[...] visibilidade é uma invenção realizada por uma maquinaria extraordinária”. Deleuze aponta que em *Arqueologia do Saber* Foucault parece conceder um primado radical ao dizível em relação ao visível. As regiões de visibilidade são designadas como negativas, ou seja, o visível só viria para completar o dizível. No entanto, “[...] ele nunca afirma que o não discursivo seja redutível a um enunciado, e que seja um resíduo ou uma ilusão.”. Em toda obra foucaultiana, as visibilidades permanecem irreduzíveis aos enunciados, e mesmo que os enunciados tenham o primado eles jamais impedirão a irreduzibilidade histórica do visível. O “[...] visível tem suas próprias leis, e uma autonomia que o põe em relação com o dominante” (DELEUZE, 2005, p.220).

Ao olharmos para as fotografias das cientistas, não procuramos por elementos visuais, detalhes, qualidades, coisas ou objetos. As visibilidades que procuramos não são formas de objetos e não teriam a capacidade de serem reveladas em contato com a luz. Muito mais que isso, o que buscamos foram as formas de “[...] luminosidade, criadas pela própria luz e que deixam as coisas e os objetos subsistirem apenas como relâmpagos, reverberações, cintilações.” (DELEUZE, 2005, p. 62).

Os jogos de verdade sobre as mulheres estarem ou não na ciência perpassam inúmeras *práticas* e perpassam justamente por esses relâmpagos, reverberações e cintilações. Como aponta Deleuze (2005, p. 66),

[...] o verdadeiro só se dá ao saber através de problematizações e que as problematizações só se criam a partir de práticas – práticas de ver e práticas de dizer. Essas práticas constituem os processos do verdadeiro, uma história da verdade. Se as arquiteturas, por exemplo, são visibilidades, locais de visibilidade, é porque não são meras figuras de pedra, isto é, agenciamentos de coisas e de combinações de qualidades, mas antes de mais nada, formas de luz que distribuem o claro e o obscuro, o opaco e o transparente, o visto e o não visto.

Deleuze (2005, p. 72) propõe uma série de questões a respeito do visível, mas nesse momento nos interessou pensar: “Quais são as posições do sujeito como variáveis dessas visibilidades? Quem as ocupa e vê?”

As cientistas fotografadas tem corpo. Predominantemente, este corpo é branco. Considerando as posições de sujeito, como percebemos o fato visível de termos duas negras entre mais de 80 premiadas em 12 anos de existência do Programa? A ciência no Brasil é branca, e nessas fotografias está o efeito de várias *práticas* que funcionam e são performáticas, sendo que essa sensação está no campo das visibilidades.

7.5 CONSIDERAÇÕES

Nesse artigo, buscamos pensar como o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO - Para Mulheres na Ciência, tem operado uma forma de visibilidade pensada, ao nosso ver, enquanto *dispositivo de visibilidade*, efeito de uma estratégia de governo de uma *população* - mulheres - particularmente das ciências. Essa forma de visibilidade carrega como efeito a performatividade, que para nós abre novas possibilidades de crítica para pensar nossos modos de existência enquanto mulheres da ciência.

As imagens das vencedoras do Prêmio dão conta de legitimar que as mulheres estão ausentes da ciência ao mostrá-las como heroínas que sobreviveram e venceram a batalha para adentrar no universo científico. Utilizamos a performatividade para problematizar a corporeidade do sujeito da ciência, mais especificamente as formas de ser mulher e cientista. Para isso, traçamos um paralelo entre Marie Curie e seu vestido preto de algodão na fotografia da Conferência de Solvay, de 1927, com as fotografias das Premiadas L’Oreal, todas envolvidas por vestidos. Esse movimento possibilitou pensar que a materialidade corporal do sujeito nos laboratórios já é permitida, e que já não é mais necessário nos aprisionarmos em padrões

androgênicos para obtermos credibilidade científica. No entanto, isso não parece ocorrer no cotidiana da ciência, que mantém suas ilusões de padronização sendo seletiva, perspicaz e estratégica. Essas cientistas estão na ciência com seu corpo, em nichos específicos e estratégicos criados pela biopolítica, como esse Prêmio: essa é a visibilidade.

Deve-se discutir as tecnologias de poder que capturam nossos corpos e nossas subjetividades, pensando também nas práticas da liberdade, nas resistências e transgressões. A atuação do Prêmio L’Oreal enquanto *dispositivo de visibilidade* carrega formas de visibilidade performativas para as cientistas que não é a mesma das cientistas que estão na ciência, nos laboratórios, com bolsas de produtividade e com liderança de grupos. Sendo assim, será que esse dispositivo de visibilidade poderia propor rachaduras no funcionamento da ciência ao invés de reafirmar que não estamos nela? Ou talvez o dispositivo opere justamente nos dando essa sensação de que a ciência estaria repensando suas bases ao nos propor inserção e visibilidade? Pôr nossos corpos em vestidos, colocar no holofote esse efeito performativo sobre nós é suficiente? Pensar essas questões é fundamental, uma vez que encaramos o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO - Para Mulheres na Ciência como uma forma de visibilidade performativa, biopolítica e efeito de uma estratégia de *governo* das mulheres na ciência.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L. **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CASEIRA, F. F.; MAGALHÃES, J. C. Para Mulheres na Ciência: Uma análise do Prêmio da L’Oreal. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.10, n. esp. p. 1523-1544, 2015.

DELEUZE G. **Conversações, 1972-1990**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução Claudia Sant’Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. 28. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Orgs) **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. Revisão da Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NUNES, P. **Um ato de poder**: Narrativas das Mulheres da Química sobre suas experiências. 2017 124f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências Química da Vida e Saúde). Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

ORELLANA, R. As palavras e as imagens: uma arqueologia da pintura em Foucault. **Revista de Filosofia (UFRN)**, Natal-RN, v. 21, n. 35, p. 5-35, 2014.

PRECIADO, P. B. **Biopolítica del Género**. (Texto em PDF). 2009. Disponível em: <<http://masculinidad-es.blogspot.com.br/2009/09/biopolitica-del-genero.html>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

SANTOS, P.; LOGUERCIO, R. Q. Ficção para um corpo de cientista: Marie Curie, a invenção de si e a narrativa autobiográfica. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 1, p. 1-16, 2016.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade, há um movimento de visibilizar, mesmo que por um instante, a premissa de que as mulheres não estão nas ciências, discutir os motivos para isso e fomentar propostas e ações institucionais com o intuito de inseri-las. O foco principal das pesquisas que implementamos nesta tese de doutorado foi o Premio L’Oreal ABC/UNESCO - Para Mulheres na Ciência, criado em 2006. Os movimentos de análise desse prêmio e seu lugar de destaque na tese passaram por outros movimentos, nos quais se privilegiou a relação das mulheres com as ciências ditas exatas. Dentre eles, implementamos, no decorrer da tese, análises de notícias que tratam da mulher na ciência, publicadas no JC, artigos que compõem revistas de grande impacto no campo das pesquisas feministas desde suas primeiras edições – Cadernos PAGU e a Revista de Estudos Feministas e, por fim, as teses construídas sobre as mulheres na/da ciência no período de 2002 até 2017, cujos programas de pós-graduação pertencem a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Retornamos ao Prêmio L’Oreal com o olhar perspectivado pelas análises anteriores e pelos autores de referência dessa pesquisa, Michel Foucault e Judith Butler, que nos possibilitaram utilizar o dispositivo e a performance como ferramentas de análise.

O percurso metodológico de produção dessa tese teve início com uma análise documental dos materiais produzidos sobre o campo dos estudos de gênero e feminismos em suas diferentes perspectivas teóricas, tanto dentro do feminismo, quanto dos estudos de gênero. Analisar a constituição do termo gênero nos levou a percebê-lo como uma tecnologia de poder que compõe uma forma de conhecimento de si mediada pelo constructo teórico do termo, mas que nesse foco engendrado produz um apagamento de um jogo de verdade anterior que se refere a outra produção, a produção do sexo. Entender o gênero foi um movimento de pesquisa bibliográfica que se caracterizou por uma análise dos jogos de verdade que produziram uma fala específica, bem como perspectivas no tempo histórico que atravessam, manipulam, constituem e instituem formas de governo do eu ou performatividades possíveis em nosso tempo.

Para essa busca, reunimos textos de autoras que discutem a emergência do termo gênero por crermos que não é possível tratar de gênero sem tratar de sexo e corpo, como diria Lauretis (1994). Esses conceitos são engendrados, e utilizamos o texto de Thomas Laqueur (2001) onde ele mostra a invenção do corpo feminino após o século XVIII. Nos utilizamos do artigo²⁷

²⁷ Artigo: O sujeito do feminismo e do pós-estruturalismo. Publicado na Revista de Estudos Feministas, n. 13, v. 3, set./dez., 2005.

publicado pela pesquisadora Silvana Aparecida Mariano (2005), docente da Universidade Estadual de Londrina, que aponta algumas das críticas das teorias feministas de cunho pós-estruturalistas às teorizações do sujeito universal.

Além disso, utilizamos as publicações da filósofa francesa Elsa Dorlin (2009) para mostrar como o gênero migra do campo médico para o campo social enquanto conceito. Ainda na análise documental sobre o gênero, utilizamos o texto “A Tecnologia do Gênero”, da historiadora italiana Teresa de Lauretis (1994), para discutirmos a ideia de que o gênero é uma tecnologia, ou seja, uma minuciosa rede de práticas tidas como verdadeiras sobre as mulheres, sua sexualidade e seu corpo. No mesmo sentido, retomamos o termo tecnologia dos corpos, cunhado por Paul-Beatriz Preciado (2009), que organiza sua ação sobre os corpos sexuados e performativos. Por fim, relacionamos a ideia de tecnologias do gênero/corpo com o conceito de performatividade da filósofa norte-americana Judith Butler (2002; 2015). Esse conceito nos ajuda a pensar o gênero como *prática*, segundo Foucault (2008), e configura uma ferramenta importante de análise posterior das mulheres cientistas que se assujeitam e/ou subjetivam à política do Prêmio L’Oreal.

No que concerne ao feminismo, não é possível discuti-lo como um bloco único, pois há uma diversidade de perspectiva de entendimentos que são tanto históricos e culturais, quanto contemporâneos. O feminismo é mais do que um campo de saber histórico social, ele também é geográfico. Nesse sentido, podemos perceber que há uma forma anglo-saxônica de falar de feminismo, outra européia e ainda latino-americana, cada uma delas respeitando um determinado foco da luta pelo estabelecimento de uma nova configuração de gênero. Nessa análise documental sobre os feminismos, buscamos autoras contemporâneas desses vários lugares para falar de um feminismo no plural, um feminismo enquanto prática de liberdade, enquanto resistência e linha de fuga. Entre elas, retomamos aqui Paul-Beatriz Preciado, Maria Luísa Femenías, a filósofa Judith Butler e a historiadora Silvana Aparecida Mariano para tratar da questão do sujeito do feminismo.

Constituídas as análises documentais, passamos para o processo de análise dos dados focando na relação mulheres e ciências, apontados anteriormente: *Jornal da Ciência*, os artigos da *Cadernos PAGU*, a *Revista de Estudos Feministas* e as teses. Por fim, buscamos pelas teses publicadas que envolvem a temática de gênero e ciência nas duas últimas décadas. A busca foi realizada no Portal da Capes pelos termos “mulher e ciência” e “gênero e ciência”. A questão a ser pensada foi a de como podemos identificar, nessas três abrangências da temática, as

mudanças sociais, ou seja, a possibilidade do pensamento e a transposição desse pensamento em um saber institucionalizado sobre as mulheres na ciência?

Para olharmos para o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO - Para Mulheres na Ciência e o compreendermos como um *dispositivo de visibilidade*, foi necessário um movimento de circulação por outros lugares onde as *práticas* também estão. A composição de “[...] discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2010, p. 244) perpassam por todos os lugares anunciados de análise: o JC, os Periódicos e as Teses. O Prêmio L’Oreal é o *dispositivo* em ação composto pelo fardo de uma urgência, de uma demanda composta por todo esse dito e não dito desses lugares distintos de saber.

Inúmeras são as *práticas* que tornam possível a afirmação de que existem poucas mulheres na ciência. Essa percepção nos levou a tomar as estratégias, as políticas, os prêmios e as imagens como componentes de um *dispositivo*. Criamos o conceito de *dispositivo de visibilidade* para utilizá-lo como ferramenta analítica, o que para nós consistiu em um potente exercício do pensamento. Pensar é operar no interstício, nas disjunção entre o ver e o falar. Essas *práticas* podem não estar no campo do visível, mas é justamente utilizando o *dispositivo de visibilidade* como ferramenta de análise que percebemos como elas agem nas dobras do poder.

Propomos, nesta tese, pensar na tríade gênero, sexo e corpo, movimento potente para quem se propõe trabalhar com o campo de saber dos estudos de gênero e feminista na contemporaneidade. Para além do natural, é desta forma que se criam condições de possibilidade para outras formas de pensar, aquelas que escapam, resistem e espalham. A fixidez dos conceitos nos engessa num efeito produtivo do poder – a materialidade das *práticas*. Olharmos esta rede de *práticas* percebendo suas lateralidades nos permitiu buscar as disjunções que envolvem nosso corpo, nosso sexo e nosso gênero.

Tratar essas práticas de visibilidade em torno das cientistas enquanto *dispositivo* significa vê-las como diretamente imbricadas nas relações de poder e saber. Essa visibilidade se efetiva quando aciona saberes para um conjunto de leis, direitos, regulamentos, enfim, conjunto de práticas que o institucionalizam e dão legitimidade. O movimento feminista contemporâneo, plural e disforme, proporciona um lastro estratégico para a efetivação do *dispositivo de visibilidade*. Esses feminismos têm incidido diretamente no estabelecimento de

políticas e programas, como o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO – Para Mulheres na Ciência que analisamos.

Nesta tese, entendemos o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO - Para Mulheres na Ciência como operador de uma forma de visibilidade biopolítica, como efeito de uma estratégia de *governo* das mulheres na ciência se constituindo em um *dispositivo de visibilidade*. Este prêmio, ao trazer para o visível as cientistas, cria um efeito performativo, abrindo novas possibilidades de crítica para se pensar nossos modos de existência. Buscamos pensar as tecnologias do poder que capturam corpos e subjetividades, assim como pensar as práticas da liberdade, as resistências e transgressões possíveis.

No entanto, fica o questionamento se esse *dispositivo de visibilidade* - o Prêmio L’Oreal ABC/UNESCO - Para Mulheres na Ciência - é capaz de provocar algumas rachaduras no funcionamento da ciência, ou se a ação do *dispositivo de visibilidade* ocorre no sentido de fornecer a sensação de que a ciência está rachando e repensando suas bases. Nossos vestidos sob o holofote serão suficientes para debater e rachar os grandes mitos que estruturam a ciência moderna? Cremos que não, mas talvez esse *dispositivo de visibilidade* e tantos outros possam ser pensados como intervalares, como espaços heterotópicos, como diria Foucault (2001), e que nossos vestidos sobre o holofote sejam instrumentos de intensificação desse intervalo, desmembrando as práticas que operam a visibilidade das mulheres na ciência.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.17, n. 2, p. 41-52, 2005.
- BELTRAN, Patrícia; SABSAY, Leticia. **Judith Butler en disputa: lecturas sobre la performatividad**. Madrid: Editorial Egales, 2012.
- BITENCOURT, Silvana Maria. **Candidatas à Ciência: a compreensão da maternidade na fase do doutorado**. 2011, 340f. Tese (Doutorado em Sociologia Política), Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2011.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres – Relatório de Implementação – 2005, 2006**, 116p.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BUTLER, Judith P. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”**. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo**. **Cardernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 11-42, 1998.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CASEIRA, Fabiane Figueiredo; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Para Mulheres na Ciência: Uma análise do Prêmio da L’Oréal**. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.10, n. esp. p. 1523-1544, 2015.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução Ingrid Muller Xavier. Revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Valter Omar Kohan. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- CHANTER, Tina. **Gênero: conceitos-chave em filosofia**. Tradução Vinicius Figueira. Revisão técnica Edgar da Rosa Marques. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. 1ed. Dourados: Ed. UFGD, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant’Anna Martins. Revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990.

DORLIN, Elsa. **Séxo, género y sexualidades: Introducción a la teoría feminista**. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Vision, 2009.

DUARTE, André. Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth. **Figuras de Foucault**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FEMENÍAS, Maria Luisa. **Sobre sujeto y género: re-lecturas feministas desde Beauvoir a Butler**. 2. ed. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade: curso dado no Collège de France (1975-1976)**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos e escritos, 3)

FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. (Ditos e escritos, 9)

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. 28. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. (Orgs) **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Tradução Eduardo Brandão. Revisão da Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREITAS, Lucas Bueno de.; LUZ, Nanci Stancki da. Gênero, Ciência e Tecnologia: estado da arte a partir de periódicos de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, 2017. n. 49, p.1-26.

GONZÁLEZ, Wilbert A. Pinto. Historia Del Feminismo. **Revista de La Universidad Autónoma de Yucatán**, Merida, n.225, p. 30-45, jun./dez., 2003.

LAQUEUR, Thomas Walker. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LIMA, Betina Stefanello. **Políticas de equidade em gênero e ciências no brasil: avanços e desafios**. 2017, 308f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2017.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Perseverança e resistência: a engenharia como profissão feminina**. 2005, 292f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2015.

MACHADO, Lia Zanotta. Enfoques de gênero e Enfoques feministas: desafios metodológicos. **48º Reunião da PNPM**. 22/08/2013. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/assuntos/pnpm/48a-reuniao/palestra-5-enfoques-de-genero-e-enfoques-feministas-desafios-metodologicos.pdf/view>>. Acesso em: 5 abr. 2017.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e do pós-estruturalismo. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, set./dez., 2005.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v18, n.36, p.67-92, jun., 2010.

MENEZES, Marcia Rodrigues. **A matemática das mulheres: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia. (1941-1980)**, 2015, 383f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo), Programa de Pós-Graduação em Estudos Disciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

MINELLA, Luzinete. Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 40, p. 95-140, jan.-jun. 2013.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v.8, n. 2, p. 1-33, 2000.

NIGRO, Rachel. Foucault e a crítica feminista pós-estruturalista. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 21, n. 31, p. 45-60, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/361>>. Acesso em: 30 set. 2017.

NUNES, Paula. **Um ato de poder: Narrativas das Mulheres da Química sobre suas experiências**, 2017. TESE (Doutorado em Educação em Ciências Química da Vida e Saúde).

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de Oliveira. **Elogio da Diferença: O feminismo emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

OLIVEIRA, Sandra Maria Roque De. **O discurso da diferença entre homens e mulheres no IFPE Recife, século XXI**, 2014. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ORELLANA, Rodrigo. As palavras e as imagens: uma arqueologia da pintura em Foucault. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 21, n. 35, p. 5-35, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Biopolítica del Género**. (Texto em PDF). 2009. Disponível em: <<http://masculinidad-es.blogspot.com.br/2009/09/biopolitica-del-genero.html>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

PRECIADO, Paul B. Liberar o feminismo das políticas identitárias. **Liberati3n**. Tradução Silvio Pedrosa. 9 maio 2014b. Disponível em: <<http://uninomade.net/>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n1 Edições, 2014a.

RABINOW, P.; ROSE, N. O conceito de biopoder hoje. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 24, p. 27-57, abr. 2006.

RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós)modernidade n Brasil. **Cadernos AEL**, Campinas, n. 3, p. 12-43, 1995/1996.

RAGO, Margareth. O feminismo acolhe Foucault. **Revista Labrys Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 26, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys26/sumarios/foucault.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

SANTOS, Paloma; LOGUERCIO, Rochele Quadros. Ficção para um corpo de cientista: Marie Curie, a invenção de si e a narrativa autobiográfica. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 1, p. 1-16, 2016.

SANTOS, Vívian Matias dos. **Sobre mulheres, laboratórios e fazeres científicos na Terra da Luz**. 358f, 2012. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SCOTT, Joan. Usos e abusos do gênero. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SILVA, Fabiane Ferreira da. **Mulheres na ciência: Vozes, tempos, lugares e trajetórias**. 2012 149f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências Química da Vida e Saúde (UFSM – FURG - UFRGS) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SOUZA, Angela Maria Freire de Lima E. **As armas de marte no espelho de vênus: a marca de gênero em ciência.** 2003, 216f. Tese (Doutorado Em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Da Bahia, Salvador, 2003.

ANEXOS

	TESES (BUSCA POR “MULHER E CIÊNCIA”)	ANO
1	Araújo, Betania Maciel de. Mulher e Ciência: Questões e problemas da inserção feminina na pesquisa científica identificados pela "agenda setting" de dois periódicos científicos internacionais. 01/03/2002 468 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO.	2002
2	SOUZA, ANGELA MARIA FREIRE DE LIMA E. As Armas de marte no espelho de vênus: a marca de gênero em ciência 01/08/2003 216 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR	2003
3	Vicino, Mariangela Lello. Discurso, Memória e História Oral: Um estudo da narrativas de mulheres cientistas 01/04/2004 190 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ARARAQUARA	2004
4	Lombardi, Maria Rosa. Perseverança e resistência: a engenharia como profissão feminina. 01/01/2005 300 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	2005
5	Cruz, Joliane Olschowsky da. Mulher na ciência: representação ou ficção 01/08/2007 242 f. Doutorado em CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO,	2007
6	Trindade, Lais dos Santos Pinto. Práticas Femininas: La Chymie Charitable de Marie Meurdrac 01/05/2010 114 f. Doutorado em HISTÓRIA DA CIÊNCIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	2010
7	Bitencourt, Silvana Maria. Candidatas à Ciência: a compreensão da maternidade na fase do doutorado. 01/03/2011 340 f. Doutorado em SOCIOLOGIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS	2011
8	Amaral, Daniela Murta. "Os Desafios da despatologização da Transexualidade: Reflexões sobre a Assistência a Transexuais no Brasil. 01/04/2011 193 f. Doutorado em SAÚDE COLETIVA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO.	2011
9	Lima, Nádia Regina Loureiro de Barros. O SILENCIAMENTO DISCURSIVO de GÊNERO NO CURRÍCULO OCULTO DO ENSINO DA MATEMÁTICA 01/12/2011 156 f. Doutorado em LETRAS E LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS	2011
10	SILVA, FABIANE FERREIRA DA. Mulheres na ciência: Vozes, tempos, lugares e trajetórias. 01/03/2012 146 f. Doutorado em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE (UFMS - FURG) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	2012
11	Santos, Vívian Matias dos. Sobre mulheres, laboratórios e fazeres científicos na Terra da Luz 01/06/2012 180 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ,	2012
12	KOVALESKI, NADIA VERONIQUE JOURDA. Relação de Gênero entre Docentes dos Programas de Pós-Graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e da Universidade Tecnológica de Compiègne (UTC-França): um estudo de comparativo das carreiras de homens e mulheres 13/12/2013 257 f. Doutorado em TECNOLOGIA E SOCIEDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ	2013
13	RODRIGUES, JEORGINA GENTIL. GÊNERO, CIÊNCIA & TECNOLOGIA E SAÚDE: apontamentos sobre a participação feminina na pesquisa na Fundação Oswaldo Cruz 26/02/2014 129 f. Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ.	2014
14	OLIVEIRA, SANDRA MARIA ROQUE DE. O discurso da diferença entre homens e mulheres no IFPE Recife, século XXI 28/07/2014 311 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	2014

15	SOMBRIO, MARIANA MORAES DE OLIVEIRA. Em busca pelo campo: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX' 06/08/2014 239 f. Doutorado em POLÍTICA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS.	2014
16	HEERDT, BETTINA. Saberes docentes: Gênero, Natureza da Ciência e Educação Científica.' 18/12/2014 undefined f. Doutorado em ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA.	2014
17	PAZ, MONICA DE SA DANTAS. Mulheres e Tecnologia: hackeando as relações de gênero na comunidade software livre do Brasil' 25/02/2015 300 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	2015
18	MENEZES, MARCIA RODRIGUES. A MATEMÁTICA DAS MULHERES: as marcas de gênero na trajetória profissional das professoras fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia. (1941-1980)' 03/03/2015 381 f. Doutorado em ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	2015
19	GOMES, MARCIA CRISTINA. Ciência e tecnologia: desequilíbrios de gênero na docência da educação superior' 11/05/2015 280 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	2015
20	MENDONCA, LEDA GLICERIO. Sobre as Invisibilidades: a cientista em filmes de comédia utilizados no ensino de Deontologia e Ética Farmacêutica' 20/08/2015 205 f. Doutorado em ENSINO EM BIOCÊNCIAS E SAÚDE Instituição de Ensino: FUNDACAO OSWALDO CRUZ	2015
21	NUCCI, MARINA FISHER. Não chore, pesquise!": Reflexões sobre sexo, gênero e ciência a partir do neurofeminismo' 04/09/2015 222 f. Doutorado em SAÚDE COLETIVA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	2015
22	LIMA, BETINA STEFANELLO. Políticas de equidade em gênero e ciências no Brasil: avanços e desafios' 27/03/2017 308 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS.	2017